ANTONIO GILBERTO

Índice 

Manual da Escola Dominical

Edição Atualizada e Ampliada

Um curso de treinamento
para professores iniciantes
e de atualização para
professores veteranos
da Escola Bíblica Dominical

ANTONIO GILBERTO

Manual da Escola Dominical

Edição Atualizada e Ampliada

Um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização para professores veteranos da Escola Bíblica Dominical

Digitalizado e Editado por Keryx Digital

CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1974 para a língua portuguesa, da CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS.

Capa: Dennis Hanson

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S578m

Silva, Antonio Gilberto da, 1929–
Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical / Antonio Gilberto da Silva. 17ª ed. melhorada e aum. — Rio de Janeiro : Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

Bibliologia
1. Escola Dominical. I. Título

CDD - 268
81-0251 CDU - 268

Os mapas desta edição foram gentilmente cedidos pela Sociedade Bíblica do Brasil, detentora dos direitos sobre as mesmas

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

34ª Edição/2008

Cuidado! Não exclua esta página ou então os links não irão funcionar

Digitalização e Edição



KERYX DIGITAL
DIGITALIZANDO EM PROL DO REINO

Índice

PREFÁCIO 7

APRESENTAÇÃO 11

INTRODUÇÃO 13

UNIDADE I — BIBLIOLOGIA 17
Cap. I - A Bíblia e seu Estudo 19
Cap. II - A Bíblia e sua História 29
Cap. III - A Bíblia e sua Estrutura 43
Cap. IV - A Bíblia e sua Mensagem 51

UNIDADE II — TEOLOGIA SISTEMÁTICA 89
Introdução à Doutrina 91
I - A Importância da Doutrina 91
II - Formas de Doutrinas 92
III - Diferenças Básicas Entre Doutrinas e Costumes 92
IV - O Perigo das Falsas Doutrinas 92
V - A Classificação das Doutrinas da Bíblia 93
VI - Principais Doutrinas da Bíblia, ... 93
VII - Esboço de Doutrinas 94

UNIDADE III — ESCOLA DOMINICAL 123
Introdução - A Exata Conceituação de E/D 125
Cap. I - A História da Escola Dominical 128
Cap. II - Os Objetivos da Escola Dominical 139
Cap. III - A Organização e Administração da E/D 146
Cap. IV - A Promoção e Possibilidades da E/D 170

UNIDADE IV — PEDAGOGIA 179
Cap. I - O Ensino 181
Cap. II - O Professor da Escola Dominical 192
Cap. III - Métodos e Acessórios de Ensino 200
Cap. IV - O Currículo e o Aproveitamento Escolar 207

UNIDADE V — PSICOLOGIA EDUCACIONAL 217
Introdução à Psicologia Educacional 219
Cap. I - O Aluno 220
Cap. II - A Personalidade 222
Cap. III - As Características dos Grupos de Idade 227

BIBLIOGRAFIA 239
FICHA DE MATRÍCULA NA ESCOLA DOMINICAL 245
HINO OFICIAL DO CAPED 246
MAPAS BÍBLICOS 241
ÍNDICE ANALÍTICO REMISSIVO 247

Prefácio

Quis a nímia gentileza do distinto Pastor Túlio Barros Ferreira, digníssimo Presidente do Conselho Administrativo da CPAD, que eu emitisse meu desvalioso parecer sobre este Trabalho — CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DA ESCOLA DOMINICAL — CAPED.

O CAPED é uma iniciativa altamente auspiciosa para aqueles que se interessam pelo amadurecimento intelectual do nosso povo, pois reflete o desejo crescente dos responsáveis pela CPAD, em proporcionar melhorias que serão introduzidas em nossas Escolas Dominicais.

O curso não será um simples guia do estudante; nele são debatidos problemas e apresentadas matérias de real transcendência; mesmo para o abalizado professor da Escola Dominical será também uma fonte genuína de informações úteis.

É certo que se não pode conseguir maiores rendimentos no ensino, se os professores não estiverem suficientemente preparados — por isso que o Conselho da CPAD ensaia uma tentativa de realização dessa tarefa imensa e complexa que é o aperfeiçoamento de professores, ou seja, de pessoas que exerçem ou que pretendam exercer o magistério da Palavra de Deus, em nossas igrejas. O preparo de professores, repetimos, é uma tarefa que exige larga envergadura, amplo descortino e provecta madureza.

Estamos conscientes de que se iniciou caminhada na direção certa e adiantamos um passo significativo nesse tema tão fecundo, quão inexplorado em nosso meio.

Para consecução deste elevado desiderato, o Professor Antonio Gilberto buscou autoridades onde haurir princípios que orientassem aplicações. E de posse de melhores e mais atualizadas informações no campo da moderna pedagogia, preparou matérias na medida das possibilidades dentro do espaço de tempo de que pôde dispor. Não é um trabalho completo, mas representa louvável esforço no sentido de elevar a eficiência do ensino e aproveitamento em nossas Escolas Dominicais, pois, não é bastante que se consiga matrícula numerosa, com muitas classes funcionando, porém o essencial é que os alunos de todas as faixas etárias obtenham aproveitamento que amplie sempre o conhecimento das verdades contidas em cada lição.

Do ponto de vista técnico podemos dizer, e já o fizemos em outra oportunidade, que a pedagogia moderna ergue-se vencedoramente contra o verbalismo da escola tradicional. Precisamos ultrapassar esse passivismo memorista, bem como o método inadequado, árido e nostálgico, principal responsável pela dispersão e desinteresse de grande parte dos que freqüentam as nossas Escolas Dominicais.

Neste curso (CAPED) procuramos desenvolver um programa dentro da orientação, tanto quanto possível, científica e positiva.

Há trechos que talvez pareçam inacessíveis aos alunos que iniciam o estudo de pedagogia, mas os professores do curso orientarão e elucidarão tais trechos.

Devemos levar em conta que a educação atua tanto na formação do indivíduo como na formação do povo, determinando-lhe, em muitos casos, o alcance de suas possibilidades *fisiopsíquicas*. Contudo não se deve esquecer que a educação trabalha sobre o indivíduo mas não o renova; esta obra é realizada somente pelo Espírito Santo. A educação melhora o exemplar humano, desenvolvendo suas aptidões e capacidade. A eugenia pretende levar esse aperfeiçoamento além do indivíduo, buscando bases nos ensinamentos biológicos, e leva de antemão a convicção de trabalhar dentro dos limites impostos pela natureza. É com grande esforço, sem dúvida;

porém, a transformação do "homem interior", cujos reflexos se estendem a toda a periferia da sua constituição somática, é realizada exclusivamente pela obra redentora aplicada pelo Espírito Santo, na vida daquele que crê.

O CAPED não objetiva, mesmo remotamente, alterar princípios doutrinários e costumes que a Igreja Assembléia de Deus vive e conserva, ciosamente, desde sua fundação, no Brasil. O curso pretende, dentro das suas possibilidades, corrigir falhas e preencher lacunas que não mais se justificam.

Todos aqueles que, bem intencionados, têm procurado conservar os bons princípios e tradições da Igreja, estejam certos de que o CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DA ESCOLA DOMINICAL — CAPED, atuará sempre na vanguarda, junto a todos que, sinceramente, lutam para que os bons princípios e costumes de nossas igrejas não sejam modificados.

CONTEÚDO GERAL DO CURSO

Unidade I – **Bibliologia.** *A Bíblia e seu Estudo. A Bíblia e sua história. A Bíblia e sua estrutura. A Bíblia e sua mensagem.*

Unidade II – **Teologia Sistemática.** *Súmula das doutrinas fundamentais. Introdução à doutrina. Lista das principais doutrinas da Bíblia. Esboço das principais doutrinas da Bíblia.*

Unidade III – **Escola Dominical.** *Introdução à Escola Dominical. A história da Escola Dominical. Os objetivos da Escola Dominical. A organização e administração da Escola Dominical. A promoção e possibilidades da Escola Dominical.*

Unidade IV – **Pedagogia.** *Introdução. O ensino na Escola Dominical. O professor da Escola Dominical. O currículo e avaliação do aproveitamento escolar.*

Unidade V – **Psicologia Educacional.** *Introdução. O aluno. A personalidade. Características dos grupos.*

Que Jesus, o Divino Mestre, o Mestre dos mestres, para cuja glória nos demos a este labor, se digne aprová-lo com as bênçãos e inspiração constantes.

E não nos esqueçamos de que Ele nos recomendou: "*Vos autem nolite vocari Rabbi; unus est onim magister vester, omnes autem vos fratres estis*" (Mt 23.8).

Aos diletos leitores e alunos, para quem se escreveu este Curso, e a quem afetuosamente dedicamos, pedimos nos relevem as falhas naturais em obras como esta, e procurem ampliar com zelosa aplicação, as idéias e orientações que enfeixamos neste modesto estudo que concatenamos, no elevado propósito de servir a Jesus e à sua Igreja.

JOÃO PEREIRA DE ANDRADE E SILVA
Diretor de Publicações da CPAD
(Quando do lançamento da
1ª edição deste livro)

Apresentação

Ao ensejo do lançamento, em caráter definitivo, do manual do Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical — CAPED, apraz-nos oferecer uma palavra de congratulação com o povo de Deus em todo o território pátrio, pelo feliz acontecimento.

Tempos houve em que a Escola Dominical esteve relegada a um plano inferior no contexto das grandes realizações da Igreja do Senhor. É chegado, todavia, um sentimento diferente, altruísta e edificante no tocante a essa que é, sem favor, a maior escola do mundo.

Saudamos bem-vindo esse manual, ao mesmo tempo em que o apresentamos aos milhares de professores de nossas inúmeras Escolas Dominicais na certeza de que o despertamento, que já atingiu as mais diferentes áreas de atividades do povo de Deus no Brasil, alcance, de igual modo, o setor de ensino da Igreja, através de métodos realmente compatíveis com as circunstâncias de uma época crítica, em que as forças opressoras do inimigo tudo fazem para deter a marcha do Evangelho.

Contemplamos, por fé, a áurea época em que a Escola Dominical será uma instituição líder na Igreja, com professores adestrados no Espírito e no entendimento — e estamos cônscios de que este manual ajudará a tornar possível este anelo.

Jesus dedicou um terço do seu ministério ao ensino (Mt 4.23), e a Igreja não poderá seguir outra rota. Ensinar a verdade, ministrar a Palavra, revelar os mistérios, repartir o tesouro, eis a tarefa da Escola Dominical. Para essa missão,

estão sendo convocados todos os homens de ideal e cheios do Espírito Santo. E, como a cada soldado deve ser oferecida a respectiva arma, este manual surge como um precioso instrumento de trabalho para uma ação mais eficiente e eficaz de nossa Escola Dominical. Seja ele lançado "sobre as águas", pois com certeza frutificará. "Os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas para sempre."

Pelo Conselho Administrativo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

TÚLIO BARROS FERREIRA
Presidente
(Quando do lançamento da 1ª edição deste livro)

Introdução

Destina-se o modesto livro que o leitor tem em mão a prover conhecimentos básicos a professores iniciantes da Escola Dominical, bem como reforçar os de professores veteranos, contribuindo — assim cremos — para aumento de sua capacidade e qualidade de ensino.

Obreiros de qualquer categoria e experiência, por certo encontrarão nele subsídios úteis a seus ministérios, seja na área do pastorado, do ensino ou da pregação, dado a variedade de assuntos tratados.

O curso contido neste compêndio não tem jamais a pretensão de ser completo. Por outro lado, a feição e disposição do seu conteúdo obedece a um plano previamente elaborado para cursos de curta duração, objetivando facilitar a consulta e estudo e tornar a leitura agradável.

O manual é fruto de nossas observações, vivência e labores no campo da Escola Dominical, em mais de 25 anos, no Brasil e fora dele. Durante quase todo esse tempo temos, pela misericórdia e graça de Deus, servido como professor da Escola Dominical.

Consultamos, sim, obras congêneres, porém o fator marcante na elaboração e concatenação deste curso foi a nossa humilde experiência nas lides do ensino secular a serviço do Governo e ao mesmo tempo no âmbito da Igreja.

Desde 1951 comecei a observar atentamente o funcionamento da Escola Dominical, no Brasil e noutros paises, e ao mesmo tempo comecei a fazer apontamentos e coligir dados para melhor servir como professor da Escola Dominical.

Continuei fazendo novas observações e enriquecendo minhas notas sobre o assunto, nos seus principais aspectos, como aparecem neste livro.

Por fim, fui convidado a ministrar cursos intensivos de Escola Dominical em diversas igrejas na cidade do Rio de Janeiro, aos quais Deus abençoou sobremaneira. Glória ao seu Nome! Boa parte do material deste livro procede daqueles cursos que ministramos então.

Parte do material vem também de experiências vividas e colhidas quando na direção de escolas, e organização de outras, através do vasto Brasil.

Em 1974, o colendo e dinâmico Conselho Administrativo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus, sob a presidência do pastor Isaac Martins Rodrigues, em sua primeira reunião do ano, apreciou e aprovou a realização em escala nacional de um curso para professores da Escola Dominical, denominado Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical — CAPED, visando treinar professores iniciantes e atualizar professores veteranos, cujo manual normativo tivemos a honra de elaborar, por solicitação do referido Conselho, a saber, este livro.

O primeiro CAPED foi ministrado no antigo Estado da Guanabara, por ocasião do Jubileu de Ouro das Assembléias de Deus do Grande Rio, na A/D em São Cristovão, em julho de 1974. Para esse curso, preparamos às pressas a primeira edição mimeografada deste livro, dado a premência de tempo.

A matéria do manual pode ser ministrada num curso intensivo de uma semana, num mínimo de 35 aulas, podendo ser desdobrada, para abarcar uma maior faixa de tempo, dependendo das circunstâncias locais e atendimento de necessidades.

Unidade I - Bibliologia

Sendo a Bíblia o livro-texto da Escola Dominical, deve ser o primeiro assunto a ser estudado. Além disso, para serviço eficaz no reino de Deus, o preparo prioritário é o do coração,

sendo a Palavra de Deus o elemento principal para isso.

Unidade II – Teologia Sistemática. Uma súmula das doutrinas fundamentais.

É evidente. Após conhecermos a Bíblia por fora (Unidade I), é mister conhecê-la por dentro (Unidade II), isto é, conhecer suas doutrinas e santos ensinos — os mesmos que disseminamos na Escola Dominical.

Unidade III – Escola Dominical

É o estudo do campo de trabalho que vamos explorar e nele laborar. Sim, o professor precisa conhecer os objetivos, a organização e a administração da Escola Dominical, para bem conscientizar-se do alcance, importância e responsabilidade de sua sublime missão entre os homens.

Unidade IV – Pedagogia

É o preparo do professor para ensinar. Tendo estudado a Escola Dominical, é mister um estudo e preparo daquele de quem humanamente ela depende — o professor.

Unidade V – Psicologia Educacional

É o estudo do aluno. O professor, se quiser ter êxito no ensino, precisa não somente conhecer a matéria que ensina (A Bíblia), mas também seu campo de aplicação — o aluno. Podemos aprender sem professor, mas não podemos ensinar sem aluno. Pedagogia e Psicologia Educacional são matérias gêmeas. Interpenetram-se. Formam um todo.

Cada capítulo do livro é seguido de um questionário para conveniência do leitor na retenção da matéria ou sua utilização em atividades discentes. Uma exceção é feita na Unidade II que tem um questionário único.

No final do volume o leitor encontrará um índice remissivo para sua conveniência em consulta rápida.

Uma palavra final que reputamos oportuna: se não ensinarmos a Palavra de Deus às nossas crianças e aos novos convertidos, outros o farão, inoculando neles o veneno do erro e

das tendências negativas. O futuro espiritual deles depende, pois, do que lhes ensinarmos agora, da parte de Deus.

Por outro lado, se não treinarmos nossos professores, eles procurarão melhorar seus conhecimentos bíblicos de outra maneira, para fazerem face às necessidades com que se deparam ante alunos cada vez mais ávidos pelo saber. Não há poder suasório capaz de estimular um aluno a freqüentar uma Escola Dominical onde ele ouve sempre o que já sabe, ou aprende sozinho e com menos esforço aquilo que depois lhe é ensinado.

A maior necessidade do inconverso é a pregação ungida, das boas-novas de salvação. A maior necessidade dos crentes é o sagrado ensino da Palavra, no poder e unção do Espírito. O plano de Deus é que todos os homens se salvem, e cheguem ao pleno conhecimento da verdade, e não ao contrário disso. (1 Tm 2.4 – ARA)

Onde na Igreja, pode esse ensino ser ministrado de modo gradual, seguido, metódico, senão na Escola Dominical?

Se Deus for glorificado, e vidas edificadas na Palavra de Deus, e Escolas Dominicais plantadas, edificadas e aumentadas em número e qualidade, como resultado do estudo e aplicação deste curso, nisto está a nossa recompensa.

A Deus, nosso amoroso Pai celestial, infinitamente misericordioso, poderoso e sábio, toda glória e louvor, agora e por toda a eternidade.

ANTONIO GILBERTO

UNIDADE I
Bibliologia

CAPÍTULO I
A Bíblia e Seu Estudo 19

CAPÍTULO II
A Bíblia e Sua História 29

CAPÍTULO III
A Bíblia e Sua Estrutura 43

CAPÍTULO IV
A Bíblia e Sua Mensagem 51

UNIDADE I - BIBLIOLOGIA

CAPÍTULO I
A Bíblia e seu Estudo

I. O que é a Bíblia 20
II. Porque devemos estudar a Bíblia 20
III. Como devemos estudar a Bíblia 20
IV. Como podemos entender a Bíblia 21
V. Observações úteis e práticas no manuseio e estudo da Bíblia 23
VI. Fontes de consulta 26

I. O que é a Bíblia

É a revelação de Deus à humanidade. Seu Autor é Deus mesmo. Seu real intérprete é o Espírito Santo. Seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo. Esta atitude para com a Bíblia é de capital importância para o êxito no seu estudo. Nossa atitude para com a Bíblia mostra nossa atitude para com Deus. Sendo a Bíblia a revelação de Deus, ela expressa a vontade de Deus. Ignorar a Bíblia é ignorar essa vontade. Certo autor anônimo corretamente declarou: "A Bíblia é Deus falando ao homem; é Deus falando através do homem; é Deus falando como homem; é Deus falando a favor do homem; mas é sempre Deus falando!"

II. Porque devemos estudar a Bíblia

Dentre as muitas razões destacaremos algumas:

A. Porque ela ilumina o caminho para Deus (Sl 119.105,130).

B. Porque ela é alimento espiritual para o crescimento de todos (Jr 15.16; 1 Pe 2.1,2). Sabemos que a boa saúde aguça o apetite. Tens apetite pela Bíblia? Se só tens apetite por leituras sem proveito, terás fastio pela Bíblia, o que é um mau sinal. Cuida disso...

C. Porque ela é o instrumento que o Espírito Santo usa na sua operação (Ef 6.17). Se queres que o Espírito Santo opere em ti, inclusive no ministério da oração (Jd v.20), procura ter o instrumento que Ele utiliza — a Palavra de Deus. É que na oração precisamos apoiar nossa fé nas promessas de Deus, e essas promessas estão na Bíblia!

D. Porque ela nos vivifica (Sl 119.107).

III. Como devemos estudar a Bíblia

Dentre as várias formas destacamos algumas.

A. Leia a Bíblia conhecendo seu Autor: Deus (Is 34.16; Jr 1.12). Assim sendo, Ele mesmo no-la revelará (Lc 24.45; 1 Co 2.10,12,13). Ninguém pode melhor explicar um livro do que o seu autor. A Bíblia é um livro de compreensão fácil e ao

mesmo tempo difícil, mas, se conhecermos o seu Autor a compreensão torna-se mais fácil.

B. Leia a Bíblia diariamente (Dt 17.19). Fazendo assim, alimentar-te-ás diretamente na mesa divina. O crente que não lê sua Bíblia, só recebe este alimento quando alguém o põe em sua boca... Considera perdido o dia em que não leres tua Bíblia.

C. Leia a Bíblia com oração (Sl 119.18; Ef 1.16,17). Na presença do Senhor em oração, as coisas ocultas são reveladas. Quando lemos a Bíblia, Deus fala conosco; quando oramos falamos com Deus. A Bíblia e a oração completam-se.

D. Leia a Bíblia aplicando-a a si próprio. Há pessoas que na leitura da Bíblia, tudo que é bênção, conforto, promessas, elas aplicam a si; tudo o que é ameaça, exortação, aviso, aplicam aos outros. Leia a Bíblia na atitude de Josué para com o Senhor, manifesto como varão (um dos casos de teofania do Antigo Testamento), conforme está narrado em Josué 5.14b: "Que diz meu Senhor ao seu servo?" Não devemos "importar" mensagens para a Bíblia e sim "exportar" dela. Muitos não recebem nada da Bíblia, porque já se acercam dela com suas próprias idéias, sua própria "teologia", querendo enxertar tudo isso na revelação divina. Cheguemos à Bíblia de mente limpa e coração aberto e receptivo à sua divina mensagem e seremos abençoados.

E. Leia a Bíblia toda. Na Bíblia, nada é dito de uma vez, nem uma vez por todas. Conclusão: se você não ler a Bíblia toda, não pode conhecer a verdade divina completa. Não esperes compreender a Bíblia toda (Dt 29.29). É evidente que Deus sabe infinitamente mais que todos os homens juntos. A Bíblia sendo um livro divino é inesgotável. Não existe entre os homens ninguém "formado" na Bíblia. Como o irmão pensa entender um livro que nem sequer o leu todo ainda?

IV. Como podemos entender a Bíblia

Isto é, condições para entendermos a Bíblia. Aqui estão algumas:

A. Crendo nós no que ela ensina, sem duvidar. A dúvida é um empecilho à compreensão das Escrituras (Lc 24.21,25).

B. Lendo-a por amor e prazer e com fome de aprender as coisas de Deus (Pv 2.3-5; Mc 12.37; 1 Pe 2.2). O irmão já notou a fome que têm os recém-nascidos? As mães que o digam!!! Como está o seu apetite espiritual pela Palavra de Deus? Com a mente devemos aprender e memorizar a Bíblia, e com o coração amá-la (Hb 10.16). Há pessoas que sabem quase a Bíblia toda de memória. Isso é louvável. Contudo, é melhor um versículo no coração, sendo amado e obedecido, do que dez apenas na cabeça. "Ponde no coração" (Dt 6.6). É de admirar haver pessoas que acham tempo para ler, ouvir e ver tudo, menos a Palavra de Deus. Resultado: comem tanto outras coisas que perdem o apetite pela Palavra de Deus. É justo e próprio ler boas coisas; melhor ainda é nos ocuparmos com a Bíblia. É também de estarrecer o fato que muitos líderes de igrejas não levam seu povo a ler a Bíblia. Ao crente não basta assistir aos cultos, ouvir sermões e testemunhos, assistir a estudos bíblicos, ler boas obras de cultura bíblica em geral. É preciso a leitura bíblica individual, pessoal, diuturna e seguida.

C. Crescendo sempre espiritualmente. Deus não pode revelar uma coisa para a qual você não tem estatura espiritual (Mc 4.33; Hb 5.13,14). Criancinhas só podem comer coisas leves. Procure aprofundar-se na sua vida espiritual. Nossa compreensão da Bíblia depende em grande parte da profundidade da nossa comunhão com Deus. A planta da parábola definhou e morreu porque o terreno era raso (Mt 13.5,6). Sim, a Palavra de Deus deve ser estudada, ao mesmo tempo em que o Deus da Palavra deve ser amado e adorado.

D. Sendo cheio do Espírito Santo. Ele conhece as coisas profundas de Deus (1 Co 2.10).

E. Sendo humilde (Tg 1.21). Deus revela seus segredos aos humildes (Mt 11.25), isto é, os submissos ao Senhor e obedientes à sua Palavra. Quanto maior for a nossa comunhão com Deus, mas humildes seremos. Numa árvore frutífera os galhos mais carregados são os que se abaixam mais. A graça de

Deus está reservada aos humildes (1 Pe 5.5). Quando chove, os terrenos mais baixos são os primeiros que recebem água com abundância...

F. Disposição de agradar a Deus. Estando disposto a obedecer à verdade revelada (Sl 119.33; Pv 2.1,2,5; Jo 7.17; 13.17). Para isso, ao leres a Bíblia, aplica-a primeiro a ti mesmo. Evita ser apenas curioso e especulador.

G. Participando de reuniões de estudo bíblico. Deus tem vasos escolhidos não só para pregar mas também para ensinar (1 Co 12.28). Há crentes que gostam de todos os tipos de reuniões, menos as de estudo bíblico. Devemos querer ser de Apolo — o pregador, mas também de Paulo — o mestre (1 Co 3.4).

V. Observações úteis e práticas no manuseio e estudo da Bíblia

A. Quanto ao manuseio da Bíblia

1. Apontamentos individuais. Habitue-se a tomar notas de suas meditações na Palavra de Deus. A nossa memória falha com o tempo. Distribua seus apontamentos por assuntos previamente escolhidos e destacados uns dos outros. Use um livro de folhas soltas (livro de argola) com projeções e índice, para isso. Se não houver organização nos apontamentos, eles não prestarão serviço algum.

2. Aprenda a ler e escrever referências bíblicas. Um sistema simples e rápido para escrever referências bíblicas é o adotado pela Sociedade Bíblica do Brasil: duas letras, sem ponto abreviativo, para cada livro da Bíblia. Entre capítulo e versículo põe-se apenas um ponto. No índice das Bíblias editadas pela SBB pode ver-se a lista dos livros assim abreviados.

Exemplos de referências por esse sistema:
1 Jo 2.4 (1 João, capítulo 2, versículo 4).
Jó 2.4 (Jó, capítulo 2, versículo 4).
Jn 2.4 (Jonas, capítulo 2, versículo 4).
1 Pe 5.5 (1 Pedro, capítulo 5, versículo 5).
Fp 1.29 (Filipenses, capítulo 1, versículo 29).
Fm v. 14 (Filemom, versículo 14).

O sistema tradicional adota dois pontos (:) entre capítulo e versículo, não tendo padronização na abreviatura dos livros.

3. Diferença entre texto, contexto, referência, e inferência.

a. Texto. São as palavras contidas numa passagem.

b. Contexto. É a parte que fica antes e depois do texto que estamos lendo. O contexto pode ser *imediato* ou *remoto*. Pode ser um versículo, um capítulo ou um livro inteiro, como é o caso do livro de Provérbios.

c. Referência. É a conexão direta entre determinado assunto. Além de indicar livro, capítulo e versículo, a referência pode levar outras indicações; depende da clareza que se queira dar, como:

- Indicação da parte inicial de um versículo: Rm 11.17a.
- Indicação da parte final de um versículo: Rm 11.17b.
- Indicação de versículos que se seguem ou não até o fim do capítulo em estudo: Rm 11.17ss.
- Recomendação para não se deixar de ler o texto indicado no momento: "qv". Vem da expressão latina *quod vide* = que veja.
- Recomendação para que se compare; confira ou confronta o texto indicado: "cf". Vem do latim *confere*.

As referências podem ser *verbais* ou *reais*, estas também chamadas *autênticas*. Referência verbal é um paralelismo de palavras; a real, de idéias. Se isto não for levado em consideração pelo professor, pode conduzir a graves erros de compreensão e interpretação do texto bíblico.

As verbais nem sempre tratam do mesmo assunto. Por exemplo: o vocábulo *Fé* tem vários sentidos nas Escrituras. Outro exemplo é o vocábulo *Lei*, que só na Epístola aos Romanos aparece com vários sentidos. Também "sabedoria" em Provérbios refere-se à divina. Em Eclesiastes, à humana. A referência verbal pode ser de nomes próprios, como por exemplo em Esdras 8.16, onde temos num mesmo versículo mais de uma pessoa com o mesmo nome. Cuidado, pois!

Já as referências reais ou autênticas tratam sempre do mesmo assunto. Por exemplo: Zacarias 14.4,5 e Judas v. 14

são referências reais sobre a volta de Cristo em glória, quando seus pés tocarão o monte das Oliveiras. Outras do mesmo grupo são: Mateus 25.31; 2 Tessalonicenses 2.8; Apocalipse 1.7; 19.11ss.

d. Inferência. É uma conexão indireta entre assuntos; uma ilação ou conclusão que se faz.

4. Manuscritos bíblicos e versões da Bíblia. Manuscritos são cópias dos originais. *Versões* são traduções de manuscritos. Quanto aos manuscritos originais, disso falaremos no capítulo seguinte.

5. *Siglas das diferentes versões em vernáculo.* O uso dessas siglas poupa tempo e facilita o trabalho do professor ou estudante da Bíblia.

ARC: *Almeida Revista e Corrigida.* É a Bíblia antiga de Almeida, que vem sendo impressa desde longa data pela Imprensa Bíblica Brasileira e pela Sociedade Bíblica do Brasil, e outras agências publicadoras como a CPAD.

ARA: *Almeida Revista e Atualizada.* É a Bíblia de Almeida, revista e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, completa, a partir de 1958.

FIG: *Antonio Pereira de Figueiredo.* Impressa pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Londres.

SOARES: *Matos Soares.* Versão popular dos católicos brasileiros (Edições Paulinas).

CBSP: *Centro Bíblico de São Paulo.* Edição católica popular da Bíblia, São Paulo.

TR BR: *Tradução Brasileira,* publicada pela primeira vez em 1917.

VIBB: *Versão da Imprensa Bíblica Brasileira.* Para detalhes dessas versões ver o Cap. II.

ECA: *Edição Contemporânea de Almeida,* publicada pela Editora Vida.

SBT: *Versão de Almeida,* da Sociedade Bíblica Trinitariana.

6. O tempo cronológico antes e depois de Cristo. É indicado pelas letras:

a.C. = Antes de Cristo. São as iniciais dessas duas palavras.

d.C. = Depois de Cristo. Esta abreviatura ou redução, corresponde noutros idiomas a AD, do latim *Anno Domini*, isto é, *ano do Senhor*, em alusão ao nascimento de Jesus.

7. Manuseio do volume sagrado. Obtenha completo domínio do manuseio da Bíblia, a fim de encontrar com rapidez qualquer referência bíblica. Jesus tinha essa habilidade. Em Lucas 4.17 diz que Ele "*achou* o lugar onde estava escrito". Ora, naquele tempo, isso era muito mais difícil do que hoje com o progresso da indústria gráfica, visto que naquele tempo os livros tinham a forma de rolos. Não era tão fácil achar a passagem que se queria.

B. Quanto ao estudo da Bíblia

1. Conhecemos a Deus, de fato, não primeiramente estudando a Bíblia, mas amando-O de todo o coração e crescendo em comunhão com Ele (Jo 14.21,23; 1 Jo 4.7).

2. A Bíblia é destinada ao coração (para ser amada), e à mente (para ser estudada, entendida — Hb 10.16).

3. É nulo o conhecimento espiritual destituído de fé (Hb 4.2).

VI. Fontes de consulta

O professor precisa ter sua biblioteca particular. O grande apóstolo Paulo tinha suas fontes de consulta (2 Tm 4.13). Sempre houve muitos livros no mundo. Salomão no seu tempo já dizia: "Não há limite para fazer livros" (Ec 12.12). Não se trata de ter muitos livros, mas tê-los bons, abrangendo cultura secular e cultura bíblica em geral. Livros há que só servem para alimentar o fogo (At 19.19). Aqui estão algumas boas fontes de consulta:

– A Bíblia. Se possível, todas as legítimas versões em português.

– Dicionário de Português

– Dicionário Bíblico

– Gramática da Língua Portuguesa

– Concordância Bíblica, para localizar versículos.
– Chave Bíblica, para resumo dos livros.
– Comentários Bíblicos
– Manuais de Doutrina
– Atlas Bíblico
– Didática Aplicada
– Apontamentos individuais (caderno, fichário, etc.)

Observações sobre fontes de consulta

• Os livros comuns podem ser bons, mas não são substitutos da Bíblia. Leia e estude primeiramente a Bíblia e depois os outros livros.

• Há pessoas que após lerem determinado livro, passam a ser um mero eco ou reflexo dele. Devemos ser cautelosos nisso.

• Há divergência entre autores de livros, dado as diferentes escolas e correntes teológicas; mas na Bíblia não há divergência! Portanto ela é sempre a autoridade suprema e principal; a pedra de toque.

• Devemos estudar a Bíblia não pela luz deste ou daquele teólogo, mas pela luz do Espírito de Deus, sentindo sempre seu toque, direção e prumo.

• Não devemos levar mais tempo com os livros comuns, do que com a Bíblia mesma.

• É notável que o Novo Testamento inicia com o vocábulo livro (Mt 1.1). Os que não gostam de livros como se situarão aqui?!

Questionário

1. Que é a Bíblia, em resumo?
2. Qual o assunto central da Bíblia?
3. Dê três razões *por que devemos* estudar a Bíblia. Acrescente referências bíblicas.
4. Dê três maneiras *como devemos* estudar a Bíblia. Acrescente referências bíblicas.

5. Dê três condições *como podemos* entender a Bíblia. Acrescente referências bíblicas.
6. Como fazer apontamentos de meditações na Palavra?
7. Qual o sistema mais simples e rápido de escrever referências bíblicas? Dê exemplo.
8. Em se tratando do texto bíblico, qual a diferença entre: *texto*, *contexto*, *referência* e *inferência*?
9. Que é referência *verbal*?
10. Que é referência *real* ou *autêntica*?
11. Indique abreviadamente por siglas, as diferentes versões da Bíblia em português.
12. Como podemos crescer no conhecimento de Deus? Dê referências.
13. A Bíblia é destinada à mente humana — para quê? E, ao coração, para quê? Cite a competente referência.
14. Em que resulta o conhecimento das coisas espirituais destituído de fé? Dê a referência estudada.



UNIDADE I - BIBLIOLOGIA

CAPÍTULO II
A Bíblia e Sua História

I. Materiais em que a Bíblia foi originalmente escrita 30
II. Formatos primitivos da Bíblia 30
III. O tipo de escrita primitiva da Bíblia 30
IV. As línguas originais da Bíblia 31
V. Os escritores da Bíblia 31
VI. A origem do nome "Bíblia" 31
VII. Que é a Bíblia 32
VIII. Manuscritos originais da Bíblia 32
IX. Famosas traduções da Bíblia 34
X. A Bíblia em português 35
XI. As Bíblias de edição católico-romana. Os apócrifos 37
XII. A Bíblia hebraica 39
XIII. As Sociedades Bíblicas 39
XIV. As modernas versões da Bíblia 40

Distinguem-se na Bíblia duas coisas em resumo: o livro de Deus e a mensagem de Deus. Na Bíblia como livro de Deus, vemos dois aspectos: sua história e sua estrutura. Este capítulo ocupa-se da história; o próximo, trata da estrutura. O último, trata da Bíblia como a mensagem de Deus.

I. Materiais em que a Bíblia foi originalmente escrita

Os principais foram dois: papiro e pergaminho. O papiro era extraído de uma planta aquática desse mesmo nome. Há várias menções dele na Bíblia, como por exemplo Êxodo 2.3; Jó 8.11; Isaías 18.2; 2 João v. 12. De *papiro* deriva o termo *papel*. Seu uso na escrita vem de 3.000 a.C., no Egito.

Pergaminho é a pele de animais, curtida e preparada para escrita. É material superior ao papiro, porém de uso mais recente do que aquele. Teve seu uso generalizado, a partir do início do Século I, na Ásia Menor. É também citado na Bíblia, exemplo: 2 Timóteo 4.13.

II. Formatos primitivos da Bíblia

Foram dois: rolos e códices. Eram esses os formatos dos livros antigos. O rolo era um rolo de fato, feito de papiro ou pergaminho. Era preso a dois cabos de madeira para facilidade de manuseio. Cada livro da Bíblia era um rolo em separado. Naquele tempo ninguém podia conduzir pessoalmente a Bíblia como fazemos hoje. O que tornou isso possível foi a invenção do papel no Século II pelos chineses, e a do prelo de tipos móveis pelo alemão Johann Gutenberg em 1450 d.C., possibilitando o formato dos livros atuais.

O códice é uma obra no formato de livro, de grandes proporções. Nosso vocábulo *livro* vem do latim *liber*, que significou primeiramente *casca de árvore*, depois *livro*.

III. O tipo de escrita primitiva da Bíblia

Era manuscrito. Tudo era feito pelos escribas de modo laborioso, lento e oneroso. *Uncial* é o manuscrito que contém só maiúsculas, e *cursivo*, o que contém só minúsculas. Desse tempo para cá, Deus tem abençoado maravilhosamente a

difusão do seu Livro, de modo que hoje em dia milhões e milhões de exemplares são impressos em muitos pontos do globo com rapidez e facilidade em modernas impressoras.

IV. As línguas originais da Bíblia

As principais são duas: hebraica, para o Antigo Testamento, e a grega, para o Novo Testamento. Foi nessas línguas que a Bíblia foi originalmente inspirada. As traduções só conservam a inspiração quando reproduzem fielmente o original.

V. Os escritores da Bíblia

A existência da Bíblia, abrangendo seus escritores, sua formação, composição, preservação e transmissão, só pode ser explicada como milagre de Deus, ou melhor: Deus sendo seu autor. Foram cerca de 40 os escritores da Bíblia. Deste modo, a Palavra Escrita de Deus foi-nos dada por canais humanos, assim como o foi a Palavra Viva — Cristo (Ap 19.13). Esses homens pertenceram às mais variadas profissões e atividades. Escreveram e viveram distantes uns dos outros em épocas e condições diferentes. Levaram 1500 anos para escrever a Bíblia. Apesar de todas essas dificuldades, ela não contém erros nem contradições. Há sim dificuldades na compreensão, interpretação, tradução, aplicação, mas tudo isso do lado humano, devido a nossa incapacidade em todos os sentidos.

VI. A origem do nome "Bíblia"

Este nome consta apenas na capa da Bíblia mas não o vemos através do volume sagrado. Foi primeiramente aplicado às Escrituras por João Crisóstomo, grande reformador e patriarca de Constantinopla (347-407 d.C.). O vocábulo "Bíblia" significa etimologicamente "coleção de livros pequenos", isto porque os livros da Bíblia são pequenos, formando todos um volume não muito grande como tão bem o conhecemos. De fato, a Bíblia é uma coleção de livros, porém, perfeitamente harmônicos entre si. É devido a isso que a palavra *bíblia* sendo um plural no grego, passou a ser singular nas línguas modernas.

À folha de papiro preparada para escrita, os gregos chamavam "biblos". Ao rolo pequeno de papiro, chamavam "biblion", e ao plural deste chamavam "bíblia". Portanto o vocábulo *Bíblia* deriva da língua grega. Os vocábulos *bíblia* e *biblion* constam do Novo Testamento grego:

"Bíblia" (Jo 21.25; 2 Tm 4.13; Ap 20.12).
"Biblion" (Lc 4.17; Jo 20.30).

VII. Que é a Bíblia

É a revelação de Deus à humanidade. É a definição canônica mais curta da *Bíblia*. Tudo o que Deus tem preparado para o homem, bem como o que Ele requer do homem, e tudo o que o homem precisa saber espiritualmente da parte de Deus quanto à sua redenção e felicidade eterna, está revelado na Bíblia. Tudo o que o homem tem a fazer é tomar a Palavra de Deus e apropriar-se dela pela fé. O autor da Bíblia é Deus; seu real intérprete é o Espírito Santo, e seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo. O homem deve ler a Bíblia para ser sábio, crer na Bíblia para ser salvo e praticar a Bíblia para ser santo ou santificado. A coleção completa dos livros divinamente inspirados constituindo a Bíblia é chamada *cânon*.

Os nomes canônicos mais comuns do Livro Sagrado são:

- Escrituras ou Sagradas Escrituras (Mt 21.42; Rm 1.2).
- Livro do Senhor (Is 34.16).
- A Palavra de Deus (Mc 7.13; Hb 4.12).
- Oráculos de Deus (Rm 3.2).

VIII. Manuscritos originais da Bíblia e cópias de originais

Manuscritos originais, isto é, saídos das mãos dos escritores, não existe nenhum conhecido no momento. Deus na sua providência permitiu isso. Se existisse algum, os homens o adorariam mais do que ao seu divino Autor. A serpente de metal posta entre os israelitas como meio de auxílio à fé em Deus (Nm 21.8,9; Is 45.22), foi depois idolatrada por eles (2 Rs 18.4). Deus cuidou do sepultamento de Moisés e ocultou o seu local

porque certamente o povo adoraria seu corpo (Dt 34.5,6). O Diabo tinha interesse na idolatria e contendeu com o arcanjo que procedeu ao funeral de Moisés (Jd v.9). Milhões, em muitas terras adoram a cruz de Cristo, ao invés do Cristo da cruz. É também o caso da virgem, mãe de Jesus Cristo, que milhões adoram-na e não ao Filho.

Além disso, temos a considerar o seguinte, historicamente, quanto à inexistência de manuscritos originais:

1) Era costume dos judeus enterrar os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra causa, para evitar sua mutilação, profanação e interpolação espúria.

2) Os reis idólatras e ímpios de Israel podem ter destruído muitos ou contribuído para isso, como é o caso descrito em Jeremias 36.20-26.

3) O tirano Antíoco Epifânio, rei da Síria (175-164 a.C.), durante seu reinado dominou sobre toda a Palestina. Foi homem extremamente cruel. Tinha prazer em aplicar torturas. Decidiu exterminar a religião judaica. Assolou Jerusalém em 168 a.C., profanando o templo e destruindo todas as cópias que achou das Escrituras.

4) Nos dias do feroz imperador romano Deocleciano (284-305 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante 10 anos Deocleciano mandou vasculhar o império visando destruir todos os escritos sagrados. Chegou a crer que tivesse destruído tudo, pois mandou cunhar uma moeda comemorando tal vitória.

A literatura judaica afirma que a missão da chamada Grande Sinagoga, presidida por Esdras, foi reunir e preservar os manuscritos originais do Antigo Testamento — os de que se serviram os Setenta no preparo da Septuaginta — a primeira tradução das Escrituras do Antigo Testamento, do hebraico para o grego.

Os textos em língua original de que se utilizam os atuais eruditos no preparo das modernas versões, são reproduções das atuais cópias de originais.

Cópias de manuscritos originais. Há inúmeras, em várias partes do mundo. Discorrer sobre os principais manuscritos,

foge ao escopo desta obra. Eles harmonizam-se admiravelmente, assegurando-nos assim da sua autenticidade. Uma confirmação disso vemos nos *Manuscritos do mar Morto*, como veremos a seguir.

Em 1947, próximo ao mar Morto foi descoberto um manuscrito do profeta Isaías, em forma de rolo, escrito em hebraico, do ano 100 a.C., sendo assim mais velho que o mais antigo manuscrito bíblico até então conhecido! (Muitos outros rolos foram também encontrados e centenas de fragmentos de outras obras.) Pois bem, o texto desse manuscrito quando comparado com o das nossas Bíblias, concorda plenamente. Esta é uma prova singular da autenticidade das Escrituras, ao considerarmos que o citado manuscrito de Isaías tem agora mais de 2.000 anos de existência!

Os manuscritos bíblicos são indicados pela abreviatura MS.

IX. Famosas traduções da Bíblia

A. A Septuaginta. Foi a primeira tradução da Bíblia. Local: Alexandria, no Egito. Tempo: cerca de 285 a.C. A tradução foi feita do hebraico para o grego. Compreende só o Antigo Testamento, é evidente. Foi a Bíblia que Jesus e seus apóstolos usaram. A mais antiga cópia da Septuaginta está na biblioteca do Vaticano. Data de 325 d.C.

B. A Vulgata. É uma tradução da Bíblia toda, feita por Jerônimo, concluída em 405 d.C. Local: Belém, Palestina. Jerônimo foi um notável erudito da igreja que estava em Roma, a qual nesse tempo ainda mantinha pureza espiritual. A tradução foi feita do hebraico para o latim — a língua oficial do Império Romano. É ela a versão oficial da Igreja Romana desde o Concílio de Trento (1546 d.C.).

C. A Versão Autorizada ou Versão do Rei Tiago. Local da tradução: Inglaterra. Tempo: 1611 d.C.. Essa versão é até hoje a predileta dos povos de fala inglesa. O povo inglês tem alta veneração pela Bíblia. Ela formou a mentalidade desse povo, e é tida como seu sustentáculo e seu maior legado.

D. Traduções da Bíblia até agora. A Bíblia toda ou em parte acha-se traduzida em 2.092 línguas e dialetos.

X. A Bíblia em português

A primeira tradução da Bíblia em português foi feita por um evangélico: o pastor João Ferreira A. d'Almeida. Fato interessante é que o trabalho foi realizado fora de Portugal. A cidade foi Batávia, na ilha de Java, no Oceano Índico. Hoje, essa cidade chama-se Jacarta, capital da República da Indonésia. Almeida foi ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa, a mesma que evangelizou no Brasil, com sede em Recife durante a ocupação holandesa, no século XVII. Almeida nasceu em 1628, em Torre de Tavares, concelho de Mangualde, distrito de Viseu, em Portugal. Faleceu em Java em 1691. A Igreja Católica, através do tribunal da Inquisição, não tendo podido queimá-lo vivo, queimou sua efígie, em Goa antiga possessão portuguesa na Índia. Essa igreja nem mesmo agora, no chamado Ecumenismo, se desculpou de tais coisas.

A. A Versão de Almeida

O Novo Testamento. Almeida traduziu primeiro o Novo Testamento, o qual foi publicado em 1681 em Amsterdã, Holanda. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há um exemplar da 3ª edição do Novo Testamento de Almeida, feita em 1712.

O Antigo Testamento. Almeida traduziu o Antigo Testamento até o livro de Ezequiel. A essa altura Deus o chamou para o lar celestial, em 1691. Ministros do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa, amigos seus, terminaram a referida tradução em 1694, a qual foi publicada completa em 1753. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, começou a publicar a tradução de Almeida em 1809, apenas o Novo Testamento. A Bíblia completa num só volume, a partir de 1819. O texto em apreço foi revisado em 1894 e 1925. A Bíblia de Almeida foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1944 pela Imprensa Bíblica Brasileira, organização batista. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi maravilhosamente usada por Deus na disseminação da Bíblia em português, em trabalho pioneiro e contínuo, bem como a Sociedade Bíblica Americana.

• *A versão ARC* (Almeida Revista e Corrigida). A Imprensa Bíblica Brasileira, publicou em 1951 a edição revista e corrigida, abreviadamente conhecida por *ARC*.

• *A versão ARA* (Almeida Revista e Atualizada). Uma comissão de especialistas brasileiros trabalhando de 1946 a 1956, preparou a Edição Revista e Atualizada de Almeida, conhecida abreviadamente por *ARA*. O Novo Testamento foi publicado em 1951. O Antigo Testamento, em 1958. A publicação é da Sociedade Bíblica do Brasil. Foi usado o texto grego de Nestle para o Novo Testamento e o hebraico de Letteris para o Antigo Testamento.

B. Antonio Pereira de Figueiredo. Padre católico romano. Grande latinista. Editou o Novo Testamento em 1778 e o Antigo Testamento em 1790. Tradução feita em Portugal. Figueiredo traduziu da Vulgata Latina.

C. A "Tradução Brasileira". Feita por uma comissão de teólogos brasileiros e estrangeiros. O Novo Testamento foi publicado em 1910 e o Antigo Testamento em 1917. É tradução mui fiel ao original. Esgotada. Sua publicação foi suspensa em 1954.

D. Huberto Rhoden. Padre brasileiro, de Santa Catarina. Traduziu só o Novo Testamento. Texto grego: Nestle. Foi publicada em 1935. Esse padre deixou a Igreja Romana. É versão muito usada na crítica textual. Esgotada.

E. Matos Soares. Também padre brasileiro. Traduziu da Vulgata. Foi publicada no Brasil em 1946. Já o era em Portugal desde 1933. É a Bíblia popular dos católicos romanos de fala portuguesa. Um grave inconveniente são os itálicos que às vezes são mais extensos do que o texto em si, e conduzem a preconceitos e tendências.

• *F. A Versão da Imprensa Bíblica Brasileira*. A IBB lançou em 1968, após longos anos de cuidadoso trabalho, uma nova versão em português, conhecida como VIBB, baseada na tradução de Almeida. Nessa versão foram utilizados os melhores textos em hebraico e grego. Ótima versão.

G. Outras Versões. A Igreja Católica Romana tem publicado mais edições dos Evangelhos e Novo Testamento. Os itálicos, notas e apêndices, conduzem, é claro, às doutrinas daquela igreja. Os *Testemunhas de Jeová* publicam uma versão falsificada de toda a Bíblia — a "Tradução Novo Mundo". O texto é mutilado e cheio de interpolação. Foi preparada para apoiar as crenças antibíblicas dessa seita falsa.

H. A importância da Bíblia em português. A língua portuguesa é falada em todos os continentes, fato que revela a importância da Bíblia em português, em todos os sentidos.

XI. As Bíblias de edição católico-romana. Os Apócrifos

Estas, têm 7 livros a mais, perfazendo 73 ao todo. Esses livros a mais são os chamados "apócrifos", palavra que no sentido religioso significa *não genuíno, espúrio.* O termo grego "apócrifo" aparece em Mc 4.22b; Lc 8.17b; Cl 2.3. São livros não inspirados por Deus. Os 7 apócrifos estão inseridos todos no Antigo Testamento. Isso foi feito muito depois de encerrado o cânon do Antigo Testamento, por conveniência da Igreja Romana. A aprovação deles, por essa igreja, deu-se no Concílio de Trento em 1546 em meio a muita controvérsia. Seus títulos são:

- *Tobias*
- *Judite*
- *Sabedoria de Salomão*
- *Eclesiástico* (Não confundir com o livro canônico Eclesiastes)
- *Baruque*
- *I Macabeus*
- *II Macabeus*

Além dos sete livros acima, as Bíblias de edição romana têm mais 4 acréscimos a livros canônicos, que são os seguintes:

- *Ester* (Acréscimo ao livro de Ester)
- *Cântico dos Três Santos Filhos* (Ao livro de Daniel)
- História de Suzana
- *Bel e o Dragão* (Ao livro de Daniel)

As Bíblias católicas têm livros cujos nomes diferem daqueles empregados nas edições evangélicas. Essa diferença não tem grande importância. Entretanto, como os protestantes usam também Bíblias de edição católica, é bom que se dê um quadro explicativo, que os auxilie no manejo das diferentes edições.

Bíblia Protestante	*Bíblia Católica*
1, 2 Samuel	1, 2 Reis
1, 2 Reis	3, 4 Reis
1, 2 Crônicas	1, 2 Paralipômenos
Esdras, Neemias	1, 2 Esdras
Lamentações de Jeremias	Trenos

Como se vê, é simples questão de nomes, mais ou menos apropriados, segundo o critério das autoridades que dirigem as edições, e para todos eles há justificativas histórica e tradicional.

Notam-se também variações na numeração dos Salmos. Vejamos essas variações num gráfico.

Bíblia Católica	*Bíblia Protestante*
Sl 9,10	Sl 9
Sl 11-113	Sl 10-112
Sl 114,115	Sl 113
Sl 116	Sl 114,115
Sl 117-146	Sl 116-145
Sl 147	Sl 146,147
Sl 148-150	Sl 148-150

Conclusão. Cancelados os livros apócrifos, as Bíblias católicas e protestantes são substancialmente idênticas. Basta conferi-las. Aparecem naturalmente variações na linguagem e até mesmo de sentido, o que é inevitável, em qualquer obra de tradução. A causa às vezes, está na diferença de competência do tradutor, outras vezes nas variações das fontes originais.

Os nossos 39 livros do Antigo Testamento, os católicos chamam *protocanônicos*. Os que chamamos *apócrifos*, eles chamam *deuterocanônicos*. Os que chamamos *pseudoepigráficos*, eles chamam *apócrifos*. (Os evangélicos chamam de pseudoepigráficos a um grupo de livros espúrios, nunca reconhecidos nem pela Igreja Católica. A esses, essa igreja chama *apócrifos*.)

XII. A Bíblia hebraica

Consiste apenas no nosso Antigo Testamento. É essa a Bíblia dos judeus. Lá, o arranjo dos livros é diferente, e o total é de 24 em vez de 39, porque vários grupos de livros são contados como um só livro. O texto é sempre o mesmo. Os 24 livros estão classificados em 3 grupos a que Jesus referiu-se em Lucas 24.44 — LEI, PROFETAS, ESCRITOS. Os Salmos eram o primeiro livro do último grupo, talvez por isso citado em Lucas 24.44, para indicar todo o último grupo.

XIII. As Sociedades Bíblicas

Há no Brasil várias entidades evangélicas publicadoras e distribuidoras de Bíblias. A primeira é a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), fundada em 2/7/1940. A segunda é a Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 10/06/1948, resultante da fusão em 1942, das agências que no Brasil funcionavam, da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana. Essa fusão (de 1942 a 1948) denominou-se Sociedades Bíblicas Unidas. A agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Rio de Janeiro foi a primeira desse gênero organizada na América Latina.

A primeira remessa de Bíblias para aquisição popular chegou ao Brasil em 1822 — o ano da nossa independência política. É significativa essa conotação entre a chegada aqui da Bíblia em massa e a independência do Brasil. A primeira, trazendo a emancipação espiritual; a segunda, a nacional ou política. Essa primeira remessa foi de 2000 exemplares de Bíblias e Novos Testamentos, enviada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com sede em Londres. Porto de chegada ao Brasil: Recife.

Em 1855 novas portas se abrem para uma maior difusão da Bíblia no Brasil com a fundação da primeira igreja evangélica em nossa terra — a Congregacional, pelo missionário Roberto Kalley e esposa. A partir daí ele desenvolveu grande esforço para a divulgação da Bíblia.

Em 1856 foi fundada a primeira agência distribuidora de Bíblias no Brasil, pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangei-

ra (SBBE). A segunda agência foi a Sociedade Bíblica Americana (SBA), fundada em 1876. Ambas funcionaram no Rio de Janeiro. Antes disso, Bíblias já circulavam no Brasil, vindas através de comandantes de navios que as entregavam a casas comerciais estrangeiras para revenda. Outro fator marcante foram os distribuidores itinerantes (colportores), como é o caso do Rev. James Thompson enviado pela SBBE em 1818, o qual viajou muito através das Américas, distribuindo o Santo Livro. Outro caso que muito contribuiu para o mesmo fim é o do missionário D.P. Kidder, metodista, que distribuiu exemplares da Palavra de Deus em quase todo o Império do Brasil, a partir de 1837.

Só na eternidade se revelará o benefício que as Sociedades Bíblicas acima mencionadas, coadjuvadas por pioneiros indômitos, como os mencionados, têm trazido ao Brasil no sentido espiritual, social e cultural, mediante a bendita semeadura pioneira do Livro de Deus.

Funciona também no Brasil, com sede em São Paulo, a Sociedade Bíblica Trinitariana, filial da sua sede em Londres, de igual modo empenhada na disseminação da Palavra de Deus entre o nosso povo.

A mais antiga Sociedade Bíblica do mundo é a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) fundada em 1804; a segunda é a Sociedade Bíblica Americana (SBA) fundada em 1816.

Na distribuição de Bíblias em todo o mundo, o Brasil ocupa o segundo lugar.

XIV. As modernas versões e revisões da Bíblia

Sendo este um assunto de grande extensão, teceremos apenas algumas considerações.

Versão é uma tradução da Bíblia feita diretamente das línguas originais.

Versões e revisões da Bíblia decorrem da necessidade de atualização da linguagem em que a Bíblia está traduzida. A língua sendo um instrumento vivo de comunicação e expressão, evolui e modifica-se à medida que o tempo corre.

No caso da Bíblia, quando se faz mister, é preciso fazer mudanças na linguagem do texto, para que a mensagem do

mesmo não mude. A mensagem da Bíblia é divina, não mudando jamais; mas a linguagem é humana e muda com o tempo. Inúmeras palavras e frases da época em que Almeida fez sua tradução da Bíblia para o português, caíram em desuso ou alteraram o seu sentido, ao mesmo tempo que novas palavras e frases entraram continuamente para a língua.

Revisão é uma atualização do texto bíblico em vernáculo, para maior clareza do sentido da mensagem bíblica. Repetimos: a mensagem do texto é divina; a linguagem que a conduz é humana. A primeira é imutável; a segunda está sempre mudando. É necessário, pois, que nas novas versões e revisões, quando feitas com todo cuidado, santo temor, idoneidade, e devoção a Deus, a linguagem seja atualizada para que a mensagem divina seja comunicada com toda fidelidade e seriedade, conforme a capacidade de expressão da língua.

Questionário

1. Quais as duas coisas que, em resumo, vemos na Bíblia?
2. Quais os dois principais materiais gráficos em que a Bíblia foi originalmente escrita?
3. Que era o papiro?
4. Que era o pergaminho?
5. Quais os dois formatos primitivos da Bíblia?
6. Que é códice?
7. Quem inventou o prelo de tipos móveis? Quando?
8. Qual o tipo de escrita primitiva da Bíblia?
9. Quais as duas principais línguas originais da Bíblia?
10. Até que ponto as traduções da Bíblia conservam a inspiração divina?
11. Quantos escritores teve a Bíblia?
12. Que tempo levou a Bíblia para ser escrita?

13. Etimologicamente, que significa o vocábulo Bíblia?
14. De que língua provém o vocábulo ***Bíblia***?
15. Dê a definação canônica da Bíblia.
16. Dê a definição de *cânon*.
17. Quais os nomes canônicos mais comuns da Bíblia?
18. Dê algumas das mais famosas traduções da Bíblia.
19. Dê o total de traduções da Bíblia até o presente.
20. Dê os traços biográficos gerais de Almeida — o primeiro tradutor da Bíblia para o português.
21. Dê as datas da primeira publicação do Novo Testamento e Antigo Testamento de Almeida.
22. Explique com detalhes o que é Versão ARC e Versão ARA.
23. Cite outras versões da Bíblia em português.
24. Fale sobre a tradução chamada "Novo Mundo".
25. Quantos livros a mais têm as Bíblias de edição romana, e, como são chamados?
26. Quais são os livros canônicos que levam acréscimos nas Bíblias de edição romana?
27. São idênticos os títulos de todos os livros das Bíblias católicas e protestantes?
28. Que títulos dão os romanistas aos livros que chamamos apócrifos?
29. Em que consiste a Bíblia Hebraica, e quantos livros tem?
30. Quais as principais entidades evangélicas editoras de Bíblias no Brasil?



UNIDADE I - BIBLIOLOGIA

CAPÍTULO III
A Bíblia e Sua Estrutura

I. A unidade física da Bíblia 44
II. A estrutura da Bíblia 45
III. O tema central de todos os livros da Bíblia 47
IV. Fatos e particularidades da Bíblia 48

Quanto a estrutura geral da Bíblia, há nela harmonia e unidade. Falaremos agora sobre sua unidade física. Sua unidade e harmonia doutrinária serão focalizadas no Capítulo IV.

I. A Unidade física da Bíblia

A unidade e existência físicas da Bíblia até os nossos dias só podem ser explicadas como um milagre. Há nela 66 livros, escritos por cerca de 40 escritores, cobrindo um período de 16 séculos. Esses homens tinham diferentes atividades e escreveram sob diferentes situações. Na maior parte dos casos não se conheceram. Viveram em lugares distantes, de três continentes, escrevendo em duas línguas principais. Devido a essas circunstâncias, em muitos casos, os autores nada sabiam sobre o que já havia sido escrito. Muitas vezes um escritor iniciava um assunto e, séculos depois, um outro completava-o. Tudo isto somado num livro puramente humano daria uma babel indecifrável! *Imaginai o que seria fisicamente a Bíblia, se não fosse a mão de Deus!*

Quanto a unidade física da Bíblia, ninguém sabe ao certo como os 66 livros foram reunidos e agrupados num só volume; isso é obra de Deus. Sabemos que os escritores não escreveram os 66 livros de uma só vez, nem em um só lugar, nem com o objetivo de reuni-los num só volume, mas em intervalos durante 16 séculos, em lugares que vão de Babilônia a Roma.

Se alguma falha for encontrada na Bíblia, será sempre do lado humano, como tradução mal feita, grafia inexata, interpretação forçada, má compreensão de quem estuda, falsa aplicação quanto aos sentidos do texto, etc. Portanto quando encontrarmos na Bíblia um trecho discrepante, não pensemos logo que é erro! Saibamos refletir como Agostinho, que disse: "Num caso desse, deve haver erro do copista, tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo entender..." Quanto à sua unidade como revelação divina, veremos no Capítulo IV.

II. A Estrutura da Bíblia

Estudaremos neste ponto um resumo da estrutura da Bíblia quanto à sua composição em partes principais, livros, classificação dos livros por assuntos, divisão dos livros em capítulos e versículos, e certas particularidades indispensáveis.

A. Divisão em partes principais. São duas: Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento é três vezes mais volumoso do que o Novo Testamento.

B. Composição quanto a livros. São 66, sendo 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento. O maior livro é o dos Salmos; o menor é 3 João.

C. Divisão em capítulos. São 1.189, sendo 929 no Antigo Testamento e 260 no Novo Testamento. O maior capítulo é o Salmo 119; e o menor é o Salmo 117. Para ler a Bíblia toda em um ano basta ler 5 capítulos aos domingos e 3 nos demais dias da semana. Foi dividida em capítulos em 1250 d.C. por Hugo de Saint Cher, abade dominicano, estudioso das Escrituras.

D. Divisão em versículos. São 31.173, sendo 23.214 no Antigo Testamento e 7.959 no Novo Testamento. O maior versículo está em Ester 8.9, e o menor, em Êxodo 20.13 (em Lc 20.30, na TR BR; em Jó 3.2, na ARA). Como se vê, depende da versão. Noutras línguas isso varia também. Isso não tem muita importância. Foi dividida em versículos em duas etapas: o Antigo Testamento em 1445 pelo Rabi Nathan; o Novo Testamento em 1551 por Robert Stevens, um impressor de Paris. Stevens publicou a primeira Bíblia dividida em capítulos e versículos em 1555, sendo esta a Vulgata Latina. Em inúmeros casos são divisões inexatas, bipartindo o texto e alterando a linha do pensamento. São utilíssimas na localização rápida de qualquer fração do texto bíblico.

E. Classificação dos livros. Os 66 livros estão classificados ou agrupados por assuntos, sem ordem cronológica. É bom ter isso em mente ao estudar a Bíblia, pois evitará muito mal entendido, especialmente na esfera da história, da profecia bíblica e do desenvolvimento da doutrina.

A classificação dos livros do Antigo Testamento, por assuntos, acima, vem da Versão Septuaginta através da Vulgata, e não leva em conta a ordem cronológica dos mesmos, o que para o leitor menos avisado, dá lugar a não poucas confusões quando o mesmo procura considerar os assuntos cronologicamente.

O Antigo Testamento. Seus 39 livros estão divididos em 4 classes: LEI, HISTÓRIA, POESIA, PROFECIA. Os livros de cada classe são os seguintes:

LEI: 5 livros – de Gênesis a Deuteronômio. Esses 5 livros são chamados o Pentateuco. Tratam da Criação e da Lei.

HISTÓRIA: 12 livros – de Josué a Ester. Contêm a história do povo escolhido: Israel.

POESIA: 5 livros – de Jó a Cantares. São chamados poéticos devido ao gênero do seu conteúdo e não por outra razão.

PROFECIA: 17 livros – de Isaías a Malaquias. Esses 17 livros estão subdivididos em dois grupos:

- Profetas Maiores: 5 livros, de Isaías a Daniel.
- Profetas Menores: 12 livros, de Oséias a Malaquias.

Os nomes "maiores" e "menores" referem-se ao volume de matéria dos livros e extensão do ministério profético. Na Bíblia Hebraica (o nosso Antigo Testamento), a divisão dos livros é bem diferente, como já falamos.

O Novo Testamento. Seus 27 livros também estão divididos em quatro classes: BIOGRAFIA, HISTÓRIA, DOUTRINA, PROFECIA. Os livros de cada classe são os seguintes:

BIOGRAFIA: São os quatro Evangelhos. Descrevem a vida terrena do Senhor Jesus e o seu glorioso ministério entre os homens. Os três primeiros são chamados *Sinóticos* devido ao paralelismo que apresentam. O número quatro nos Evangelhos fala também de sua universalidade, por serem quatro os pontos cardeais.

HISTÓRIA: É o livro de Atos dos Apóstolos. Registra a história da igreja primitiva, seu viver e agir. O livro mostra que o segredo do progresso da Igreja é a plenitude do Espírito Santo nas vidas.

DOUTRINA: São 21 livros chamados *epístolas* ou cartas. Vão de Romanos a Judas. Umas são dirigidas a igrejas, outras a indivíduos. As 7 que vão de Tiago a Judas, são chamadas *universais* ou *gerais*.

PROFECIA: É o livro de Apocalipse. Esta palavra significa *revelação*. Trata da volta pessoal do Senhor Jesus à terra, isto é, sua revelação, sua manifestação visível. O Apocalipse é o inverso do livro de Gênesis. Lá narra como tudo começou; aqui, como tudo findará.

Há outras modalidades de classificação dos livros do Novo Testamento, mas a que vai acima, parece-nos bastante simples e prática.

F. A disposição dos 66 livros. Os que organizaram a presente disposição dos livros foram sem dúvida guiados por Deus, porque nota-se uma gradativa correlação doutrinária entre os mesmos.

Exemplo disso no Antigo Testamento: há uma linda relação entre o livro dos Salmos e o de Provérbios. Nunca poderiam vir separados. Os Salmos tratam do nosso *andar com Deus*; Provérbios: o nosso *andar com os homens*. Esses livros não podiam estar distantes.

Exemplo no Novo Testamento. Vejamos as Epístolas.

- *Romanos* fala da salvação.
- *1 e 2 Coríntios* falam da vida cristã disciplinada.
- *Efésios, Filipenses e Colossenses* falam da vida consagrada.
- *1 e 2 Tessalonicenses* falam da vinda de Jesus.
- *1 e 2 Timóteo, Tito* falam de obreiros e ministério.
- *1 e 2 Pedro* falam de provas e tribulações.

III. O tema central de todos os livros da Bíblia

É o Senhor Jesus Cristo. Ele mesmo no-lo declara em Lucas 24.27,44 e João 5.39. Considerando Cristo como tema central da Bíblia, os 66 livros podem ser resumidos em 5 palavras, todas referentes a Cristo, assim:

PREPARAÇÃO: Todo o Antigo Testamento trata da preparação do mundo para o advento de Cristo.

MANIFESTAÇÃO: Os Evangelhos tratam da manifestação de Cristo ao mundo, como Redentor.

PROPAGAÇÃO: Os Atos dos Apóstolos tratam da propagação de Cristo por meio da Igreja.

EXPLANAÇÃO: As Epístolas tratam da explanação de Cristo. São os detalhes da doutrina cristã.

CONSUMAÇÃO: O Apocalipse trata de Cristo consumando todas as coisas — *C. I. Scofield.*

Tendo Cristo como o tema central da Bíblia, podemos resumir todo o Antigo Testamento numa frase: JESUS VIRÁ, e o Novo Testamento noutra frase: JESUS JÁ VEIO (é claro, como Redentor). Assim sendo, as Escrituras sem a pessoa de Jesus, seriam como a Física sem a matéria ou a Matemática sem os números...

IV. Fatos e particularidades da Bíblia

Os livros de Ester e Cantares não falam em Deus, porém sua presença é iniludível nos mesmos, especialmente nos episódios milagrosos de Ester. Há na Bíblia 8.000 menções de Deus entre seus vários nomes, e 177 menções do Diabo sob seus vários nomes.

A vinda do Senhor é referida 1.845 vezes, sendo 1.527 no Antigo Testamento e 318 no Novo Testamento. Não é um assunto para séria meditação?

O Salmo119 tem em hebraico 22 seções de 8 versículos cada. O número 22 corresponde ao de letras do alfabeto hebraico. Cada uma das 22 seções inicia com uma letra do referido alfabeto, e em cada seção todos os versículos começam com a letra da respectiva seção. Caso semelhante há no livro de Lamentações de Jeremias. Ali, em hebraico, os capítulos. 1, 2 e 4 têm 22 versículos cada, correspondendo às 22 letras do alfabeto, de *Álefe* a *Tau*. Porém, o capítulo 3 tem 66 versículos, levando cada três deles, a mesma letra do alfabeto. Há outros casos assim na estrutura da Bíblia. Isso jamais poderia ser obra do acaso. Por exemplo: O Salmo 22 é alfabético — um versículo para cada letra hebraica.

O livro de Isaías é uma miniatura da Bíblia. Tem 66 capítulos correspondendo aos 66 livros da Bíblia. A primeira seção

tem 39 capítulos correspondendo à mensagem do Antigo Testamento. A segunda seção tem 27 capítulos, tratando de conforto, promessa e salvação, correspondendo à mensagem do Novo Testamento. O Novo Testamento termina mencionando o novo céu e a nova terra. O mesmo ocorre no término de Isaías (66.22). O próprio nome *Isaías* tem semelhança com o de Jesus, no significado. *Isaías* quer dizer *Salvação de Jeová*, e *Jesus*: *Jeová é Salvação.*

A frase "não temas", ocorre 365 vezes em toda a Bíblia, o que dá uma para cada dia do ano!

O capítulo 19 de 2 Reis é idêntico ao 37 de Isaías.

O Antigo Testamento encerra citando a palavra "maldição"; o Novo Testamento encerra citando "a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo".

A Bíblia foi o primeiro livro impresso no mundo após a invenção do prelo; isso deu-se em 1452 em Mogúncia, Alemanha.

Os números 3 e 7 predominam admiravelmente em toda a Bíblia.

O nome de Jesus consta do primeiro e último versículos do Novo Testamento.

A Bíblia completa pode ser lida em 70 horas e 40 minutos, na cadência de leitura de púlpito. O Antigo Testamento leva 52 horas e 20 minutos. O Novo Testamento, 18 horas e 20 minutos.

Que estás fazendo, irmão, para difundir a Bíblia — o livro que te salvou?

Questionário

1. Como explicar a unidade física da Bíblia em meio a tantas circunstâncias adversas durante sua composição?
2. Como proceder ao encontrarmos aparentes contradições na Bíblia?
3. Dê as duas partes principais da Bíblia.
4. Dê o total de livros do Antigo Testamento, Novo Testamento, e de toda a Bíblia.
5. Dê o total de capítulos da Bíblia.

6. Dê um plano de leitura anual da Bíblia.
7. Quando foi a Bíblia dividida em capítulos?
8. Dê o total de versículos da Bíblia.
9. Quando foi dividido em versículos o Antigo Testamento, e o Novo Testamento?
10. Qual o critério adotado na classificação dos livros da Bíblia: ordem cronológica ou assuntos?
11. De onde vem a classificação dos livros do Antigo Testamento por assuntos?
12. Quantos e quais são os livros: (Citar de memória) da *Lei*; da *História*; da *Poesia*; da *Profecia*?
13. Quantas e quais as classes de livros do Novo Testamento?
14. Quantos e quais são os livros do Novo Testamento: (Citar de memória) da *Biografia*; da *História*; da *Doutrina*; da *Profecia*?
15. Como são chamados os 3 primeiros Evangelhos?
16. Qual a verdade bíblica revelada no conteúdo dos Atos dos Apóstolos?
17. Que quer dizer *epístola*?
18. Que quer dizer o termo *Apocalipse*, e, de que trata esse livro?
19. Qual a particularidade evidente na disposição ou seqüência dos livros da Bíblia?
20. Quais as referências onde o próprio Jesus revela-se como o tema central da Bíblia?
21. Quanto à redenção efetuada por Jesus, dê as duas frases em que podemos resumir o Antigo e o Novo Testamento.



UNIDADE I - BIBLIOLOGIA

CAPÍTULO IV
A Bíblia e Sua Mensagem

I. A origem divina da Bíblia 52
II. Fatores ou requisitos de progresso no conhecimento da Bíblia 56
III. A aplicação da mensagem da Bíblia 57
IV. Noções de hermenêutica sagrada 59
V. Noções de homilética 62
VI. Noções de cronologia bíblica 66
VII. Noções de geografia e história bíblica 70
VIII. Métodos de estudo da Bíblia 81
IX. Dificuldades bíblicas 84

Os principais títulos da Bíblia como mensagem de Deus, ou revelação divina são:

1. Sagradas Escrituras (Rm 1.2; 2 Tm 3.15) ou apenas Escrituras (Lc 24.27,45). Ou ainda Escritura (Jo 10.35; 2 Tm 3.16).

2. A Palavra de Deus (Mc 7.13; Rm 10.17; Hb 4.12).

3. A Palavra da Verdade (2 Tm 2.15).

4. A Escritura da Verdade (Dn 10.21).

5. O Livro do Senhor (Is 34.16).

Seu título de compromisso, como repositório de melhores, preciosas e grandes promessas (Hb 8.6; 2 Pe 1.4) é *Testamento* (2 Co 3.6,14).

Seu título como livro é *Bíblia.* (Esse vocábulo aparece no *original* em João 21.25; 2 Timóteo 4.13; Apocalipse 20.12, mas não como referência às Escrituras Sagradas.)

A Bíblia — A Palavra Escrita de Deus — é um livro divino, porém nos é dado por homens iguais a nós, tornando-se assim, divino-humano. Assim também o é Cristo — A Palavra Viva, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem (Mt 1.23; Jo 1.1; Ap 19.13).

Pela Bíblia, Deus fala em linguagem humana para que o homem possa entendê-lo. Por essa razão a Bíblia faz referência a tudo o que é humano e terreno.

A obra de Deus é também divina-humana. Ele pergunta: "Quem há de ir *por* nós?" (Is 6.8). Deus é um ser de natureza espiritual. Alguém precisa ir em seu lugar levar sua mensagem aos homens.

I. A origem divina da Bíblia

Que as Escrituras são de origem divina é assunto resolvido. Deus na sua Palavra é testemunha concernente a si mesmo. Quem tem o Espírito de Deus deposita toda confiança nela como *a Palavra de Deus*, sem exigir provas nem argumentar. Aquilo que o crente não entende, aceita por fé. Portanto, sob o ponto de vista legal, a Bíblia não pode estar sujeita a provas e argumentos. Apresentamos algumas pro-

vas da Bíblia como *A Palavra de Deus*, não para crermos que ela é divina, mas *porque* cremos que ela é divina. É satisfação para nós, crentes na Bíblia, podermos apresentar evidências daquilo que cremos internamente — no coração. Não precisamos provar que ela é a Palavra de Deus. Já cremos nisso. Os inimigos é que devem provar que ela não é a Palavra de Deus.

Algumas evidências da origem divina da Bíblia:

A. A evidência da inspiração divina (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21). Por isso ela é chamada a "Palavra de Deus". Essa inspiração da Bíblia é plenária, e inclui as próprias palavras no original. Deus inspirou não só as idéias na mente do escritor, mas também as palavras, uma vez que a "palavra é a expressão do pensamento". Confronte os termos "falar" e "palavra", referentes à mensagem divina em 1 Coríntios 2.13; Hebreus 1.1; 2 Pedro 1.21; Apocalipse 22.6. Assim, a inspiração divina na Bíblia não foi só *pensada*, mas também *falada*.

B. A evidência da perfeita unidade e harmonia da Bíblia apesar de sua diversidade. Há unidade e harmonia doutrinária na mensagem da Bíblia. Uma tríplice diversidade ligada aos escritores, ressalta ainda mais a unidade e harmonia da mensagem da Bíblia, mostrando que uma única e infinita mente — a de Deus, controlava toda a operação de composição da mensagem da Bíblia. "Sendo humana, ela é sujeita às leis da língua e literatura e, sendo divina, pode ser compreendida somente por homens espirituais. Os autores humanos fornecem variedade de estilo e matéria. O autor divino garante unidade de revelação e ensino. Os autores humanos se referem a Bíblia em parte. O divino, refere-se à Bíblia como um só livro" — *John Mein*. Vejamos a dita diversidade.

1. A diversidade de atividade dos escritores. Entre os escritores houve príncipes, legisladores, generais, reis, poetas, estadistas, sacerdotes, profetas, pescadores, teólogos, boiadeiros, funcionários públicos, etc.; daí surgindo toda uma diversidade de estilos. Entretanto os escritos desses homens completam-se, apresentando uma só mensagem poderosa e coerente!

2. *A diversidade de condições ambientais.* Os escritores escreveram ora na cidade, no campo, no palácio, em ilhas, prisões, deserto, no exílio. Apesar disso, a mensagem da Bíblia é uniforme.

3. *A diversidade de circunstâncias.* As circunstâncias foram as mais desencontradas. Davi escreveu muitas vezes sob o calor das batalhas; já Salomão, fê-lo na calma da paz... Profetas houve que escreveram repassados de tristezas, enquanto Josué escreveu sob a alegria da vitória. Mesmo assim, a mensagem da Bíblia é *uma só*, bem como é *um só* o meio de salvação.

Apesar de toda essa diversidade, o pensamento de Deus corre uniforme e progressivo através da Bíblia. É como um rio — que brotando de sua nascente vai engrossando e aumentando até tornar-se caudaloso!

Sim, a mensagem da Bíblia não apresenta apenas harmonia, mas também uma continuidade maravilhosa.

Ela é de fato a revelação progressiva da verdade.

Uma coisa maravilhosa é que esta unidade não jaz apenas na superfície; quanto mais profundo for o estudo, mais ela aparecerá.

Deus é o único que pode ter sido o autor da Bíblia, porque:

Homens ímpios jamais iriam produzir um livro que sempre os está condenando. Também, ele trata de fatos anteriores ao homem.

Homens justos e piedosos jamais cometeriam o crime de escreverem um livro e fazerem o mundo crer que o mesmo fosse obra de Deus.

Os judeus — guardiões da Bíblia — jamais poderiam ser os autores da mesma, pois ela sempre condena suas transgressões, pondo seus delitos a descoberto. Por outro lado, se eles tivessem podido mexer nela, teriam apagado todos esses males, idolatria e rebeliões contra Deus, registrados em seu texto.

Anjos também não podem ter sido seus autores, porque ela discorre sobre fatos anteriores a eles.

C. A evidência da aprovação da Bíblia por Jesus. Essa aprovação constou do seguinte:

Jesus leu-a e tomou-a como base de sua pregação e ensino. Exemplo: pregação, em Lucas 4.16-21; ensino, em Lucas 24.27.

Jesus usou-a contra o Diabo (Mt 4.3-11).

Jesus chamou-a "A Palavra de Deus" (Mc 7.13; Jo 17.17).

Jesus observou-a e cumpriu-a em sua vida (Mt 3.15; 5.17; Lc 18.31; 24.44).

D. A evidência do testemunho do Espírito Santo no interior do crente. Quem aceita Jesus como Salvador, automaticamente aceita também a Bíblia como a Palavra de Deus. Por que isso? Porque o mesmo Espírito de Deus que convence o pecador (Jo 16.8) e testifica no crente que este é agora filho de Deus (Rm 8.16), testifica também no mesmo crente que a Bíblia é a Palavra de Deus para ele (Jo 7.7).

E. A evidência do cumprimento das profecias da Bíblia. A Bíblia *é* um livro de profecias. Profecias de dois tipos: tipológicas e literais. As primeiras, expressas através de tipos; as segundas, expressas em linguagem literal, direta. Inúmeras profecias bíblicas estão se cumprindo, outras aguardam cumprimento.

Exemplo de profecias da Bíblia e seu cumprimento com toda exatidão:

1. *As do primeiro advento do Messias* (Gn 3.15; 49,10; Sl 22; Is 7.14; 53; Dn 9.24-26; Mq 5.2; Zc 9.9). Todo o Evangelho Segundo São Mateus é rico em citações de cumprimento de profecias do primeiro advento de Cristo.

2. *As referentes ao restabelecimento e esplendor da nação israelita* (Is 60.9; 61.6; Jr 23.3; 30.3; 31.36; Ez 11.17; 36; 37; Am 9.14,15).

3. *Ciro chamado pelo nome*, 150 anos antes de seu nascimento (Is 44.28).

4. *Josias chamado pelo nome*, 300 anos antes de seu nascimento. (Comparar 1 Reis 13.2 com 2 Reis 23.15-18.)

5. *Os últimos quatro impérios mundiais da História*, admiravelmente descritos através da Palavra profética, muito antes de surgirem no cenário político mundial (Dn caps. 2 e 7).

6. Israel — a nação líder do futuro (Is 11.10; Sf 3.19; Zc 8.20-23). E, em perfeita paz com o Egito e a Assíria (hoje, parte do Iraque — Is 19.24,25).

F. A evidência do efeito e influência da Bíblia em indivíduos e nações. O mundo é hoje melhor por causa da Bíblia. Ela é conhecida pelo caráter que molda. Noutras palavras, é conhecida por seus benditos frutos nas vidas dos que a abraçam. A poderosa influência da Bíblia tem transformado multidões de pessoas em todos os tempos e em todas parte do mundo, dantes incrédulas, descrentes em todos e em tudo, sem alegria interior, indiferentes, materialistas, decaídas, escravas do pecado, do vício, da idolatria, medo, superstições, feitiçarias, mas depois que abraçaram este Livro, foram por ele influenciadas e transformadas em criaturas salvas, alegres, libertas, felizes, santificadas.

Nenhum outro livro tem tal poder de transformar pessoas e influenciar nações para o bem. Até os inimigos da Bíblia reconhecem que nenhum outro livro em toda história da humanidade teve tamanha influência para o bem. Reconhecem seu efeito sadio na civilização.

Mostrai-me outro livro com tal poder de influenciar e transformar indivíduos, famílias e nações!

Vede a diferença entre aqueles que amam e praticam os ensinos da Bíblia e os que a recusam. É a Bíblia o modelador do verdadeiro caráter. Seus ensinos simples e ao mesmo tempo profundos, são o verdadeiro guia de qualquer moço ou moça, para uma vida bem sucedida e feliz. A mocidade precisa saber disso.

Considerando tudo o que acabamos de dizer, quanto a poderosa influência da Bíblia e seu poder transformador, perguntamos, donde vem tal livro senão de Deus?

II. Fatores ou requisitos de progresso no conhecimento da palavra

O plano de Deus para o crente é que o mesmo tendo uma vez conhecido a verdade salvadora, prossiga para o pleno conhecimento dela (Pv 9.9; 1 Tm 2.4 — ARA).

Alguns fatores de progresso no conhecimento da Bíblia são:

A. A livre operação do Espírito Santo no crente (Lc 24.25; Jo 14.26; Jo 16.13; 1 Co 2.10,13).

B. A espiritualidade do crente (Sl 25.14; Mt 22.29; Mc 4.33; Jo 16.13; Hb 5.13,14). Essa espiritualidade fundamenta-se num profundo amor à Palavra (Dt 6.6).

C. A oração é um poderoso aliado (Sl 119; Pv 2.3-5; Tg 1.5).

D. O ministério de ensino dos mestres bíblicos (1 Co 12.28; Ef 4.11,12; 2 Tm 2.2).

E. Boas fontes de consulta e referência (Dn 9.2; Mt 24.15 — ARA; Lc 1.3; 1 Ts 5.21; 2 Tm 4.13). (Ver Cap. I, ponto VI)

F. Bons conhecimentos do vernáculo e, se possível, de originais (Jz 12.6; Mt 27.46,47; Mc 15.34; Jo 1.41,42; At 8.30; 1 Co 14.9).

G. Conhecimentos de Hermenêutica e Exegese (Ne 8.8; At 8.31; 18.26).

Nota 1: É preciso considerar a soma de experiência cristã que o indivíduo já possua, bem como a soberania de Deus em revelar suas coisas no seu tempo. (Ver também Cap. I, ponto IV)

III. A aplicação da mensagem da Bíblia (Pv 25.11)

"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

A expressão "que maneja bem a Palavra da Verdade", tem a ver com a correta interpretação e aplicação da Palavra, como a mensagem de Deus.

A aplicação do texto bíblico

A aplicação do texto pode ser quanto a povo, tempo, lugar, sentido, natureza e procedência da mensagem. Isto está relacionado com a Hermenêutica.

A. A aplicação do texto quanto a POVO

Diante de Deus só há três classes de povos (1 Co 10.32):

1. *Judeus*
2. *Gentios*
3. *Igreja*

Cada povo desse tem suas peculiaridades.

B. A aplicação do texto quanto a TEMPO

O tempo na história humana pode ser:

1. Passado

2. Presente

3. Futuro

É preciso ver quando o texto aplica-se a um ou mais desses tempos. A cronologia bíblica situa o texto bíblico no tempo.

C. A aplicação do texto quanto a LUGAR

1. Céu

2. Terra

3. Espaço

Há texto que se aplica a um ou mais desse lugares. A aplicação errônea do texto gerará confusão.

D. A aplicação do texto quanto a SENTIDO

A mensagem da Bíblia encerra dois grandes sentidos.

1. O literal. É o sentido natural das palavras como em Atos caps. 27 e 28. A acidentada viagem de Paulo a Roma.

2. O figurado. A Bíblia é rica em linguagem figurada. O sentido figurado é expresso através de várias categorias de figuras de linguagem. As principais são os tipos, os símbolos, as metáforas e parábolas. (Ver a parte IV do presente capítulo).

E. A aplicação do texto quanto à sua MENSAGEM. Isto é, sua natureza e procedência.

A mensagem da passagem que estamos estudando pode ser:

1. Histórica. É rico esse campo na Bíblia.

2. Profética. Há inúmeras profecias para estudo.

3. Doutrinária. Há na Bíblia doutrina suficiente para todas as necessidades da alma humana.

F. A aplicação do texto bíblico quanto à FONTE ou PROCEDÊNCIA da mensagem.

No estudo da Bíblia é preciso observar quem está falando através do registro sagrado.

1. Deus fala continuamente em sua Palavra; ora diretamente, ora por meio de seus servos.

2. O Homem, de si mesmo, também fala vez por outra na Bíblia. Por exemplo: há um capítulo todo escrito por um ímpio (Dn cap. 4). O livro de Eclesiastes é o registro do raciocínio do homem natural, insatisfeito como sempre.

3. O Diabo. A Bíblia registra palavras e mensagens dele.

Nos casos 2 e 3 acima, a inspiração divina consiste do registro da mensagem e não da mensagem do registro.

Durante o estudo da Bíblia, procura pois determinar quem está falando, para evitares aplicação errônea.

Portanto é preciso sabedoria e prudência na aplicação da mensagem da Bíblia (Ver Provérbios 25.11).

Pode o leitor, instantaneamente, orientar-se onde quer que esteja na Bíblia, considerada esta:

Como livro?
Como mensagem?
Como elemento cronológico?
Como elemento histórico?

IV. Noções de Hermenêutica e Exegese bíblicas

Hermenêutica são as leis e princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. O termo Hermenêutica deriva de um verbo grego que significa *interpretar*, e aparece no original em Jo 1.38,41,42; Hb 7.2. A aplicação dos princípios da Hermenêutica é a Exegese. A Hermenêutica expõe esses princípios; a Exegese aplica-os. A Exegese lida com o sentido literal do texto, enquanto a Hermenêutica estabelece os princípios de interpretação do texto.

A Exegese procura responder a indagação: "O que significa o texto no original?" A Hermenêutica é como se fosse a teoria; e a Exegese, a prática; portanto, a Hermenêutica precede a Exegese. O termo *exegese* significa literalmente *extrair, expor, aplicar, comentar.*

Alguns princípios de Hermenêutica Sagrada são:

A. Espiritualidade. Ser homem espiritual, de oração e consagração. O real intérprete da Bíblia é o Espírito Santo. Procure depender do Espírito Santo. Ele está ansioso para

comunicar as verdades divinas. Tenha consigo o Intérprete e deixe também que Ele o tenha! Esteja em harmonia e sintonia com Ele!

B. Conhecer o vernáculo. Isto, para conhecer o sentido natural das palavras do texto, tanto as isoladas como as combinadas. Isso inclui o vocabulário bíblico. É a resposta à pergunta: Que diz o texto? Para saber o que *significa* o texto é preciso saber primeiro o que *diz* o texto.

C. Observar a lei do contexto. (Ver também Cap. I, ponto V.) Alguém já disse mui sabiamente que "O texto sem o contexto é um pretexto". Isto é, a Bíblia interpreta-se com a Bíblia. Há nela uma analogia inconteste, que tem de ser mantida. É preciso deixar a Bíblia falar! Toda doutrina deve ser confirmada, provada e apoiada por textos bíblicos paralelos ou referências. Pelo menos duas testemunhas para confirmar toda palavra (Dt 19.15; Mt 18.16; 2 Co 13.1). A maior parte dos erros doutrinários vem da interpretação de versículos isolados. É de textos isolados, fora de seus contextos, que se aproveitam as seitas falsas para "provarem" suas aberrações doutrinárias (2 Pe 1.20).

As passagens paralelas ou referências são uma forma de contexto. Essas referências são de duas classes: *verbais* e *reais*. São verbais quando ocorre a mesma palavra. São reais quando têm o mesmo sentido ou assunto, mesmo que a palavra em comum seja diferente. Estas (as reais) são as apropriadas para estudo doutrinário.

Cabe aqui um alerta. As Concordâncias Bíblicas (erradamente chamadas *Chaves Bíblicas*) só fornecem referências ou paralelismos verbais. O mesmo ocorre com as referências marginais de certas edições da Bíblia (Bíblia com referências).

Muitos estudantes novatos têm cometido graves erros de ensino, por se basearem apenas em referências verbais, muitas vezes. Ora, só pelo fato da mesma palavra ser repetida no assunto em estudo, não quer dizer que sempre se trate da mesma coisa. Cuidado, pois!

Portanto, observar a lei do contexto é comparar escritura com escritura. Para isso é preciso idoneidade e discernimento espiritual dado por Deus. (Ver Lucas 24.45; Tiago 1.5; 1 João 5.20.)

Jesus ao explanar a Bíblia, comparou as escrituras de Moisés com as dos Profetas para ensinar a dois discípulos sobre sua pessoa e sua obra redentora (Lc 24.13,27-32).

D. Conhecer Antiguidades Bíblicas. Isto é, vida, costumes, leis e terras dos povos bíblicos. Isto lança abundante luz sobre o texto. Muitos pontos obscuros ou dificuldades vêm do não conhecimento disso.

E. Bom-senso. É o uso da razão — a mais alta faculdade com que Deus dotou o homem. A Bíblia foi-nos dada por Deus, não só para ocupar o nosso coração, mas também o nosso raciocínio (Hb 8.10; 10.16). Na Bíblia não há lugar para contrasensos. Ao encontrarmos um texto difícil, apresentando discrepância, incoerência, injustiça, algo chocante, não pensemos logo que há erro. É preciso ter sempre em mente a analogia geral das Escrituras.

F. O conhecimento do plano global de Deus. Um conhecimento geral, sem exagero, preconceitos e invencionices, do plano global de Deus, isto é das Dispensações e Alianças através dos séculos, é de grande serventia (Ef 3.11; Hb 6.17).

G. A linguagem figurada da Escritura. É abundante a linguagem figurada na Bíblia. Suas mais importantes formas são os tipos, os símbolos, as metáforas e as parábolas.

Tipo. É um meio determinado por Deus de comunicar verdades divinas por meio de ilustrações ou figuras. A palavra *tipo*, significa no original *inscrever, gravar, imprimir*. É traduzida de diferentes maneiras no Novo Testamento. O tipo é geralmente constituído de pessoa, coisa ou evento. Ele aponta para o futuro, quando ocorrerá a manifestação ou conhecimento da realidade prefigurada no tipo — o antítipo. São exemplos de tipos: Adão, Moisés, a Páscoa, o Tabernáculo, o Sacerdócio, as Cerimônias e Festas Sagradas, o Sábado, etc. No Antigo Testamento estão os tipos e em o Novo Testamento, seus antítipos.

Símbolo. É geralmente constituído de objeto somente, prefigurando aquilo que já existe, realçando-o por meio de figura. Um tipo pode conter vários símbolos, mas, nunca ao

contrário. Exemplo de símbolos: ouro, fogo, água, sangue, a oliveira, linho, incenso, óleo, sal, fermento, certos números, certas cores, etc.

V. Noções de Homilética

Considerando que inúmeros professores e demais obreiros da Escola Dominical são também pregadores, cremos prestar um serviço a esses irmãos, inserindo aqui estas noções elementares de Homilética.

Homilética é a arte e a ciência de pregar sermões. Há muitas formas de anunciar a Palavra. A mais conhecida é a pregação, ou mais propriamente o sermão. Temos na Bíblia Sagrada a mensagem da salvação ao pecador, e a de edificação para o crente. Porém imperioso é, que esta mensagem seja, sem perda de tempo, proclamada à humanidade inteira. O obreiro como homem de Deus é um semeador da Palavra. (Ler Marcos 16.15; 2 Timóteo 4.2.)

A. A preparação do pregador. Isso é prioritário. O pregador deve preparar-se antes de preparar o sermão. Como é esa preparação?

1. Preparação mental

a) Mente tranqüila, aberta. Contribui para isso: ambiente calmo, estar a sós, livre de pressões e problemas.

b) Mente instruída na Palavra Divina e no saber humano, pois vamos falar a homens (1 Co 14.9).

2. Preparação espiritual

a) Dependência do Espírito Santo para vivificar e ungir a mensagem que o sermão trará. Podemos sim, preparar o sermão, mas só Deus nos dará a real mensagem. (Ver João 6.63a; Atos 10.44.)

b) Oração. É preciso o pregador falar primeiro com Deus a respeito dos homens, antes de falar com os homens a respeito de Deus.

c) O *estudo da Palavra.* É ela que vai ser usada, não nossas próprias idéias. Quem semeia a Palavra, colherá frutos, pois ela é chamada *semente.* (Ver Salmo 126.6; 2 Tm 2.15.)

Quem semeia apenas o que é humano, não obterá frutos espirituais.

A preparação espiritual é vital para o pregador e seu sermão. A palavra que sai de um coração abrasado, após ter estado na presença do Senhor, vai até o coração do ouvinte, mas a que flui apenas da cabeça, só vai até a cabeça do ouvinte.

3. Obstáculos à preparação do pregador. Muitas vezes é nesta hora de preparação mental e espiritual, quando "o pão está no forno" para logo ser distribuido ao povo, que surgem as interrupções e obstáculos. O pregador sábio resistirá a essas perturbações, sabendo, via de regra, tratar-se do Diabo, em sua ação maligna de roubar a Palavra.

B. *O Sermão quanto às suas fontes.* Isto é, fontes ou motivos para sermões.

1. A Palavra de Deus. Esta é uma fonte inesgotável!

2. Fichário de assuntos do pregador. Todo pregador deve ter seus apontamentos individuais.

3. Livros, revistas e jornais apropriados. O pregador deve ler muito.

4. A natureza em geral. O pregador deve ser um bom e atento observador. Suas viagens fornecem bons campos de observação.

5. Acontecimentos locais e mundiais importantes. O pregador deve estar atento e atualizado quanto às manchetes que valem sermões.

6. As necessidades espirituais do rebanho, no momento; fornecem temas.

7. Sermões de outros. Não plagiados, nem repetidos, mas adaptados. Quando assim feitos, eles adquirem nova feição, levando a estampa e a individualidade do novo pregador, por cujo célebro e coração fluíram novamente com oração. O príncipe dos pregadores, C.H. Spurgeon, era dessa idéia.

8. A inspiração divina momentânea. Isto pode ocorrer em qualquer lugar e ocasião, muitas vezes onde menos se espera.

9. A experiência do próprio obreiro. A História se repete!

C. O sermão quanto ao seu propósito. O propósito do sermão pode ser:

1. A conversão dos perdidos. Deve ser a visão contínua e crescente de todo pregador.

2. A edificação dos crentes. Aqui, a fonte de temas é inesgotável.

3. Despertamento da igreja. Crentes frios, desviados.

4. Instrução de obreiros. O obreiro deve tomar tempo para instruir a outros, enquanto é tempo (2 Tm 2.2).

5. A obra missionária. (Ver o nº 1, acima.)

6. Promoção do trabalho local. Cruzadas, campanhas, conferências, etc.

7. Comemorações. Cívicas, sociais e religiosas.

Todas as fases do culto, inclusive o sermão, devem conduzir aos nºs 1 e 2, acima.

D. O sermão quanto à sua forma. É a classificação dos sermões. Quanto à forma, o sermão pode ser classificado em *Temático, Textual, Expositivo* e *Ocasional.*

1. Sermão Temático. É o que expõe a verdade bíblica implícita num tema utilizado pelo pregador. O tema deve enquadrar-se num texto ou trecho bíblico, de modo coerente.

As divisões do esboço do sermão temático derivam do tema, não do texto bíblico.

Todas as divisões do sermão temático devem incluir o tema.

Requer cuidado redobrado para que não venha a ser uma simples peça de oratória, sem vida e sem poder, contendo apenas arrazoados do intelecto humano.

2. Sermão Textual. É a exposição da verdade bíblica contida num texto bíblico escolhido.

As divisões do sermão textual derivam do texto bíblico tomado, não do tema do sermão.

a) Sermão Textual Puro. Suas divisões vêm de citações do texto tomado.

b) Sermão Textual por Inferência. Suas divisões vêm de expressões sintéticas do pregador, resumindo partes do texto tomado.

c) Sermão Textual Analítico. É o que divide ao máximo o texto bíblico tomado.

3. Sermão Expositivo. As divisões do sermão expositivo vêm da exegese do texto tomado, e ainda apoiadas por referências bíblicas.

É uma análise pormenorizada, lógica e aplicada, do texto bíblico.

Era o método bíblico de pregação na igreja antiga, como se vê os exemplos do Novo Testamento e História da Igreja.

Requer sólido conhecimento sistemático das Escrituras, isto é, sólida cultura bíblica geral. O Espírito Santo só pode lembrar-nos daquilo que sabemos (Jo 14.26).

4. Sermão Ocasional. Para ocasiões especiais, como: Ceia do Senhor, Ano Novo, Dia da Pátria, Domingo da Ressurreição, Semana da Paixão, Funeral, Inauguração de Templo, etc.

É de bom alvitre o pregador usar aliteração no esboço do sermão.

O Espírito Santo na sua soberania, pode, mediante inspiração ou revelação momentânea, transformar uma alocução em andamento, no que chamaríamos sermão profético, o qual não resulta de prévio estudo do texto bíblico ou preparação especial do pregador cheio do Espírito Santo. Temos testemunhado isso muitas vezes. Pode ter cunho evangelístico, admoestação à congregação, ou pura explanação da Palavra de Deus. Quando isso ocorre, a congregação geralmente prorrompe em profunda adoração e regozijo, cheia de santo temor e convicção da presença do Senhor.

E. A Estrutura do Sermão. O sermão compõe-se geralmente de três partes:

1. Introdução. O mesmo que exórdio. Deve ser breve, constando de:

- Anúncio do tema
- Texto bíblico e sua leitura
- Matéria introdutória. É a "moldura do sermão".

A introdução do sermão pode ser constituída de um fato ambiental ou circunstancial, local ou não.

2. Corpo do Sermão. É o mesmo que Desenvolvimento do Sermão.

- É a apresentação da seqüência das divisões do sermão.
- Deve ter de 3 a 5 divisões. O ideal é 3.

3. Conclusão do Sermão. É o mesmo que *Peroração.*

- Deve ser breve.
- Deve ser objetiva, isto é, ter aplicação prática junto ao auditório.
- Deve conter veemente apelo à rendição a Cristo, à santificação pessoal e à consagração a Deus.

F. A Entrega do Sermão

1. Há pregadores que cansam o auditório, pelo tempo, pela falta de recursos, pelo despreparo, pelas impropriedades e incorreções, e pela imprudência. Quando terminam é um alívio!

2. O tempo de um sermão nunca deve ir além de 50 minutos. Há pregadores que não observam o tempo. Excedem os limites e continuam julgando que todo mundo está gostando.

3. A correta dosagem dos gestos, a entonação e inflexão da voz, em muito contribui para a boa apresentação e efeito do sermão. Isto, aliado, é claro à boa dicção e vernáculo escorreito. Quanto a gestos, é preciso usar o bom-senso, não indo aos extremos. Há pregadores que se agitam quais fantoches ou ficam imóveis, tipo múmias.

G. Exemplos de Sermões. O leitor pode ver em obras que tratam do assunto. O escopo desta obra não nos permite ir além, isto porque um exemplo ou dois não bastariam para dar uma idéia geral de tão importante veículo de disseminação da Palavra, que é o sermão.

VI. Noções de cronologia bíblica

A cronologia bíblica é quase toda incerta, aliás, toda a cronologia antiga. As datas eram contadas tomando-se por base eventos importantes da época, e isso dentro de cada povo. Não havia, é óbvio, uma base geral para cômputo do tempo.

Quanto à Bíblia, seus escritores não tinham preocupação com datas. Apenas registravam os fatos. As datas, quando mencionadas, tinham por base eventos particulares, como construção de cidades, coroação de reis, etc.

As descobertas arqueológicas e o estudo mourejante de dedicados eruditos no assunto, vêm melhorando e precisando a cronologia em geral, inclusive a bíblica.

As datas que aparecem às margens de certas edições da Bíblia não pertencem ao texto original. Foram calculadas em 1650 pelo arcebispo anglicano Ussher (1580-1656). É conhecida por *Cronologia Aceita*. A cronologia de Ussher vem enfrentando severa crítica. Há divergência quanto a muitas de suas datas, isso em face do progresso do estudo de assuntos orientais, através de contínuas pesquisas e descobertas arqueológicas. Quanto a Bíblia não se ocupar de um exato sistema de cronologia, lembremo-nos que ela é acima de tudo a revelação de Deus à humanidade, expondo o completo plano da redenção.

A. A utilidade da cronologia bíblica. Ela fornece pontos de referência na progressão da mensagem e fatos da Bíblia, situando-os no tempo.

B. Dificuldades no estudo da cronologia bíblica. Uma das dificuldades no estudo da cronologia bíblica está no próprio texto bíblico. Há, especialmente na época dos Juízes, do Reino Dividido, e dos Profetas, muitos períodos coincidentes em parte, reinados associados, intervalos de anarquia, arredondamento de números, etc. Para a busca da solução dessas dificuldades é mister um profundo exame dos textos envolvidos.

C. A era antes de Cristo (a era a.C.) A contagem do tempo que vai de Adão a Cristo é feita no sentido regressivo, isto é, o cômputo parte de Cristo para Adão, e não ao contrário. Noutras palavras, partindo de Adão para Cristo, os anos diminuem até chegarmos a 1 a.C. Portanto, de Cristo para Adão (o normal), os anos aumentam até chegarmos ao ano 4004 a.C., tido como o da Criação adâmica. É que Jesus é o centro de tudo. Ele é também o marco divisório e central do tempo. (Ver Hebreus 11.3, no gr.)

D. O erro existente em nosso calendário atual. O uso do calendário é tão antigo quanto a própria humanidade. Os primeiros povos a usar calendário foram os antigos egípcios. Há calendários diversos. O leitor moderno que só tenha noções do nosso calendário precisa aperceber-se disso ao estudar assuntos antigos. Nestas nossas concisas e incompletas notas, reportamo-nos unicamente ao calendário cristão, do qual, o calendário atual é uma continuação.

Em 526 d.C., o imperador romano do Oriente, Justiniano I, decidiu organizar um calendário original, entregando essa tarefa ao abade Dionísio Exiguus, o qual em seus cálculos cometeu um erro, fixando o ano 1 d.C. (o do nascimento de Cristo) com um atraso de 5 anos. Em seus cálculos ele tomou o calendário romano (o chamado "AUC") e fixou o ano 1 d.C. (o início da Era Cristã), como sendo 753 AUC, quando na realidade era o 749. Daí dizer-se que Jesus nasceu 5 anos antes da Era Cristã. O que é um absurdo se não for dada uma explicação. Nossos livros e tratados apenas declaram o fato do engano do abade, mas não o explicam. Portanto, as datas atuais estão atrasadas 5 anos. Estritamente falando, são quase cinco anos. Trata-se de arredondamento.

Nota 2. O calendário atual chama-se Gregoriano, porque em 1582 o papa Gregório XIII alterou o calendário de Dionísio, subtraindo-lhe dez dias, a fim de corrigir a diferença advinda do acúmulo de minutos a partir de 46 a.C., quando Júlio César reformou o calendário então existente.

Nota 3. A palavra **calendário** vem do latim *calenda* = 1º dia de cada mês entre os romanos.

E. As divisões do tempo

1. O dia. Entre os judeus e romanos era dividido em 12 horas, isto é, o período em que há luz. Entre os judeus, o dia ía de um pôr de sol a outro. Entre os romanos, ía de uma meia-noite a outra. As horas do dia e da noite eram contadas separadamente, isto é, doze e doze; isto entre judeus e romanos. (Ver João 11.9 e Atos 23.23.) Entre os judeus a Hora Primeira do dia era às seis da manhã. O mesmo ocorria em relação à noite, isto é, às seis da tarde.

2. A semana. Entre os hebreus, os dias da semana não tinham nome e sim números, com exceção do 6º e 7º dias, que também tinham nomes (Lc 23.54 - TR BR).

3. Os meses. Eram lunares. A lua nova marcava o início de cada mês, sendo esse dia, festivo e santificado (Nm 28.11-15; 1 Sm 20.5; 2 Rs 4.23; 1 Cr 23.31; Sl 81.3; Is 1.13; Cl 2.16). Tinham 29 e 30 dias alternadamente. Antes do exílio babilônico eram designados por números. Depois disso, passaram a ter nomes e números.

4. Os anos. Tinham 12 meses de 29 e 30 dias alternadamente, perfazendo 354 dias. Os judeus observavam dois diferentes anos: o sagrado, começando em Abibe (mais ou menos o nosso abril), e o civil, começando em Tisri (mais ou menos o nosso outubro).

5. Os séculos. Sua computação

Século I. Compreende os anos 1 a 100 d.C.
Século II. Compreende os anos 101 a 200 d.C.
Século III. Anos 201 a 300, e assim por diante.

F. Cronologia resumida dos principais fatos e eventos bíblicos.

Fato	*Duração*	*Período*
O mundo antediluviano	1600 anos	4004 - 2400 a.C.
Do Dilúvio a Abraão	400 anos	2400 - 2000 a.C.
Os patriarcas Abraão, Isaque, Jacó	200 anos	2000 - 1800 a.C.
Israel no Egito	400 anos	1800 - 1400 a.C.
Período dos Juízes	300 anos	1400 - 1100 a.C.
A monarquia Israelita (Saul, Davi, Salomão)	120 anos	1053 - 933 a.C.
O Reino Dividido	350 anos	933 - 586 a.C.
Queda do Reino do Norte (Samaria)		721 a.C.
O exílio babilônico (Judá)	70 anos	606 - 536 a.C.
Restauração da nação israelita	100 anos	536 - 432 a.C.
Ministério dos profetas literários	400 anos	800 - 400 a.C.
Nascimento de Jesus		± 5 a.C.
Ministério de João Batista		29 d.C.

Fato	*Duração*	*Período*
Ministério de Jesus	3 anos	30-33 d.C.
Conversão de Paulo		35 d.C.
Fundação das igrejas da Ásia Menor e Europa, por Paulo	15 anos	50-65 d.C.
Início da revolta dos judeus contra os romanos		66 d.C.
Destruição do templo de Jerusalém		70 d.C.
Escrito o Apocalipse – o último livro da Bíblia, por João, o Apóstolo.		96 d.C.
Morte de João, o Apóstolo		100 d.C.

Nota 4. Profeta Literário é o que deixou escritos seus.

Nota 5. O templo ao ser destruído no ano 70 d.C., tinha apenas seis anos de terminada sua construção (64 d.C.).

G. Cronologia dos impérios mundiais. Isto é, a fase em que exerceram supremacia sobre o mundo conhecido.

Egito	1600 - 1200 a.C.
Assíria	900 - 607 a.C.
Babilônia (o neo-império)	606 - 536 a.C.
Pérsia	536 - 331 a.C.
Grécia	331 - 146 a. C.
Roma	146 a.C. - 476 d.C.

VII. Noções de geografia e história bíblicas

Geografia Bíblica é a parte da Geografia Geral que estuda as terras e os povos bíblicos, bem como a matéria de natureza geográfica, contida no texto bíblico, que de passagem se diga, é de fato, abundante.

A. A importância da Geografia Bíblica. É de muita importância o estudo da geografia bíblica como meio auxiliar no estudo e compreensão da Bíblia. Mensagens e fatos descritos na Bíblia, tido como obscuros tornam-se claros quando estudados à luz da geografia bíblica. Deus permitiu a inserção de grande volume dessa matéria na Bíblia. Um exame, mesmo superficial, mostrará que a cada passo, a Bíblia menciona ter-

ras, povos, montes, cidades, vales, rios, mares e fenômenos físicos da Natureza.

O por quê dessa importância:

1. A Geografia é o palco terreno e humano da revelação divina. É ela que juntamente com a cronologia, situa a mensagem no tempo e no espaço, conforme o caso.

2. Ela dá cor ao relato sagrado, ao localizar, situar, fixar e documentar os mesmos. Através dela, os acontecimentos históricos tornam-se vívidos e as profecias mais expressivas. O ensino da Bíblia torna-se objetivo e de fácil comunicação quando podemos apontar, mostrar e descrever os locais onde os fatos se desenrolaram. Exemplos: Lc 10.30 ("*descia* um homem de Jerusalém *para* Jericó"); Dt 1.17: aqui nós temos uma profunda aula de geografia da Terra Prometida.

3. O estudo da geografia bíblica da Palestina e nações circunvizinhas esclarece muitos fatos e ensinos constantes das Escrituras.

4. As nações vêm de Deus, logo o estudo deste assunto à luz da Bíblia é profícuo sob todos os pontos de vista. (Ler Deuteronômio 32.8; Atos 17.26.)

B. Fontes de estudo da geografia bíblica

1. A Bíblia. É a fonte principal. Ela faz menção de inúmeros lugares, fatos, acidentes geográficos, povos, nações, cidades. É evidente que isto merece um cuidadoso estudo. A Bíblia contém capítulos inteiros dedicados ao assunto. Exemplo: Gênesis 10; Números 33; 34; Josué 15-21; Ez 45-47. Somente cidades da Palestina Ocidental a Bíblia registra acerca de 600. Não registradas, há inúmeras outras como o prova a arqueologia.

Um problema com que se defronta o estudante, nesse assunto, é o fato de grande número de países, cidades, regiões inteiras e outros elementos geográficos, terem atualmente novos nomes. Exemplos: a antiga Pérsia é hoje o Irã; a Assíria é parte do atual Iraque; a Ásia do Novo Testamento é hoje a Turquia; a Dalmácia do tempo de Paulo (2 Tm 4.10) é hoje a Bósnia e assim por diante.

2. A Arqueologia Bíblica. Esta, tem prestado enorme contribuição para a elucidação de dificuldades bíblicas e trazido à tona a história de povos do passado, considerados como lendários, como o caso dos hititas, mitânios e hicsos. A arqueologia bíblica teve seu começo em 1811 com as atividades nesse sentido do cônsul inglês Claude James Rich, na Mesopotâmia, quando lá se encontrava cuidando de interesses ingleses.

3. A História Geral. Aqui é preciso certa cautela. Muitos manuais hoje em uso no estudo secular estão eivados de erros, por seus autores desconhecerem a Bíblia. Temos vários casos documentados.

4. A Cartografia. A ciência dos mapas. Certas editoras especializadas editam atlas e mapas bíblicos, apropriados ao estudo da Geografia Bíblica. Os mapas mais importantes do mundo bíblico são os quatro seguintes:

O Mundo Bíblico do Antigo Testamento;

O Mundo Bíblico do Novo Testamento;

A Palestina do Antigo Testamento.

A Palestina do Novo Testamento. (Ver págs. 241 a 244.)

O profeta Ezequiel, por ordem divina traçou num tijolo a cidade de Jerusalém (Ez 4.1). Temos aqui uma noção de mapa bíblico.

5. A Fotografia. Este é outro elemento de grande valor no estudo da geografia bíblica.

C. A extensão do mundo bíblico. O mundo bíblico situa-se no atual Oriente Médio e terras do contorno do mar Mediterrâneo. É ele o berço da raça humana. Mais precisamente a Mesopotâmia, nas planícies entre os rios Tigre e Eufrates. Foi daqui que partiram as primeiras civilizações. Na dispersão das raças após o Dilúvio (Gn caps. 10 e 11), *Sem* povoou o sudoeste da Ásia. *Cão* povoou a África, e *Canaã* a península arábica. *Jafé* povoou a Europa e parte da Ásia.

Limites do mundo bíblico:

Ao Norte: Da Espanha ao mar Cáspio.

A Leste: Do mar Cáspio ao mar Arábico (Oceano Índico).

Ao Sul: Do mar Arábico à Líbia.

A Oeste: Da Líbia à Espanha.

(O estudante deve ver isso nos mapas e atlas bíblicos.)

D. Regiões, áreas e países do mundo bíblico. Acidentes naturais. Citaremos apenas alguns casos, dado o limitado espaço que temos para isso.

1. Mesopotâmia (Gn 24.10; Dt 23.4; At 2.9). Berço da humanidade. Não é verdade o que muitos manuais de História Geral declaram: ser o Egito o berço da humanidade. A verdade está na Bíblia. Aqui existiu o Éden adâmico. Na Mesopotâmia destacam-se dois países:

• Babilônia, de capital do mesmo nome. Outros nomes antigos: Caldéia (Ez 11.24); Sinear (Gn 14.1); Sumer. É o sul da Mesopotâmia.

• Assíria (Gn 2.14; 10.11). É o norte da Mesopotâmia. É hoje parte do Iraque. Capital: Nínive, destruída em 607 a.C. A oeste ficava o reino de Mari. Os Mitânios habitavam em volta de Harã, ao norte da Assíria.

2. Arábia. Capital: Petra (gr); Sela (heb.). Vai da foz do Nilo ao Golfo Pérsico. Aí, Israel peregrinou em demanda de Canaã. A região de Ofir, fornecedora de ouro ficava possivelmente aí (1 Rs 9.28). A península do Sinai era parte da chamada Arábia Pétrea. A Lei foi dada aí e o tabernáculo erigido a primeira vez.

3. Pérsia. Hoje parte do Irã. Capitais: teve as seguintes, pela ordem: Ecbátana, Pasárgada, Susã, Persópolis. Foi cenário do livro de Ester e parte do de Daniel. Aí, primeiramente floresceram os *medos*. Depois os *persas* assumiram a liderança. (Ver At 2.9.) A Média, quando na supremacia, tinha por capital Hamadã (entre os gregos *Ecbátana*).

4. Elão. Hoje incorporado ao Irã. Capital: Susã (Gn 14.1; At 2.9).

5. Armênia ou Ararate (Cap. 8 de Gênesis).

6. Síria. Mesmo que Arã. (Não confundir com *Harã.*) Capital: Damasco (Is 7.8). Seu território não é o mesmo da Síria moderna (At 11.26). Nos dias de Jesus tornara-se sede da província romana, da qual fazia parte a Palestina (Lc 2.2). A capital dessa província era Antioquia. A Síria era na época governada por um *legado* romano.

7. Fenícia. Hoje: Líbano, em parte. Cidades principais: Tiro e Sidom. Navegantes famosos. Primitivos exploradores. Fundaram Cartago, na África do Norte (hoje *Túnis.*) Nosso alfabeto vem dos fenícios cerca de 1500 a.C. (Ver 1 Rs 9.26-28; Mateus 11.22; 15.21.)

8. Filístia. Povo oriundo do primitivo Egito e Creta (Gn 10.14; 1 Cr 1.12; Am 9.7; Dt 2.23; Jr 47.4). O termo *Filístia* (Êx 15.14), deu origem ao termo *Palestina.*

9. Egito. É o país mais citado na Bíblia depois da Palestina. Em hb seu nome é *Mizraim* (Gn 10.6). Teve várias capitais nos tempos bíblicos. Parte do seu futuro, profeticamente falando, está em Ezequiel 29.15. Fica no Norte da África.

10. Etiópia. Fica ao sul do Egito. Segundo Gênesis 2.13, existia outra Etiópia na região Norte da Mesopotâmia — a chamada *Terra de Cush* (hb). A profecia de Salmo 68.31 a respeito da Etiópia, teve seu cumprimento a partir de Atos 8.26-39, quando a fé cristã foi ali introduzida. É país de princípios cristãos até hoje. A Etiópia de Atos compreende hoje a Abissínia e a Somália.

11. Líbia. Extensa região da África do Norte. Simão, o que ajudou Jesus a levar a cruz, era natural de Cirene — cidade da Líbia (Mt 27.32). Igualmente, no dia de Pentecoste estavam cireneus em Jerusalém (At 2.10).

12. Ásia. A Ásia dos tempos bíblicos nada tinha com o atual continente asiático. Era uma província romana situada na parte ocidental da chamada Ásia Menor ou Anatólia. (Ler Atos 6.9; 19.22; 27.2; 1 Pedro 1.1; Apocalipse 1.4,11.) Capital dessa província: Éfeso. Toda a região dessa antiga Ásia Menor compreende hoje o território da Turquia.

13. Grécia ou Hélade (At 20.2). No Antigo Testamento em hebraico é Javã ou Iônia (Gn 10.4,5). A maior parte da Grécia Antiga era conhecida pelo nome de Acaia (At 18.12), nome esse derivado dos Aqueus — povo que a habitou. Na época do Novo Testamento a Grécia era constituída de estados isolados sob os romanos. Nesse tempo, sua capital política era Corinto, não Atenas. Em Corinto residia o procônsul romano.

14. Macedônia (At 19.21). Ficava ao norte da Grécia. A antiga Macedônia é hoje parte do território de vários países, a saber: norte da Grécia, sul da Bulgária, Bósnia e parte da Turquia. O ministério do apóstolo Paulo ocorreu na Ásia Menor, Grécia e Macedônia, principalmente. A capital da Macedônia era Pella.

15. Ilírico (Rm 15.19). Região européia onde Paulo ministrou a Palavra de Deus. É hoje a Albânia e parte da Bósnia. A parte principal Bósnia é a antiga Dalmácia de 2 Timóteo 4.10.

16. Itália (At 27.1; Hb 13.24). País banhado pelo Mediterrâneo, situado no sul da Europa. Em Roma, sua capital, foi fundado um diminuto reino em 753 a.C., que mais tarde viria a ser senhor absoluto do mundo conhecido — O Império Romano. Para a Itália Paulo viajou e pregou o Evangelho como prisioneiro.

17. Espanha (Rm 15.24,28). Paulo manifestou o propósito de viajar para a Espanha. Segundo os estudiosos da Bíblia, a cidade de Társis mencionada em Jonas 1.3; 4.2, ficava ao sul da Espanha, sendo no tempo de Jonas o extremo do mundo conhecido do povo comum. Foi a Espanha grande perseguidora dos cristãos durante a Idade Média, especialmente através dos tribunais da sinistra Inquisição.

18. Palestina ou Canaã. Deixamos a Palestina por último porque dela nos ocuparemos mais demoradamente. É a mais importante terra bíblica por várias razões:

a. Alguns fatos sobre a Palestina:

Foi prometida por Deus aos hebreus (Gn 15.18; Êx 23.31).

É, sob o ponto de vista divino, o centro geográfico da terra (Ez 5.5; 38.12b).

Melhor terra do mundo (Jr 3.19; Ez 20.6,15; Am 6.1). Se atualmente isto parece contraditório, a palavra profética assegura a sua restauração e esplendor no futuro.

Os judeus seriam um povo destacado dos demais (Lv 20.24; Nm 23.9; Dt 33.28; Jr 49.31; Mq 7.14).

Para que Deus chamou e elegeu a nação israelita (Gn 3.15; Êx 19.6; Dt 7.6; Rm 3.2; 9.4,5). Em suma: trazer o Messias ao mundo; produzir e preservar as Escrituras; ser um povo sacerdotal; e difundir o conhecimento do Senhor entre as nações.

b. Nomes pelos quais é conhecida a Palestina:
Canaã (Gn 13.12).
Terra dos Hebreus (Gn 40.15).
Terra do Senhor (Os 9.3).
Terra de Israel (1 Sm 13.19; 2 Rs 5.2; Mt 2.20).
Terra de Judá, Judéia (Ne 5.14; Is 26.1; Jo 3.22; At 10.39).
Terra Formosa (Dn 8.9).
Terra Gloriosa (Dn 11.41).
Terra da Promessa (Hb 11.9).
Terra Santa (Zc 2.12; Sl 78.54 — ARA).
Israel (modernamente).

Não há atualmente nenhum país chamado Palestina. O antigo país deste nome está hoje dividido entre a Jordânia e o moderno Israel.

c. Limites da Palestina

• Limite sul: Cades-Barnéia e o ribeiro el-Arish, no Egito. El-Arish é o "rio do Egito" mencionado em Gn 15.18, *que não se trata do rio Nilo.*

• Limite norte: Síria e Fenícia.

• Limite oeste: mar Mediterrâneo. É na Bíblia chamado *mar Grande* (Dn 7.2).

• Limite leste: Síria e Arábia.

(O estudante deve ver isto num mapa bíblico apropriado.)

d. Superfície da Palestina. Mais ou menos como a do nosso Estado de Alagoas. Comprimento: cerca de 250 km, de Dã a Berseba. Hoje 416 km. Largura: 88 km (a maior). Hoje: 100 km. Essa extensão variou com as épocas e situações de sua história. Por exemplo: na época das 12 tribos — 26.400 km². A extensão atual é de cerca de 20.770 km².

e. Cima. O tipo de relevo do solo da Palestina resulta numa superfície muito variada, com muitas regiões elevadas e baixas, originando por isso toda espécie de climas, desde o

tropical, no Jordão, até o de intenso frio no Hermom a 2.815 metros de altitude. A faixa litorânea tem uma temperatura média de 21 graus C. No vale do Jordão a temperatura vai a 40 graus. A temperatura média de Jerusalém é de 22 graus. Janeiro é a época mais fria do ano, quando o termômetro chega a 4 graus. É por essa variedade de climas que a Palestina presta-se a toda espécie de culturas. As chuvas em Israel vão principalmente de novembro a fevereiro.

f. Divisão política da Palestina. No Antigo Testamento foi a Palestina dividida entre as 12 tribos de Israel. Três tribos ficaram à leste do Jordão: Manassés (parcialmente), Gade, Rúben. Cinco ficaram na área litorânea: Aser, Manassés (em parte), Efraim, Dã (em parte), Judá. Quatro se estabeleceram na região central: Naftali, Zebulom, Issacar, Benjamim. Duas ficaram nas extremidades: Dã (Norte), Simeão (Sul).

A divisão política da Palestina mudou com o correr dos tempos e dos governos. Nos tempos do Novo Testamento a divisão política constava de cinco regiões: Judéia, Samaria, Galiléia, Ituréia, Peréia. O estudante deve ver isso no respectivo mapa. Durante o ministério de Jesus, seus governantes eram:

• *Judéia e Samaria*: Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) Pilatos era procurador romano. Sua capital política era Cesaréia, à beira-mar. A capital religiosa: Jerusalém.

• *Galiléia e Peréia*: Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.). Era filho de Herodes, o Grande. Jesus passou a maior parte de sua vida no território sob a jurisdição desse Herodes. Às vezes, todo o leste do Jordão era chamado Peréia (Mt 4.25; Mc 3.8). O vocábulo Peréia significa literalmente "região além", isto é, além do Jordão (Mt 4.15; 19.1; Jo 10.40).

• *Ituréia* e outros distritos menores: Herodes Felipe II (4 a.C. a 34 d. C.) O moderno território de Golã, em parte ocupado por Israel, integrava essa jurisdição (a antiga Gaulanites, Dt 4.43; Js 20.8). É mencionada apenas uma vez no Novo Testamento, em Lucas 3.1.

• *A Iduméia*, no extremo sul do país, integrava a jurisdição da Judéia. É mencionada apenas uma vez no Novo Testamento (Mc 3.8).

g. Mares

• *Mar Mediterrâneo.* É na Bíblia chamado mar Grande (Nm 34.7; Dn 7.2). Outros nomes: mar Ocidental (Dt 11.24; Jl 2.20) e mar dos Filisteus (Êx 23.31).

• *Mar da Galiléia* (Mt 4.18; Mc 7.31). Outros nomes: mar de Quinerete (Nm 34.11), palavra essa que originou Genezarete, outro nome desse mar (Lc 5.1). Também mar de Tiberíades (Jo 6.1). É mar interior, de água doce.

• *Mar Morto* (Ez 47.8 — ARA). Aparece com vários nomes no Antigo Testamento: mar Salgado (Gn 14.3); mar do Arabá (Dt 3.17); mar da Planície (2 Rs 14.25); mar Oriental (Ez 47.18; Zc 14.8); mar da Campina (Js 12.3). Fica situado a 395 metros abaixo do nível do mar. Evaporação média diária: 8 milhões de metros cúbicos de água! É 25% mais salgado que qualquer outro mar.

h. Rios. Todos os cursos d'água da Palestina (com exceção do Jordão) são de pouca expressão.

• *Jordão.* Corre no sentido norte-sul. Nasce no monte Hermom e deságua no mar Morto.

• *Querite.* Desemboca no Jordão, margem oriental, defronte a Samaria. É um uádi, rio temporão.

• *Cedrom.* Corre a leste de Jerusalém. É também uádi.

• *Jaboque* (Gn 32.22; Js 12.2). Afluente do Jordão, margem oriental.

• *Iarmuque.* Afluente do Jordão, margem oriental. Não mencionado na Bíblia. Deságua 6 km ao sul do mar da Galiléia.

• *Arnom* (Nm 21.13; Js 12.2). É hoje o Mojib. Deságua no mar Morto, margem oriental. Era o limite sul da Palestina, na frente oriental.

• *Quisom.* (1 Rs 18.40). Deságua no mar Mediterrâneo, monte Carmelo.

i. Montes. São de muita importância na Bíblia (Js 11.21).

• *Tabor* (Jz 4.6; 8.18). Fica na Galiléia. Altitude: 615 metros. Crê-se que aí ocorreu a transfiguração de Jesus (Mt 17.1,2).

• *Gilboa* (1 Sm 31.8; 2 Sm 21.12). Fica em Samaria. Altitude: 543 metros.

• *Carmelo* (1 Rs 18.20). Fica em Samaria. Ponto culminante: 575 metros. Fica no prolongamento que forma a baía de Acre, onde se localiza a moderna cidade de Haifa.

• *Ebal* e *Gerizim* (Dt 11.29; 27.1-13). Dois montes de Samaria.

• *Moriá* (Gn 22.2; 2 Cr 3.1). Fica em Jerusalém. Aí Abraão ia sacrificar Isaque. Nele Salomão construiu o templo de Deus.

• *Sião*. Em Jerusalém. Altitude. Cerca de 800 metros. O local e o termo Sião são usados de modo diverso na Bíblia. No Salmo 133.3 é Jerusalém. Em Hebreus 12.22 e Apocalipse 14.1 é uma referência ao céu.

• *Monte das Oliveiras*. Em Jerusalém (Zc 14.4; Mt 24.3; At 1.12). Aí Jesus orou sob grande agonia na noite em que foi traído. Sobre esse monte Jesus descerá quando vier em glória para julgar as nações.

• *Calvário*. Pequena elevação fora dos muros de Jerusalém. Fica ao norte, perto da Porta de Damasco. (Ver Lucas 23.33.) *Calvário* vem do latim *calvária* = crânio. Em aramaico é *Gólgota* — crânio, caveira (Mt 27.33; Jo 19.17). No local acima, em 1885 o general inglês Charles George Gordon descobriu um túmulo, cujas pesquisas revelaram nunca ter sido o mesmo ocupado continuamente. Passou a ser tido como o de Cristo.

j. A capital da Palestina. Teve várias capitais, a saber:

• *Gilgal*. No tempo de Josué (Js 10.15).

• *Siló*. No tempo dos juízes (1 Sm 1.24).

• *Gibeá*. No tempo do rei Saul (1 Sm 15.34; 22.6).

• *Jerusalém*. Da época de Davi em diante (2 Sm 5.6-9). Seu primitivo nome foi Salém (Gn 14.18), depois Jebus (Js 18.28) e por fim Jerusalém (Jz 19.10). Nos dias do Novo Testamento a capital política da Judéia era Cesaréia, não Jerusalém, como já mostramos.

• *Mispá* (Jr 40.8). Por pouco tempo foi capital, durante o cativeiro babilônico.

• *Tiberíades*. Foi outra capital da Palestina. Isso, após a revolta de Bar-Cócheba, em 135 d.C.

Detalhes complementares sobre Jerusalém como capital da Palestina. Fundada pelos hititas (Nm 13.29; Ez 16.3). Fica

a 21km a oeste do mar Morto, e a 51 a leste do mar Mediterrâneo. Nos tempos bíblicos tinha cinco zonas ou bairros: *Ofel*, a sudeste; *Moriá*, a leste; *Bezeta*, ao norte; *Acra*, a noroeste; *Sião*, a sudoeste. Na distribuição da terra de Canaã, Jerusalém ficou situada no território de Benjamim (Js 18.28). Foi conquistada em parte por Judá, mas pertencia de fato a Benjamim (Jz 1.8,21). Tinha povo de Judá e Benjamim (Js 15.63). Não ficava no território de Judá (Js 15.8). É chamada *Santa Cidade*, em Neemias 11.1; Mateus 4.5.

A cidade de Jerusalém saindo do jugo romano, caiu em poder dos árabes em 637 d.C. e, salvo uns 100 anos durante as Cruzadas, foi sempre cidade muçulmana. Em 1518, os turcos conquistaram-na. Em 1917, os britânicos assumiram o controle, ficando a Palestina depois sob seu mandato por delegação da então Liga das Nações. A partir de 1948, passou a ser cidade soberana (isto é, o setor novo), porém, na Guerra dos Seis Dias em 1967, foi reconquistada aos árabes, os quais dela tinham se assenhoreado na guerra de 1948.

Reedificada sempre sobre suas próprias ruínas, Jerusalém (não Roma) permanece a Cidade Eterna do mundo, símbolo da Nova Jerusalém que se há de estabelecer na consumação dos séculos. Jerusalém será então metrópole mundial. Isso, durante o Milênio, quando estará vestida do seu prometido esplendor (Is 2.3; Jr 31.38; Zc 8.22). Nesse tempo Israel estará à testa das nações.

Na Jerusalém de hoje nada pode ver-se da Jerusalém de Davi, de Salomão, de Ezequias, de Neemias e de Herodes. Tudo se acha sepultado sob os escombros de muitos séculos, sob metros e metros de entulho.

k. Outras cidades da Palestina. Outras cidades importantes: Jericó, Hebrom, Jope, Siquém, Samaria, Nazaré, Cesaréia, Cesaréia de Filipe, Tiberíades, Cafarnaum.

l. Cidades visitadas por Jesus: Nazaré (Lc 4.16); Betânia (Jo 1.28); Caná (Jo 2.1); Sicar (Jo 4.5); Naim (Lc 7.11); Cafarnaum (Jo 6.59); Betsaida (Jo 12.21); Corazim (Mt 11.21). Tiro e Sidom (Mt 15.21); Cesaréia de Filipe (Mt 16.13); Jericó (Lc 19.1); Betânia (Jo 11.1); Emaús (Lc 24.13,14).

18. Resumo histórico da Palestina até o tempo presente.
Conquistada pelos israelitas sob Josué: 1451-1445 a.C.
Governada por Juízes: 1445-1110 a.C.
Monarquia: 1053-933 a.C.
Reinos divididos de Judá e Israel: 933-606 a.C.
Sob os babilônios: 606-536 a.C.
Sob os persas: 536-331 a.C.
Sob os gregos: 331-167 a.C.
Independente sob os Macabeus: 167-63 a.C.
Sob os romanos 63 a.C. a 634 d.C.
Sob os árabes: 634-1517 d.C.

Período das Cruzadas: 1095-1187. As Cruzadas foram tentativas do Cristianismo para libertar a Palestina das mãos dos muçulmanos árabes.

Sob os turcos (Império Otomano): 1517-1914. Os turcos são também muçulmanos, apenas com mais influência oriental.

Sob os ingleses, como protetorado, por delegação da Liga das Nações: 1922-1948.

Como nação soberana: a partir de 14-5-1948. Nessa data foi proclamado o *Estado de Israel*, com a estrutura de república democrática. O primeiro governo autônomo em mais de 2.000 anos! De agora em diante cumprir-se-á Amós 9.14,15.

VIII. Métodos de estudo da Bíblia

O estudo bíblico profundo, diuturno e eficaz, envolve, do ponto de vista material e humano, pelo menos quatro *condições:*

1) Método de estudo.

2) Tempo de estudo. Esse tempo deve ser regular e contínuo: "diariamente", diz-se dos crentes bereanos (At 17.11).

3) Local de estudo.

4) Freqüência de estudo.

Envolve também três princípios práticos com relação ao texto em estudo:

1) Sua observação.

2) Sua interpretação ou compreensão. Considerar Deuteronômio 29.29; 1 Coríntios 13.9.

3) Sua aplicação.

Isto, de maneira mais objetiva, pode ser melhor visto em forma de perguntas, assim:

a) Que *diz* o texto? (É o princípio da Observação.)

b) Que *significa* o texto? (É o princípio da Interpretação.)

c) Que *aplicação* tem o texto para mim? (É o princípio da Aplicação e apropriação pessoal do texto.)

Envolve ainda três *atitudes* espirituais :

1) A de conhecer a Verdade (Jo 7.17; At 17.11,12; 1 Tm 2.4).

2) *A de aceitá-la.*

3) A de observá-la.

A seguir veremos os seis principais métodos de estudo da Bíblia.

A. Método Sintético. Pode ser comparado a um explorador subindo uma montanha para uma visão panorâmica da região antes de explorar os detalhes. Estuda o conteúdo geral de cada livro antes de cuidar de sua interpretação. Noutras palavras: precisamos saber primeiramente o que a Bíblia DIZ, para então procurar saber o que ela SIGNIFICA. Procedendo assim com cada livro, podemos ver o relacionamento entre eles, e, finalmente, ver a Bíblia como um todo, isto é:

1. O tema central da Bíblia — Cristo.

2. O desígnio geral da Bíblia — A redenção do homem e seu bem geral.

3. O fim último da Bíblia. A glória de Deus (Ap 4.11). Para o estudo sintético, o ideal é ler cada livro muitas vezes antes de esboçar sua síntese.

O reduzido escopo deste curso não nos permite citar exemplos deste e dos demais métodos.

B. Método Analítico. É o inverso do sintético. A síntese resume. A análise decompõe. A simples *leitura* da Bíblia é fundamental e imprescindível ao crente, porém o *estudo* da Bíblia leva-o para além do normal. Por sua vez a *análise* da Bíblia leva-o a considerar todas as particularidades do texto, contribuindo para a compreensão em mira. A síntese estuda o todo, o conjunto. A análise destaca os fatos para dissecá-los.

É o estudo de capítulos, versículos e palavras isoladas da Bíblia. Neste ponto o estudante da Bíblia precisa quedar-se horas a fio, a sós com Deus e sua Palavra! E como é maravilhoso! O estudante apressado, irrequieto não penetrará fundo. Precisa gostar de ficar a sós e amar a natureza.

C. Método Indutivo. É o método que honra as Escrituras e satisfaz a alma. Nele, derivam-se os princípios dos fatos bíblicos considerados e não os fatos bíblicos dos princípios por nós adotados. Noutras palavras: examinamos os pormenores de uma passagem para tirarmos conclusões e formarmos idéias. Já no método *Dedutivo*, o consulente aproxima-se da Bíblia com idéias e conceitos formados de antemão, e procura nela apoio para essas idéias.

D. Método Dedutivo. Já o esboçamos acima. Seu uso requer da parte do crente fundamentalista, amadurecimento e idoneidade em geral, do contrário, ele ver-se-á ensinando doutrinas, conceitos e idéias antibíblicas ou então metido num labirinto, misturando suas próprias idéias com as da Bíblia.

E. Método de Estudo Temático. É um dos métodos mais populares de estudo da Bíblia. Nele, é preciso muito cuidado com o problema das referências bíblicas *verbais* e *reais* (ou autênticas), para evitar erros de aplicação do texto, como fazem as seitas falsas, bem como os inexperientes e inescrupulosos.

Exemplos de temas bíblicos:
Doutrinas
Tipos e símbolos
Biografias
Lugares
Eventos
Palavras isoladas

As ferramentas para este tipo de estudo da Bíblia são:
Concordância Bíblica
Chave Bíblica
Manual de referências bíblicas
Manual de temas ou tópicos bíblicos

O grande evangelista D. L. Moody utilizava este método mais que qualquer um outro. Certa ocasião ele levou vários dias estudando o assunto *A Graça de Deus*. Ao concluí-lo estava tão dominado por esse sublime tema, que descendo a rua, ao encontrar o primeiro homem, perguntou-lhe:

— O Sr. sabe alguma coisa a respeito da graça?

— Como é mesmo? Graça??? De quem se trata?

— Não se trata de pessoa! É a graça de Deus que traz salvação! — respondeu Moody, e logo expôs a riqueza de detalhes da maravilhosa graça de Deus que acabara de extrair da Bíblia.

F. Método Dispensacional. "Dispensações são períodos probatórios do homem a respeito de sua obediência a determinada revelação da vontade de Deus"— *Scofield.*

A Bíblia toda pode ser dividida dispensacionalmente. Isso permite ao estudante da Bíblia uma visão panorâmica do plano divino da redenção através dos séculos.

IX. Dificuldades bíblicas

Há, é certo, dificuldades na Bíblia, mas contradições, não. Não há contradições históricas, científicas ou doutrinárias. As dificuldades são de tradução, estudo superficial, má compreensão, incapacidade humana, falsa aplicação da mensagem, etc.

Os inimigos da Bíblia sustentam haver nela erros em quantidade, mas o que acontece é que estando alguém com uma trave no olho (Mt 7.3-5) sua visão fica deformada. Um espírito farisaico, ceticista e orgulhoso sempre achará falhas na Bíblia, porque já se dirige a ela com falsas idéias preconcebidas.

É o caso dos dois discípulos a caminho de Emaús, em Lucas 24.21: "nós esperávamos que... que... que..." Jesus disse-lhes: "néscios..." (v. 25).

Deus para fazer-se compreender, vestiu a Bíblia de linguagem nossa, bem como de nosso modo de pensar. Se Deus usasse sua linguagem ninguém o entenderia. Ele, para reve-

lar-se ao homem, adaptou a Bíblia ao modo humano de perceber as coisas, bem como expressar-se. O autor da Bíblia é Deus, mas os escritores foram homens. Na linguagem figurada dos salmos e diversas outras partes da Bíblia, Deus mesmo aparece agindo e sendo descrito como se fosse homem. (Exemplo: Gênesis 18.21; Êxodo 3.7,8). A Bíblia chega a esse ponto para que o homem compreenda melhor o que Deus quer lhe dizer. Isto também explica muitas dificuldades e aparentes contradições do texto bíblico.

A Bíblia — A revelação progressiva da verdade

A leitura simples e seguida de toda a Bíblia. Isso muito contribui para eliminar as chamadas dificuldades. A leitura seguida e completa da Bíblia é a única maneira de conhecermos toda a verdade sobre um assunto tratado na mesma, visto que ela é uma revelação progressiva. Nada é dito uma vez, nem uma vez por todas.

Agora, podemos ler a Bíblia toda, porém jamais a compreenderemos toda.

Sendo ela a Palavra de Deus é infinita; mesmo as mentes mais gigantescas do mundo não podem abarcá-la. Não há no mundo ninguém que esgote a Bíblia.

Então quando não pudermos entender um fato, devemos confiar em Deus. Todos somos sempre alunos (Dt 29.29; Sl 145.3; Rm 11.33,34; 1 Co 13.12).

Portanto, na Bíblia há dificuldades, mas o problema é do lado humano. O Espírito Santo, que conhece as profundezas de Deus, pode e quer ir revelando o conhecimento das Escrituras à medida que buscamos sua face e andamos mais perto dEle.

Faça, pois, do estudo da Bíblia, a coisa mais importante da vida! E, lembre-se: só passamos por esta vida uma vez! Se ela for gasta inutilmente, não teremos outra oportunidade como temos aqui e agora! Moody certa vez afirmou: "Ainda não vi um obreiro de ministério sempre crescente, de frutos abundantes e permanentes, que não fosse um apaixonado estudante na Bíblia."

Questionário

1. Além de "Sagradas Escrituras", dê outros títulos da Bíblia como a mensagem de Deus.
2. Porque a Bíblia, sendo divina, é também humana?
3. Sob o ponto de vista geral, a Bíblia pode estar sujeita a provas e argumentos?
4. Quais as duas referências estudadas, mostrando a inspiração divina da Bíblia?
5. Na Bíblia há unidade e harmonia em geral, apesar de tanta diversidade. Dê um resumo disso.
6. Cite exemplos da aprovação da Bíblia por Jesus. Cite referências.
7. Qual a evidência que o Espírito Santo opera no crente, corroborando a Bíblia como a Palavra de Deus?
8. Cite exemplos de profecias da Bíblia e seu cumprimento. Indique referências.
9. Qual a evidência da Bíblia como a Palavra de Deus, ligada a seu efeito e influência?
10. Cite alguns dos principais fatores de progresso no conhecimento da Bíblia.
11. Quanto a Palavra da Verdade, à que se refere a expressão "Que maneja bem", em 2 Timóteo 2.15?
12. Quanto a que elementos pode ser aplicado o texto bíblico?
13. Segundo o classificação divina (1 Co 10.32), quantos e quais são os povos em que está dividida a humanidade?
14. Como deve ser aplicado o texto quanto ao tempo?
15. E quanto a lugar?
16. Dê os dois sentidos do texto bíblico em geral.
17. Na aplicação do texto bíblico, como pode ser a mensagem da Bíblia?
18. Quanto à fonte ou procedência da mensagem, o que precisamos observar ao aplicarmos o texto bíblico?

19. Que é Hermenêutica Sagrada? Que é Exegese?
20. Cite alguns princípios de Hermenêutica.
21. Como se origina a maior parte dos erros doutrinários das seitas falsas?
22. Quais as principais formas de linguagem figurada da Bíblia?
23. Que é Homilética?
24. Quais as duas formas de preparação do pregador?
25. Dê os elementos da preparação espiritual do pregador.
26. Quais as quatro formas de sermões?
27. Que é um sermão profético?
28. Dê a utilidade da cronologia bíblica.
29. Detalhe a importância da geografia bíblica.
30. Cite a principal fonte de estudo da geografia bíblica.
31. Qual a mais importante terra bíblica?
32. Cite alguns fatos ressaltando a importância da Palestina como a mais importante terra bíblica.
33. Dê as condições materiais, os princípios práticos, e as atitudes espirituais para um autêntico estudo da Bíblia?
34. Cite os métodos de estudo da Bíblia mencionados.
35. Quanto aos métodos de estudo da Bíblia, dê a diferença entre: o Método Sintético e o Analítico; o Método Indutivo e o Dedutivo.
36. Donde procedem as dificuldades da Bíblia?
37. Por que Deus aparece na Bíblia, agindo e falando à moda humana?
38. Quanto à Bíblia, que prática muito contribui para eliminar as chamadas dificuldades bíblicas?



UNIDADE II

Teologia Sistemática

Doutrinas Bíblicas Fundamentais

Introdução à doutrina 91

I. A importância da doutrina 91

II. Formas de doutrina 92

III. Diferenças básicas entre doutrina e costume 92

IV. O perigo das falsas doutrinas 92

V. A classsificação das doutrinas da Bíblia 93

VI. Principais doutrinas da Bíblia 93

VII. Esboços de doutrinas 94

Introdução à doutrina

Apresentamos aqui uma súmula das doutrinas fundamentais, isto é, as doutrinas básicas do Evangelho de Cristo. Uma das maiores necessidades da presente hora, no seio da Igreja é uma sólida base bíblica doutrinária para a fé. Apenas um simples esboço é dado de cada doutrina, devido aos estreitos limites gerais deste curso. Não há, assim, condições para uma ampla exposição e desenvolvimento das doutrinas enumeradas.

Doutrina significa literalmente ensino normativo, terminante, como regra de fé e prática. É coisa séria. É fator altamente influente para o bem e o mal. A sã doutrina é uma bênção para o crente e para a Igreja, mas a falsa — corrompe, contamina, ilude e destrói.

O plano de Deus é que depois de salvos, "todos cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4 - ARA). A tragédia espiritual de inúmeros crentes, é que não atentam para isso. Podemos pagar muito caro por uma só ignorância espiritual. (Compare Juízes 2.10,11; 16.20; 2 Reis 4.39,40.)

Enquanto estudamos as doutrinas bíblicas, que são os fundamentos da nossa fé, peçamos ao Espírito Santo que torne essas verdades bem reais em nossos corações. Ele é o divino autor da Palavra que contém os ensinos santos e básicos que cremos e disseminamos.

I. A importância da doutrina

A. A importância ou valor da doutrina para a Igreja do Senhor e o crente em particular vê-se em Mateus 28.19; Atos 20.30; Gálatas 1.6-9; 1 Timóteo 4.16; 2 Timóteo 2.2; 4.3; Tito 1.9; 2.7; Hebreus 13.9; 2 Pedro 2.1.

B. Outro fato que ressalta a importância da verdade divina, é que na armadura do soldado cristão a primeira peça é o cinto da verdade (Ef 6.14).

II. Formas de doutrina

Há pelo menos três formas de doutrina. Uma é sublime e santa. Duas são perniciosas e deletérias.

A. A Doutrina de Deus (Pv 4.2; Mt 7.28; Lc 4.32; Jo 7.16; At 2.42; 13.12; Tt 2.1).

B. A doutrina de homens (Jr 23.16; Mt 15.9; 16.12; Cl 2.22; Tt 1.14).

C. A doutrina de demônios (1 Tm 4.1).

Há, pois, demônios cuja atividade não é espalhar violência e outros males ostensivos, mas ocupar-se com o ensino maléfico, falso, errôneo, enganoso.

III. Diferenças básicas entre doutrina e costume

Há pelo menos três diferenças básicas entre doutrina bíblica e costume puramente humano. Há costumes bons e maus. A doutrina bíblica conduz a bons costumes.

A. Quanto à origem:
- A doutrina é divina
- O costume em si é humano

B. Quanto ao alcance:
- A doutrina é geral
- O costume em si é local

C. Quanto ao tempo:
- A doutrina é imutável
- O costume em si é temporário

A doutrina bíblica gera bons costumes, mas bons costumes não geram doutrina bíblica. Igrejas há que têm um somatório imenso de bons costumes, mas quase nada de doutrina. Isso é muito perigoso! Seus membros naufragam com facilidade por não terem o lastro espiritual da Palavra.

IV. O perigo das falsas doutrinas

Algumas considerações.

A. Uma das atividades prediletas do Diabo é subtrair a Palavra de Deus (Mt 13.19), inclusive no púlpito, onde, muitas vezes ela é substituída por outras coisas vãs.

B. O Diabo é o autor ou inspirador de todo ensino falso (1 Tm 4.1) e perversão dos verdadeiros (2 Pe 3.16).

C. A arma exata contra o erro e a mentira, é a verdade divina quando conhecida e aplicada. É por ela, mediante o Espírito Santo, que discernimos entre a verdade e o erro. Entre o falso e o verdadeiro.

D. A admoestação bíblica para nós outros, neste particular: Ef 4.14.

V. A classificação das doutrinas da Bíblia

Todas as doutrinas da Bíblia podem constituir-se em três grandes grupos:

A. Doutrinas da salvação. São as mais fáceis de se entender. Graças a Deus por isso! Senão, quem poderia ser salvo? Até as crianças entendem! Os homens é que às vezes dificultam tudo...

B. Doutrinas da fé cristã. Não são tão fáceis de se entender. Abrangem os presentes aspectos e bênçãos da salvação. Requerem diligente e continuado estudo da revelação divina.

C. Doutrinas das coisas futuras, ou do porvir. São as mais difíceis de se entender. Abrangem o aspecto futuro da salvação e as coisas que Deus tem preparado para os que o amam. Requerem muito estudo da revelação divina.

VI. Principais doutrinas da Bíblia

Como já foi dito, as doutrinas serão apresentadas em forma de pequenos e incompletos esboços, dado o limitado escopo deste curso. A presente lista abrange apenas 24 doutrinas básicas. (O número após o título indica a página.)

A. A Inspiração Divina e Plenária da Bíblia, 94
B. O Trino Deus, 95
C. Os Anjos, 97
D. A Criação de Todas as Coisas, 98
E. O Homem, 99
F. O Pecado, 99
G. A Salvação e a Vida Cristã, 101

H. A Lei e a Graça, 102
I. A Igreja, 103
J. O Batismo em Água, 104
K. A Ceia do Senhor, 105
L. O Batismo com o Espírito Santo, 106
M. Os Dons e o Fruto do Espírito Santo, 107
N. A Santificação Bíblica, 109
O. A Fé, 110
P. A Cura Divina, 110
Q. Dízimos e Ofertas, 111
R. O Estado (A Nação) e o Crente, 112
S. Morte, Ressurreição e Destino Eterno do Homem, 112
T. A Segunda Vinda de Jesus, 114
U. O Reino Milenial de Cristo, 116
V. O Juízo Final, 117
W. O Perfeito Estado Eterno, 118
X. Dispensações e Alianças, 118

VII. Esboços das doutrinas acima mencionadas

A. A Inspiração Divina e Plenária da Bíblia

1. Toda a Bíblia foi dada por inspiração divina (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21).

2. A inspiração compreende não só a idéia divina na mente dos escritores, mas também a escolha das palavras (Is 51.16; 1 Co 2.13). É a inspiração plenária.

3. Até o número gramatical é inspirado (Gl 3.16).

4. O crente e a Bíblia. A leitura e estudo da Bíblia é o contato direto e pessoal com a Palavra de Deus. Nada pode substituir este aspecto da vida devocional do cristão. A Palavra de Deus é tão indispensável à alma como o pão o é ao corpo. O texto de 1 Pedro 2.1,2 compara o cristão a um recém-nascido, o qual em estado normal tem muito apetite. Como está o teu apetite pela Palavra — o leite racional para o crescimento espiritual?

(Para maior estudo da Bíblia, ver a Unidade I deste curso.)

B. O TRINO DEUS

Tentativa de definição do trino Deus: *Deus Pai* é a plenitude da divindade invisível; *Deus Filho* é a plenitude da divindade manifesta; *Deus Espírito Santo* é a plenitude da divindade operando na criatura.

1. A Trindade Santa não é uma sociedade de três deuses como o querem os Mórmons.

2. Deus é uno e ao mesmo tempo triuno (Gn 1.1,26 (heb); 3.22 (heb); 11.7; Dt 6.4; Mt 3.16; 28.19; 2 Co 13.13; Hb 9.14). São três divinas e distintas pessoas. São das verdades bíblicas que transcendem a razão humana e as aceitamos pela fé.

3. Se a unidade composta do homem (seu espírito, alma e corpo), é um fato inexplicável para a Ciência e os homens mais sábios e santos, quanto mais a triunidade do Pai, Filho e Espírito Santo...

4. Todas as três divinas pessoas da Trindade são co-eternas e iguais entre si, mas em suas operações concernentes à Criação e Redenção:

- Deus, o Pai, *planejou*, ou criou tudo (Ef 3.9).
- Deus, o Filho, *executou* o plano, criando (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2; 11.3).
- Deus, o Espírito Santo, *vivificou*, ordenou, pôs em ação (Jó 33.4; Jo 3.5; 6.63; At 1.8; Gl 6.8).

Em continuação, podemos dizer que:

- O Pai *domina.*
- O Filho *realiza.*
- O Espírito Santo *vivifica, preserva* e *sustenta.*

Na redenção da humanidade,

- O Pai planejou a salvação
- O Filho consumou a salvação
- O Espírito Santo realiza ou aplica a salvação.

Entretanto em qualquer desses atos as três divinas pessoas estão presentes.

5. Quando Deus declara um fato na Bíblia, o homem deve cuidar em crer, porque Ele não se inclinará para satisfa-

zer curiosidade de especuladores. Ele atende os sequiosos pela verdade, segundo a sua vontade.

6. A unidade de Deus é uma unidade composta como em João 10.30; 17.22. Em Gênesis 2.24 vemos marido e mulher formando uma unidade composta na esfera material ("uma só carne"). Logo, o há na esfera espiritual.

7. Muitas coisas físicas formam triunidades, e o homem as aceita sem discutir ou rejeitar, como a luz (três raios), a eletricidade (três manifestações), o átomo (três partículas), a água (três estados), a imagem (três dimensões), o homem (três entidades), etc.

8. Deus, o Pai (Mt 6.9; 11.27; Lc 1.32; Jo 17 (todo o capítulo); Rm 15.6; Ef 4.6).

9. Deus o Filho (Sl 2.7,12; Is 9.6; Jo 1.1,14; 3.16; 20.31; At 7.55,56; Rm 8.3; 1 Jo 1.3; 2 Jo v. 3; Ap 3.21). Trata-se do Senhor Jesus Cristo.

Realidades sobre Jesus

a. Seus atributos divinos. Ele tem todos os atributos divinos (Cl 2.9).

b. Sua natureza. Divina e humana.

c. Seus ofícios. Profeta, sacerdote, rei.

d. Sua obra. A redenção da humanidade.

e. Sua distinção do Pai. O Filho é pessoa divina distinta do Pai (2 Jo v.3; 1 Jo 1.3; Rm 8.3; Mc 1.1).

10. Deus o Espírito Santo não é apenas uma influência, um poder, energia ou unção, mas uma pessoa real. Em João 16.6,7 está escrito que ele veio substituir Jesus. Ora, Jesus é pessoa e para substituir uma pessoa só outra pessoa.

• Ele é mencionado em conjunto com outras pessoas da Trindade, em Mateus 28.19; 2 Coríntios 13.13 e outras passagens.

• Em Atos 15.28 temos a frase "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós", da parte dos obreiros de Jerusalém. Portanto, se o leitor acha que é uma pessoa, o Espírito Santo também o é:

• Ele fala (Ez 3.24; At 8.29; 10.19).

• Ele é referido por Jesus pelo pronome pessoal "Ele" (Jo 14.26; 15.26; 16.8,13,14). No original é *ekeinos* — prono-

me masculino determinativo correspondente a *ele*. Ele chama-se a si mesmo "eu" (At 10.19,20).

• A Ele são atribuídos atos pessoais, sendo ao mesmo tempo afetados pelos atos de outrem (Gn 6.3; Mt 4.1; 12.31,32; At 5.3; 7.51; 13.2; 16.6,7; 28.25; Rm 8.26,27; 1 Co 12.11).

11. Operações do Espírito Santo

a. Regenera o pecador (Tt 3.5).

b. Habita no crente (Jo 14.17; 20.22; Rm 8.11).

c.Enche o crente no batismo (Mt 3.11; Lc 24.49; At 2.1-4).

d. Santifica o crente (Rm 1.4; 8.2).

e. Renova, inclusive o crente (Sl 104.30; 92.10b; Tt 3.5; comparar At 2.4 com 4.31 — plenitude do Espírito e renovação espiritual).

12. É futilidade querer descrever a forma e a natureza de Deus (At 17.29).

13. Para os sentidos físicos do homem, vemos as três pessoas da Trindade no batismo de Jesus; O Pai Eterno falou; o Espírito Santo desceu em forma visível de pomba e o Filho estava sendo batizado no Jordão (Mt 3.16,17).

C. Os Anjos

1. São seres de ordem espiritual, mais elevados que o homem. Não são seres divinos, pois foram criados por Deus. São poderosos (Sl 103.20; 2 Ts 1.7).

2. Missão principal dos anjos: Executar ordens de Deus; daí, seu nome anjo — literalmente, mensageiro (Hb 1.13,14).

3. Há anjos santos — mensageiros de Deus, e, anjos maus ou decaídos, que caíram com Lúcifer, tornando-se mensageiros e agentes de Satanás.

4. Os anjos situam-se em classes e categorias (Ef 1.21; Cl 1.16).

5. Todos os seres angelicais não são idênticos.

Resumo acerca dos anjos:

a. Quanto a origem: são filhos de Deus por criação (Jó 38.7).

b. Quanto a natureza: são espíritos (Hb 1.14).

c. Quanto ao caráter: são santos (Jó 5.1 - ARA).

d. Quanto ao seu ministério: entre os homens: é ocasional (Sl 103.20; Hb 1.14). Agradeçamos sempre a Deus pelo ministério dos anjos a nosso favor.

e. Acompanham os salvos ao partirem deste mundo. Que boa companhia! (Lc 16.22).

f. Tiram-nos de sérias dificuldades! (Gn 19.16; Sl 34.7; Dn 3.28; 6.22; 10.11-13; At 12.7-11).

6. Os demônios. São uma classe de seres infernais, incorpóreos, controlados pelo Diabo, como seus agentes.

a. As Escrituras não discriminam a origem deles. Por certo isto faz parte do mistério que envolve a origem do mal. (Ver Dt 29.29; 1 Co 4.5; Ap 2.29.)

b. A Bíblia dá abundante testemunho da existência dos demônios.

c. Em o Novo Testamento aparecem como seres espirituais, estando sempre procurando possuir corpos humanos e até de animais (Mt 8.31,32; Mc 16.17; Lc 11.24-26). O termo "expelir" nesta última referência, é altamente significativo.

d. Tendo personalidade, falam (Mc 5.8,9; At 19.15).

e. Sendo reais, podem ser contados (Lc 8.2).

f. Têm pavor do Senhor Jesus Cristo, (Mt 8.29; Mc 5.7; Lc 8.28).

g. Existem tantos, que uma legião (6.000) pode estar numa pessoa (Lc 8.30).

D. A Criação de Todas as Coisas

1. Deus criou todas as coisas (Gn 1.1; Nm 16.22; Jr 27.5; 51.19; Jo 1.3; At 17.25; Ef 3.9; Cl 1.16).

2. Considerando as divinas pessoas em separado, quanto a criação:

a. O *Pai* eterno planejou (Hb 11.3).

b. O *Filho* criou (Cl 1.16; Hb 1.2b).

c. O *Espírito Santo* ordenou e deu vida (Gn 1.2; Jó 26.13; 33.4; Sl 104.30).

3. A Criação não abrange apenas a esfera do visível, mas também a do invisível (Cl 1.16).

4. A tão propalada Evolução nada criou. Ela ensina que o surgimento das diversas espécies, vem pelo aperfeiçoamento progressivo de uma célula surgida originalmente; não pela criação divina. A teoria da Evolução é um plano diabólico para desacreditar a Palavra de Deus, a qual afirma que Deus no princípio criou tudo segundo sua espécie (Gn 1.21-25).

E. O Homem

1. A Palavra de Deus desde o início declara que o homem foi criado e também formado por Deus; não evoluído de outras espécies até chegar ao homem. Deus o criou (Gn 1.28; 2.7; Jó 33.4; Sl 139.13-16; Is 43.7). O Senhor Jesus confirmou isso em Mateus 19.4.

2. Adão foi o primeiro homem (1 Co 15.45a).

3. Deus fez o homem perfeito, no princípio; mas o homem meteu-se com muitas *invenções* (Ec 7.29). A pior delas foi a que resultou no pecado. Um só pecador destrói muitas cousas boas (Ec 9.18).

F. O Pecado

1. Sua origem no passado (Ez 28.15,16).

2. Sua definição divina. De todas as palavras originais da Bíblia traduzidas em português por *pecado* e *pecar*, a mais empregada é a que significa literalmente "errar o alvo". Ela expressa tanto o estado ou disposição pecaminosa, como o ato de pecar (Rm 3.23 e 5.12). Em heb. *chata* (verbo) e *chattath, chet* (substantivo.) Exemplos: Gn 4.7; Êx 9.27; Lv 5.1; Nm 6.11; Sl 51.2,4; Pv 8.36; Is 42.24; Os 4.7. Em grego, o vocábulo correspondente é *hamarteno* (verbo) e *harmartia* (substantivo.) Exemplos: Lc 11.4; 15.18,21; Jo 1.29; 8.34; 16.9; Rm 3.23; 5.12; 6.23; 1 Co 15.3; 1 Jo 1.7,9,10; 3.4a; 5.17b. Outros termos originais muito importantes, mostrando a natureza maligna do pecado são:

• Transgressão ou violação da lei divina, desordem, anarquia (no gr. *anomia*) (1 Jo 3.4b,8,9). Em suma: rebelião contra Deus.

• Injustiça (no gr. *adikia*, 1 Jo 5.17a).

• Delito contra Deus (Ef 2.1).

• Dívida contra Deus (Mateus 6.12 comparado com Lucas 11.4).

• Iniqüidade (At 8.23; 1 Jo 5.17 - ARA).

• Desobediência (Hb 2.2).

• Incredulidade (Jo 16.9; Hb 3.12). Todo pecado tem sua raiz na incredulidade.

3. Sua realidade (Rm 5.12; Hb 12.1).

4. Seus aspectos malignos. Alguns deles são:

a. Quanto a sua natureza:

• Há o pecado congênito, inato, herdado de Adão (Sl 51.5; 58.3; Rm 7.18; 1 Jo 1.7). É o pecado como estado do ser humano.

• Há o pecado praticado (1 Jo 1.9). O primeiro vem na Bíblia no singular, o segundo no plural. É o pecado como ato do ser humano.

b. Quanto a sua prática

• Há o pecado por comissão (Tg 1.15).

• Há o pecado por omissão (Tg 4.17).

c. Quanto a sua origem dentro de nós. Ele tem origem nos instintos pervertidos pela queda. Esses instintos saíram perfeitos da mão do Criador, mas a queda transtornou tudo.

• Há o pecado da carne (2 Co 7.1).

• Há o pecado do espírito (Sl 66.18; At 8.21,22; 2 Co 7.1).

d. Quanto às suas conseqüências gerais

• Ele inquieta e aflige o pecador (Is 48.22; Jr 2.19; Lm 3.3).

• Interrompe a comunhão com Deus (Is 59.2).

• Escraviza o pecador (Jo 8.34; Rm 7.24).

• Conduz à morte eterna (Rm 6.23).

• Exclui o homem do céu (1 Co 6.9,10; Ap 22.15).

• Morte física prematura (1 Jo 5.16).

e. Quanto ao perdão

- Há o pecado perdoável (Mt 12.31,32).
- Há o pecado imperdoável (Mt 12.31,32).

G. A Salvação e a Vida Cristã Subseqüente

1. A salvação é uma milagrosa transformação espiritual que se efetua na alma e na vida da pessoa que, pela fé, recebe Jesus Cristo como Salvador (Jo 1.12; 3.5; 2 Co 5.17; Ef 2.8,9; 4.22-24).

2. A salvação é um dom gratuito de Deus, independente de obras. Boas obras seguem-se à salvação (At 16.31; Rm 6.23; Ef 2.8,9; 4.22-24).

3. A origem da salvação: a graça de Deus (Rm 3.24; Tt 2.11).

4. A base ou fundamento da salvação: o sangue de Cristo (Rm 3.25; 1 Jo 2.2).

5. O meio da recepção da salvação: a nossa fé em Cristo (At 16.31; Rm 3.25; Ef 2.8).

6. Os três passos para o pecador obter a salvação:

a. O homem reconhecer que é pecador (Rm 3.23). Isso é efetuado pelo Espírito Santo, ao ouvir o pecador a mensagem da salvação.

b. O homem confiar em Jesus como seu Salvador (Jo 1.12; At 16.31). Aqui trata-se de fé. É o segundo passo.

c. O homem confessar que Cristo é o seu Salvador (Rm 10.10b). Significa, a decisão de seguir a Cristo. Confessar a Cristo é a pessoa declarar publicamente que aceitou-O como seu Salvador pessoal.

7. Os aspectos simultâneos da salvação na experiência humana. (Não confundir com os *tempos* da salvação.)

a. Justificação. Significa (para o pecador arrependido), a mudança de posição diante de Deus, de condenado para justificado (Rm 5.1; 8.33,34).

b. Regeneração. É a transformação interna operada no pecador pelo Espírito Santo. É a mudança de condição de servo do pecado, para filho de Deus (Jo 1.12; Tt 3.5).

c. Santificação. É a mudança total interna e externa, de vida. É a salvação do domínio e influência do pecado. É progressiva, no sentido subjetivo (Lv 20.7,8,26; Rm 8.2; 2 Co 7.1; 1 Ts 5.23; 2 Ts 2.13).

8. A segurança da salvação.

a. A salvação é eterna para os que obedecem (Ez 33.13,18; Jo 15.6; Rm 11.21,22; Hb 3.14; 5.9; 2 Pe 2.4,5 - ARA).

b. Compare o "se" ou condição, em Dt 30.16; Cl 1.22,23; Hb 3.6,14). O crente está "em Cristo", mas também está "em Filipos" (Fp 1.1; Cl 1.2).

9. Evidências da salvação na vida cristã.

a. O testemunho do Espírito Santo no nosso íntimo (Rm 8.16).

b. O testemunho da Palavra (At 16.31; 1 Jo 5.13).

c. O testemunho da mudança ocorrida na vida (2 Co 5.17).

d. O testemunho da nossa consciência (Rm 2.15; 1 Jo 3.19-21).

e. O testemunho dos frutos produzidos (Mt 3.8; 7.20).

f. O testemunho da aversão ao pecado (1 Jo 3.9 - ARA).

g. O testemunho da observância da doutrina bíblica (2 Jo vv. 9,10).

h. O testemunho do amor fraternal (1 Jo 3.14; 4.7). É o amor para com os irmãos na fé, imprescindível na promoção do reino de Deus. É a principal evidência do novo nascimento (Jo 13.35).

i. O testemunho da vitória sobre o mundo (1 Jo 5.4). Este versículo prova que o mundo conspira contra o crente para derrubá-lo. Mas, por Jesus, o crente vence o mundo tenebroso e ilusório. Não basta o mundo estar "crucificado" para o crente; este também precisa estar "crucificado" para o mundo (Gl 6.14).

H. A Lei e a Graça

1. Propósito da Lei:

a. Revelar o caráter excessivamente maligno do pecado (Rm 3.20; 7.7).

b. Revelar a santidade de Deus e sua Lei (Lv 20.26; Rm 7.12).

c. Mostrar a impossibilidade do homem por si mesmo cumprir a Lei, e assim revelar a necessidade de um Salvador e Redentor — isto é, conduzir-nos a Cristo (Gl 3.24).

2. Cristo, pois, é o fim da Lei (Rm 10.4). O mal dos judeus (e dos legalistas modernos), é que tiveram a Lei como meio de salvação. A lei que os conduzia, chegou ao fim da sua viagem, mas, eles permaneceram a bordo!

3. Os fiéis de Deus do Antigo Testamento também foram salvos pela graça de Deus; não pela Lei (At 15.10,11).

4. A Lei é baseada em obras (Rm 10.5; Gl 3.10b); a Graça é baseada na fé (Ef 2.8; Gl 2.16). (Ver também Atos 13.39 e Gálatas 3.12.) Em suma: a Lei diz: "Fazei e vivei" (Lv 18.5); a Graça diz: "Crede e vivei" (Jo 6.47).

5. Jesus veio cumprir a Lei (Mt 5.17), no sentido de cumprir seus tipos, profecias, promessas, e, completá-la. "Eu porém vos digo..." (Mt 5.22,28,32,39,44). Como cidadão judeu e exemplar, Jesus observou os ritos da Lei, é claro.

6. A parte moral da Lei é eterna e universal. A parte pactual (entre Deus e Israel), era transitória, pois além de ter sido quebrada por eles (Jr 31.32), foi abolida por Cristo no Calvário (Ef 2.15; Cl 2.14-17).

7. Propósito da Graça (Tt 2.11-13).

8. A Lei condena o melhor homem; a Graça salva graciosamente o pior (Lc 23.43; 1 Tm 1.13-15).

9. A Lei expressa a vontade de Deus; a Graça, a bondade de Deus.

10. A Lei não pôde aperfeiçoar cousa alguma. Jesus por sua graça, sim (Cl 2.10; Hb 7.19).

11. A Lei e a Graça não se confundem na Bíblia (Mt 9.16,17). Jesus é o caminho para Deus, não u'a mera continuação da Lei; é um novo e vivo caminho (Hb 10.20; Rm 6.14).

I. A IGREJA

1. É o corpo místico de Cristo (1 Co 12.27; Cl 1.24).

2. É a presente habitação de Deus entre os homens (2 Co 6.16; Ef 2.22). No Antigo Testamento habitou Deus entre Israel, no Lugar Santíssimo do tabernáculo. Agora Ele habita nos santos (Jo 14.17b). Nesta atual dispensação não existe aqui na terra santuário nacional. É a Igreja, o atual templo do Deus vivo.

3. Fundação. Já existia no plano e propósito eterno de Deus (Ef 3.10,11), mas historicamente foi fundada no dia de Pentecoste, quando o Espírito Santo encheu os crentes, formando um só corpo em Cristo (Ef 2.14 - ARC).

4. Missão da Igreja

a. Pregar o Evangelho a toda criatura (Mc 16.15). E, de igual modo, ensiná-lo (Mt 28.19,20 - ARA).

b. Ser o lar espiritual, aqui, dos que estão a caminho da glória. Considerar o termo "casa" referente à Igreja, em 1 Tm 3.15; 1 Pe 2.5.

5. O ingresso na Igreja de Deus é mediante:

- Nova criação (2 Co 5.17; Ef 2.10,15; 4.24; Tg 1.18; 1 Pe 1.3).
- Novo nascimento (Jo 1.13; 3.5).
- Inclusão, pelo batismo espiritual (Rm 6.3-6; 1 Co 12.13; Gl 3.27). Isto é, o Espírito Santo, pelo novo nascimento une ou imerge o crente no corpo de Cristo — sua Igreja.

6. O futuro da Igreja: a felicidade eterna no céu com Jesus (Jo 14.3; 1 Ts 4.17b).

J. O Batismo em Água

1. O Cristianismo bíblico não é religião ritualistia como era o Judaísmo. Sua essência consiste numa relação pessoal e vital com o Cristo vivo, pelo Espírito! (Jo 15.5; 2 Co 3.8.) Daí, ter Jesus ordenado somente duas instituições: o batismo em água e a ceia do Senhor (Mt 28.19; At 2.38; 1 Co 11.24b).

2. O batismo fala da nossa *fé* e *obediência* em Cristo (At 8.37), enquanto a Ceia repetida fala de *comunhão* contínua, e constante alimentação subentendida no termo ceia.

3. O batismo fala da nossa obediência e compromisso para com Deus (Mt 28.19).

4. É a identificação pública do crente com Cristo — o seu Salvador, onde a descida às águas fala da nossa morte com Cristo; a imersão, fala do nosso sepultamento com Cristo; o levantamento das águas fala da nossa ressureição com Ele.

5. A fórmula do batismo (Mt 28.19).

6. A autoridade para batizar (At 2.38; 10.48). Muitos confundem a fórmula com a ordem ou autoridade para batizar: "Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo."

7. O modo do batismo em água

a. Deve ser por imersão. Batismo significa imersão. Em Mateus 3.16 vemos que logo após seu batismo, Jesus "saiu da água". Se o batismo tivesse sido por aspersão, teria sido preciso dois homens entrarem no rio Jordão para tirarem um pouquinho dágua para o batismo??? Bastaria um para ir apanhar água...

b. A linguagem bíblica empregada ao falar do batismo, implica imersão ("sepultar"- Rm 6.4; Cl 2.12).

K. A Ceia do Senhor

1. É uma das duas ordenanças deixadas por Jesus, para a Igreja. A outra é o batismo em água. São chamadas ordenanças porque foram por Jesus ordenadas.

2. Jesus começou seu ministério com o batismo, e, encerrou-o com a ceia — o crente deve iniciar a vida cristã com a fé *em*, e prosseguir em comunhão *com* Deus.

3. Finalidades da ceia do Senhor:

a. Anunciar a Nova Aliança (Mt 26.26-28).

b. É um memorial – aponta para o passado (1 Co 11.24).

c. É uma profecia – aponta para o futuro (1 Co 11.26).

d. Não é primeiramente para consertar vidas – mas, para comunhão com Cristo.

4. Observações

a. Pão asmo hoje? — Não, porque:

• A páscoa, celebrada com pão asmo, era um tipo de Cristo (1 Co 5.7); a Ceia é um memorial. É uma comemoração espiritual (1 Co 11.24).

• A páscoa como tipo olhava para frente; a Ceia, como memorial, olha para trás.

• Jesus usou o mesmo pão na primeira Ceia porque se tratava do momento da páscoa, que acabara de ser comida.

• Não há ordenação expressa para pão asmo no Novo Testamento.

b. Filas de perdão na Ceia – cheira a Romanismo.

c. É a maior festa espiritual da Igreja. Sua interrupção para tratar de outros assuntos é depreciação.

d. Cada participante deve examinar-se a si mesmo e participar (1 Co 11.28). Não ficar a examinar os outros.

e. No batismo o crente se une, se identifica com Cristo; na Ceia do Senhor, Cristo se une ao crente para renová-lo e fortalecê-lo. "Desejei muito comer convosco esta páscoa", disse Jesus em Lucas 22.15. O batismo é solicitado pelo crente; a Ceia, Jesus desejou comê-la com os seus!

L. O Batismo com o Espírito Santo

1. Que é o batismo com o Espírito Santo? É um revestimento ou derramamento de poder do alto, pela instrumentalidade do Espírito Santo, para o ingresso do crente numa vida de profunda adoração e de eficiente serviço a Deus (Lc 24.49; Jo 16.14; At 1.8; 10.46).

2. A promessa divina do batismo (Jl 2.28; Mt 3.11; Jo 15.26).

3. A promessa cumprida (At 2.1-13).

4. Finalidade do batismo: revestir o crente de poder divino para uma vida de amor e serviço a Deus (Lc 24.49; At 1.8).

5. Candidatos ao batismo. Todos os que crêem (At 2.17,39). É uma experiência distinta e subseqüente à salvação (At 1.13,14; 19.2).

6. Como receber o glorioso batismo:

a. Pela fé em Cristo (Gl 3.14).

b. Em obediência ao Senhor (At 5.32).

c. Esperando na promessa do Senhor (At 1.4).

d. Orando com perseverança (At 1.14).

e. Perseverando em unidade fraternal (At 1.14).

f. Cuidando da espiritualidade (Jo 14.17 — "o mundo não pode receber").

g. Tendo real sede de poder divino (Is 44.3; Lc 11.5-13).

7. Evidência física inicial: o falar noutras línguas pelo Espírito Santo (At 2.4; 10.45,46).

8. A plenitude do Espírito produz no crente:

- *Vida* (Rm 8.2a). Vida abundante, transbordante.
- *Poder* (At 1.8). Poder vencedor. "Grande poder" (At 4.33).
- *Santidade* (Rm 1.4; 8.2b).

M. Os Dons e o Fruto do Espírito Santo

1. Os dons espirituais. "São faculdades da pessoa divina operando no crente" (Horton). Portanto, tentar explicar cabalmente essas manifestações sobrenaturais do Espírito, é futilidade. Os dons espirituais não devem jamais ser confundidos com aptidões naturais inatas, desenvolvidas e abençoadas por Deus.

2. Uma lista dos dons (1 Co 12.8-10, 28-30). Ver também Rm 12.6-8.

3. Alvo e efeito dos dons.

a. A glorificação de Jesus (Jo 16.14).

b. Confirmação da Palavra pregada (Mc 16.15-20; Hb 2.3,4).

c. A expansão da obra de Deus. Evangelização e Missões (livro de Atos, todo; Rm 15.19).

4. Classificação dos dons. Dos nove dons relacionados em 1 Coríntios 12.8-10,

a. Três são dons de Saber. Sabedoria, Ciência, Discernimento. Eles operam como olhos espirituais da Igreja.

b. Três são dons de Poder: Fé, Curas e Maravilhas. Operam como as mãos espirituais da Igreja. São, pois, dons de ação.

c. Três são dons de Expressão Vocal. Profecia, Línguas, Interpretação de línguas. Operam como lábios espirituais da Igreja. É acerca desses três últimos que se nota mais falta de disciplina nas igrejas como ocorreu também em Corinto.

5. São regulados e equilibrados pela revelação escrita (1 Pe 4.10,11). Dons exercidos sem o ensino da Palavra, dão em fanatismo, e cessarão.

6. As línguas estranhas como evidência do batismo (não o dom de variedade de línguas, que tem propósito diferente — 1 Co 12.10), faladas habitualmente em público, não têm utilidade para a Igreja (1 Co 14.23). Nesse caso, o crente deve falar em silêncio (1 Co 14.28).

7. Quanto a profecia. A ignorância da Palavra de Deus e a falta de maturidade espiritual do crente gera muitos problemas, meninices e desordens aqui. Ninguém que aja desordenadamente e cause confusão e escândalo no exercício dos dons, venha a dizer que agiu assim, movido pelo Espírito Santo, porque Ele não é autor de tais coisas. A doutrina sobre os dons está na Bíblia!

8. Diferenças entre os dons e o fruto do Espírito (Gl 5.22,23).

a. O dom é outorgado – o fruto é desenvolvido no caráter do crente.

b. O dom vem após o batismo – o fruto deve começar com a conversão.

c. O dom opera na igreja – o fruto manifesta-se no caráter do crente.

d. O dom vem do alto – o fruto vem do interior do crente.

e. O dom vem perfeito. As falhas na sua operação correm por conta do portador. O fruto requer tempo para amadurecer. Ele não cresce do dia para a noite, como muitos pensam.

f. O dom fala de serviço – o fruto fala de caráter, testemunho.

g. Os dons terminarão aqui, um dia – o fruto continuará para sempre (1 Co 13.8).

h. Muitos, em vez de andarem à cata de dons, deviam antes desenvolver o fruto do Espírito, porque dons espirituais e seu serviço, sem o fruto do Espírito, são uma anomalia.

9. Afinal, que é o fruto do Espírito? É a expressão espontânea da natureza e do caráter de Cristo através do crente mediante o Espírito Santo. É a reprodução relativa da vida de Cristo no crente, mediante o Espírito Santo; sendo Cristo o original e o crente a cópia.

N. A Santificação Bíblica

1. É um dos aspectos da nossa salvação, tanto no sentido objetivo (isto é, do ponto de vista divino, como um dom de Deus), como subjetivo, a saber, a salvação na experiência humana.

2. A santificação bíblica abrange a separação do mal, por parte do crente, e ao mesmo tempo a sua dedicação a Deus, para posse e uso dEle (Rm 12.1; 1 Ts 5.23; Lv 20.26; 2 Tm 2.21; At 27.23).

3. A santidade é uma qualidade intrínseca de Deus (Êx 15.11; Lv 11.45). Um de seus nomes é Santo (Pv 9.10). A santidade de Deus é absoluta em todos os sentidos, enquanto a nossa é relativa.

4. A santificação e o crente:

a. É a vontade de Deus para o crente (1 Ts 4.3). Somente em o crente viver uma vida santificada já está prestando um inestimável serviço à obra do Senhor! Deus cuidou da nossa santificação antes mesmo da existência do homem (Ef 1.4).

b. O Senhor Jesus morreu para isso (Jo 17.19; Hb 13.12).

c. A importância e seriedade da santificação (2 Ts 2.13; Hb 12.14).

d. Deus nos chamou para isso (Rm 1.7 - ARA; 1 Co 1.2 - ARA; 1 Ts 4.7 - ARC; 1 Pe 1.15,16).

e. Hoje em dia, é na santificação que o Diabo concentra seus ataques nas fileiras do Senhor.

f É considerada fanatismo, por certos crentes.

5. Nossa santificação posicional, isto é, Deus nos vendo em Cristo — é imediata e perfeita (Fp 3.15; Cl 2.10; Hb 10.10).

6. Nossa santificação subjetiva ou pessoal. É progressiva (2 Co 7.1; Fp 3.12; 1 Ts 5.23; 1 Pe 1.15; Ap 22.11).

7. Meios divinos de santificação:

a. O sangue de Cristo (Hb 9.14; 13.12; 1 Jo 1.7,9; Ap 22.14).

b. A Palavra de Deus (Sl 119.9; Jo 15.3; 17.17; Ef 5.26).

c. O Espírito Santo (Rm 8.2; 15.16; 1 Co 6.11; 2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2).

d. A fé (At 26.18; Rm 4.5).

e. A glória de Deus também santifica (Êx 29.43). Temos dessa glória sobre nós, e entre nós; e quanto?

O. A FÉ

1. Expressões da Fé

a. Fé salvadora (Rm10.9,10; Ef 2.8).

b. Fé – fruto do Espírito (Gl 5.5,22 - ARC).

c. Fé – dom do Espírito (1 Co 12.9).

d. Fé – o Evangelho completo. Nossa inteira confissão. O corpo de doutrinas que professamos (At 6.7, Gl 1.23; 1 Tm 3.9; 4.1; 2 Tm 4.7).

e. Fé – confiança absoluta em Deus – através de sua Palavra.

(A fé natural, intelectual, teórica, da cabeça — ou como queiram chamar — só serve para as relações terrenas entre os homens (Jo 20.29; Tg 2.19).

2. O valor da fé

a. É vital, essencial ao salvo (Rm 1.17; 11.20).

b. A falta de fé é o pecado *máter* (Jo 16.8,9; Rm 14.22,23).

c. O sobreexcelente amor precisa de fé (Ef 3.17; 4.5; 6.23).

3. Como obter fé

a. Por Jesus (Hb 12.2).

b. Pela Palavra de Deus (Rm 10.17).

c. Pelo Espírito Santo (2 Co 4.13).

d. Dando a glória a Deus e louvando-O. Isso desenvolve a fé (Rm 4.20; 2 Cr 20. 17-22; At 16.25).

P. A CURA DIVINA

1. É um dos benefícios derivados da morte de Cristo (Is 53.4; Mt 8.17). Deus tem tanta certeza da eficácia da obra de Cristo, que os atos decorrentes da mesma estão todos no

pretérito, isto é, como estando já cumpridos no tempo de Isaías! Este é que é Deus!

2. A cura divina é parte do Evangelho. É uma de suas promessas (Mc 16.18).

3. Meios de cura divina:

a. A oração pessoal; do próprio doente (Is 38.1-5).

b. A oração de outrem ou da igreja (Nm 12.13; At 28.8).

c. Oração e unção com óleo por presbíteros (Mc 6.13; Tg 5.14-16).

d. Dons de curar em ação (1 Co 12.9).

4. Por que muitos não são curados:

a. Falta de fé em Deus (Tg 1.6).

b. Pecado não confessado e nem abandonado (Sl 66.18; Pv 28.13; Tg 5.15,16).

c. Misericórdia de Deus (1 Co 5.5). Para muitos, o único freio para deixarem de pecar é a doença!

d. Egoísmo. Querer saúde somente para proveito pessoal (Tg 4.3).

e. Falta de perseverança na busca da cura (Is 38.21; Mc 8.23-25; Jo 9. 6,7). Deus não cura contra a vontade do doente (Jo 5.6).

f. Prova da fé. Exemplo: Jó, o patriarca (Tg 1.3; 5.11).

g. Pecado "para morte" (1 Jo 5.16).

h. O não querer perdoar aos irmãos. (Mt 18.15-35, especialmente os versículos 34 e 35). Isso pode resultar em doença e outros males atormentadores.

i. Às vezes, não se trata de doença (problema patológico), e sim espírito demoníaco, espírito de enfermidade, como em Lucas 13.11. Nesses casos, a necessidade não é de cura, e sim de libertação pelo poder de Deus.

5. Jesus quer curar! E libertar! (Mt 8.2,3).

Q. Dízimos e Ofertas

1. O percentual fixo de 10% de nossa renda, para Deus, é um dos meios dEle expressar seus direitos e senhorio sobre nós e tudo o que temos (Is 43.1).

2. O dízimo pertence a Deus, por isso é santo (Lv 27.30). Não sendo pago, é um roubo! (Ml 3.8,10). Ele não é *dado*; é *pago*, pois trata-se de uma dívida (Hb 7.9).

3. Dízimos em atraso (na eepoca da Lei), ao serem pagos eram acrescidos de 20% (Lv 27. 31).

4. Quem não paga seus dízimos ao Senhor recebe sua cobrança com elevados juros...

5. As ofertas comuns ou regulares devem ser proporcionais à renda do contribuinte (1 Co 16.2; 2 Co 8.3).

Conforme Deuteronômio 12.6, um judeu devoto, dava no Antigo Testamento, no mínimo 30% de sua renda a Deus. Há na passagem acima 7 diferentes tipos de ofertas.

R. O Estado (a Nação) e o Crente

1. Mt 22.21. Aqui, o Senhor Jesus disse: "Dai a César o que é de César". César, aqui é o poder constituído, o estado, a Nação. O crente deve dar exemplo quanto a cumprir seus deveres para com o estado. É interessante que José e Maria estavam cumprindo um decreto do estado, quando Jesus nasceu. Jesus mesmo, cumpriu seus deveres para com o estado. (Ver Mateus 17.24-27). Não temos dever de obedecer quando o estado contraria a Palavra de Deus corretamente interpretada e compreendida. (Ver Daniel 1.8. 3.17,18; 6.7-10; Atos 4.19).

2. Rm 13.1-7. Aqui somos ensinados sobre nossos deveres e obrigações para com a nossa nação. Ver também Êx 22.28; Dt 17.15; Pv 24.21; 1 Tm 2.1,2; Tt 3.1.

3. 1 Pe 2.13,14,17. Estas passagens são um código de civismo, onde somos admoestados pela Palavra a acatar as autoridades constituídas.

S. Morte, Ressurreição e Destino Eterno do Homem

1. Só passaremos por esta vida uma vez. Após a morte, segue-se o juízo (2 Sm 12.23; Ec 12.7; Hb 9.27).

2. A alma é imortal. Ela não cessa de existir com a morte do corpo. Comparar Gênesis 25.8,9 com Lucas 16.22,31. Para

Deus, todos os que já morreram continuam vivos, isto é, sua alma e espírito (Lc 20.38). "Eterna destruição" do ímpio em 2 Tessalonicenses 1.9, não quer dizer *extinção*, mas *ruína, desgraça*. Também, a alma não dorme com o corpo na sepultura (Lc 16.22-25; At 7.59,60; 2 Co 5.8; Fp 1.21,23; Ap 6.9,10; 14.13). O "dormir" sempre refere-se à morte do corpo, como em Daniel 12.2; Mateus 27.52; João 5.28).

3. Morte, no sentido bíblico, não quer dizer *extinção*. E sim, *separação. Morte física* é a separação entre o espírito e o corpo. *Morte espiritual* é o viver separado de Deus devido ao pecado (Gn 2.17; Ef 2.1; 1 Tm 5.6). *Morte eterna* é o viver separado de Deus eternamente. É também chamada *segunda morte* (2 Ts 1.8,9; Ap 20.10; 20.14; 21.8).

4. As Escrituras referem-se à morte, mediante a palavra *dormir*, porque, ao falecer, a pessoa perde a consciência para com este mundo, acordando no outro, que pode ser de paz e gozo, ou sofrimento. É apenas o corpo que *adormece*. Estêvão *adormeceu*, mas, seu espírito foi recebido na glória, por Jesus (At 7.59,60). (Ver 1 Tessalonicenses 4.13,14.)

5. O inferno não foi preparado para o homem, mas para o Diabo e seus anjos. Mas, se o homem insiste em servir ao Diabo, irá um dia viver com ele (Mt 25.41).

6. A ressurreição é do corpo individual, senão o termo na Bíblia seria um absurdo, visto que o espírito não morre. Os crentes ressuscitarão com um corpo glorioso em vários sentidos (1 Co 15.43). Os ímpios ressuscitarão com corpo por certo ignominioso, próprio para sofrer (Sl 22.29; Mt 10.28b). Há duas ressurreições: a dos justos e a dos injustos, havendo um intervalo de 1.000 anos entre elas (Jo 5.28,29; Ap 20.5). A expressão *ressurreição dentre* os mortos, em Lucas 20.35 e Filipenses 3.11, implica uma ressurreição em que somente os justos participarão.

7. A primeira ressurreição tem diferentes grupos de ressuscitados como indica o termo "ordem" em 1 Coríntios 15.23, no original.

T. A Segunda Vinda de Jesus

1. Quando será? Não sabemos, mas está próxima (Mt 24.36; Hb 10.37; Ap 22.7,20).

2. Como será? Ela terá duas fases. Na primeira, Jesus levará sua Igreja para a glória, num instante, e em segredo. Nessa ocasião, Ele virá somente até as nuvens (Jo 14.3; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.16,17). Na segunda, Ele virá com todos os seus santos e anjos, descendo sobre o Monte das Oliveiras, em Jerusalém, publicamente, rodeado de glória e poder para livrar Israel, que estará a ponto de sucumbir sob os exércitos confederados do Anticristo, julgar as nações e estabelecer seu reino milenial (Zc 14.4; Mt 24.30; At 1.10,11; Ap 1.7). A primeira fase é chamada *Arrebatamento da Igreja*. A segunda, *Revelação de Jesus em Glória*.

Entre o arrebatamento e a volta de Jesus em glória ocorrerá a *Grande Tribulação*, a qual abrange os anos da ascendência e domínio do Anticristo, também chamado *A Besta*, além de outros nomes. O Anticristo ao emergir, promoverá uma paz e um progresso espantoso aqui na terra (1 Ts 5.3). Será o falso Messias. Diz Apocalipse 13.3: "Toda a terra se maravilhará após a Besta". Até Israel fará aliança com ele por sete anos, mas passada a metade desse tempo a aliança será desfeita quando lhe for recusada a adoração, e passará a persegui-los (Dn 7.25; 9.27; Ap 13.4). Estes últimos três anos compreenderão a Tribulação propriamente dita. O sofrimento será de tal monta que se durasse mais tempo ninguém escaparia (Mt 24.21, 22).

É nesse tempo de justiça divina que as sete pragas mencionadas sob os sete selos, as sete trombetas e as sete taças do livro de Apocalipse, capítulos 15 e 16, serão derramadas na terra.

A Grande Tribulação visa em primeiro plano os judeus (Rm 2.9,10), mas o mundo inteiro sofrerá também (Jr 25.29-32; Ap 13.7,8; 18.3). Um dos propósitos da Grande Tribulação é levar Israel ao arrependimento.

Quando Jerusalém estiver cercada de exércitos das nações confederadas sob a Besta e os judeus estiverem sem qualquer esperança de salvação, a ponto de serem tragados

pelo inimigo, o Senhor Jesus virá em seu socorro com seus santos anjos, descendo sobre o monte das Oliveiras, em Jerusalém (Zc 14.3,4; Ap 19.11-16).

Durante esse tempo, enquanto o Anticristo desencadeia na terra a Grande Tribulação, a Igreja arrebatada antes disso, estará com Cristo no Céu, onde será galardoada e com Ele voltará em glória.

O Anticristo. O Anticristo será um homem personificando o Diabo, porém, apresentando-se como se fosse Deus (Dn 11.36,37; 2 Ts 2.4,9). Será uma personagem de uma habilidade e capacidade desconhecidas até hoje. Será o maior líder de toda a história. Sua sabedoria e capacidade serão diabolicamente sobrenaturais.

Além da ação diabólica, outros fatores contribuirão para a implantação do reino do Anticristo, como: poderio bélico, alta tecnologia, e poder econômico.

Será um grande demagogo. Influenciará decididamente as massas com seus discursos e escritos (Ap 13.5). A Bíblia diz que toda a terra se maravilhará após a Besta (Ap 13.3). Ele não será um homem ressurreto, como muitos ensinam, pois será morto à vinda de Cristo, no Armagedom (Hb 9.27,28; Ap 19.20). É chamado em 2 Tessalonicenses 2.8 de *Anomos* (gr.), isto é, o Homem do Pecado; o Homem Sem Lei; o Iníqüo; o Homem da Desordem; o Subversivo; o Transgressor, etc.

3. Propósitos da vinda de Jesus:

a. Levar sua Igreja para si (Jo 14.3; 1 Ts 4.17), livrando-a assim da Grande Tribulação (1 Ts 1.10; Ap 3.10).

b. Consumar a salvação do crente (Rm 8.23; 13.11; 1 Pe 1.5).

c. Glorificar os Seus (Rm 8.17; Cl 3.4).

d. Julgar e recompensar a todos (Mt 13.30,40-43; 16.27; 2 Co 5.10). A recompensa do crente terá por base sua fidelidade ao Senhor (Mt 25.14-35).

e. Prender Satanás (Ap 20.1,2).

f. Restaurar todas as coisas (Mt 19.28; At 3.21).

g. Revelar mistérios que hoje nos deixam perplexos (1 Co 4.5).

h. Libertar e abençoar a criação (Rm 8.19-22).

i. Reinar eternamente com os seus (Dn 7.13,14; Mt 25.31; Lc 1.33; Ap 11.15).

j. Ser glorificado, e admirado pelos seus (2 Ts 1.10).

U. O Reino Milenial de Cristo

O Milênio é o maravilhoso reinado de Cristo na terra por mil anos. Há aqueles que totalmente o materializam ou o espiritualizam. Evitemos tais extremos. Essa idade áurea é ansiosamente esperada pelo povo israelita (Mt 19.27,28; Lc 2.38; At 1.6,7). Jesus não lhes tirou esta esperança que hoje impulsiona o regresso dos judeus à sua pátria e motiva sua rápida elevação. A Criação toda também aguarda esse tempo para sua libertação (Rm 8.19-23). Será ele a resposta aos milhares de orações do povo de Deus através dos tempos: "Venha o teu reino" (Mt 6.10).

1. O Milênio e a volta de Cristo. O Milênio será precedido da volta de Cristo, a qual abrangerá vários eventos portentosos.

a. Ele voltará pessoalmente, com poder, majestade e glória (Mt 24.30,31; Ap 1.7; Dn 2.34,44,45). Há quem diga que o Milênio ocorrerá antes da vinda de Jesus, quando a Bíblia ensina que será após isso. (Comparar Apocalipse 19.11-16 — a volta de Jesus, com Apocalipse 20.2,4,6,7 — o Milênio após a volta de Jesus.)

b. Ele voltará com seus santos e anjos sobre o monte das Oliveiras (Zc 14.4,5; At 1.11,12).

c. Ele voltará para julgar as nações (Mt 25.31,32; Ap 19.11-15; Jl 3.2,12; At 17.31,32).

d. Ele voltará para prender Satanás (Ap 20).

2. O Milênio e os salvos. Os salvos reinarão com Cristo (Ap 5.10; 20.4-6).

3. O Milênio e seus aspectos. Alguns deles são:

a. Paz na Criação em geral (Is 11.6-9).

b. Paz em Israel (Is 32.18).

c. Paz entre os povos e nações (Sl 72.2-8; Mq 4.3,4).

d. Paz entre Israel e seus vizinhos árabes (Is 19.24,25). Mas antes que tal aconteça esses povos sofrerão muito. Israel (Zc 13.8; 14.2). Egito (Is 19.22; Jl 3.19).

e. Justiça perfeita (Sl 72.7,8; Is 11.5; 32.17).

f Abundância de víveres (Sl 72.16; Jr 31.12; Jl 3.18; Zc 8.12).

g. Glória. O Milênio será um reino glorioso (Sl 72.19). A glória divina tornar-se-á visível (Is 40.5; 24.23; 4.5; 66.18).

4. O Milênio e a Terra. Jesus reinará sobre a Terra. Seu domínio será universal (Sl 72.8,11; Dn 7.14,27; Zc 14.9,10; Fp 2.11; Ap 11.15).

• O Milênio preparará a terra para o estabelecimento do reino eterno de Cristo sob Deus, conforme a promessa divina em 2 Samuel 7.12,13; Salmo 89; Lucas 1.33-35; 1 Coríntios 15.24,25.

• Muitos acham difícil Jesus vir aqui para reinar por mil anos. Muito mais difícil seria Ele vir aqui para humilhar-se, sofrer e morrer como homem, levando sobre si a nossa maldição. E isso Ele fez.

5. O Milênio e Israel. Com o estabelecimento do Milênio por Jesus, findará aqui na terra toda e qualquer supremacia e predominância de nações. As nações dantes belicosas, encontrarão afinal um Guerreiro mais forte que elas... Uma exceção: ISRAEL, que estará então à testa das nações (Is 2.3; 60.3; Zc 8.22; Ap 21.24).

V. O Juízo Final

1. A certeza disso Deus já deu (At 17.31).

2. Nessa ocasião os ímpios falecidos de todas as épocas ressuscitarão, isto é, com corpos literais (Mt 10.28b). Este julgamento é para aplicação de sentença apenas, pois o pecador já está condenado quando não crê no Filho de Deus (Jo 3.18).

3. O julgamento será de acordo com as obras, portanto, haverá diferentes graus de castigo (Mt 11.22,24; Lc 12.47,48; Ap 20.21).

4. Deus sendo perfeito em justiça como é, terá uma lei para julgar os que pecaram sem lei (Rm 2.12).

5. Quanto aos que morreram sem conhecer o Evangelho, deixemos com Deus. O "Juiz de toda a terra"(Gn 18.25), saberá fazer justiça. Só Ele tem o direito de julgar os mortos (At 10.42; Rm 14.9).

W. O Perfeito Estado Eterno — os Novos Céus e a Nova Terra

1. A promessa divina em que confiamos (Is 65.17; 2 Pe 3.13).

2. João, o Evangelista, já teve a visão, por Deus dada (Ap 21.1,2).

3. Jesus fez menção desta era perfeita em Lucas 20.35 (no original *aion,* que a ARC traduz por *mundo* e a ARA, por *era*).

4. Apocalipse caps. 21 e 22 descrevem as glórias literais desse estado mirífico.

5. A Igreja estará em estado de glória e felicidade eternas com Deus (Mt 13.43; 1 Co 15.43; Cl 3.4).

6. As insondáveis belezas celestiais começarão a ser conhecidas (1 Co 2.9).

7. À medida que as eras futuras forem passando, conheceremos mais e mais as insondáveis belezas e riquezas do nosso Salvador (Ef 2.7; 3.8).

X. Dispensações e Alianças

As Dispensações e Alianças integram o estudo das eras bíblicas, do tempo, dos tempos, dos dias bíblicos, e da eternidade. (Ler 1 Timóteo 1.17; Hebreus 1.2; 11.3).

1. Dispensação é o modo de Deus revelar-se, de tratar com o homem, de testar o estado espiritual do povo em determinado espaço de tempo. Em suma: *é uma fase de prova moral.*

2. O vocábulo equivalente a dispensação acha-se no original em 1 Coríntios 9.17; Efésios 1.10; 3.2,9; Colossenses 1.25.

3. Alianças são pactos ou concertos entre Deus e o homem. É no grego "diatheke". O termo aparece em Mateus 26.28; Lc 1.72, etc.

4. As dispensações

a. A da Inocência. Vai de Gênesis 2.7 a 3.24. Estende-se da criação do homem à sua queda.

b. A da Consciência. Vai de Gênesis 4.1 a 7.23. Estende-se da queda do homem ao Dilúvio.

c. A do Governo Humano. Vai de Gênesis 8.15 a 11.9. Estende-se do Dilúvio a Abraão.

d. A Patriarcal (ou da Promessa). Vai de Gênesis 12 a Êxodo 19. (Ver Atos 7.8,9,11,12,25. Estende-se de Abraão a Moisés.

e. A da Lei. Vai de Êxodo 19.8 a João 19.30. Abrange do Sinai ao Calvário (Gl 3.19-25).

f. A da Graça ou da Igreja. Vai da 1ª a 2ª vinda de Jesus (Jo 1.17). É de âmbito universal. A salvação depende da aceitação ou rejeição de Cristo (Jo 1.12,13; 3.16).

g. A do Milênio. Duração: mil anos. (Ler Isaías 11.3-9; Efésios 1.10; Apocalipse 20.4b). Abrange do Juízo das Nações ao Juízo Final. É a dispensação do governo divino na Terra.

5. As Alianças

a. A do Éden (Gn 1.28-30; 2.16,17). Celebrada com Adão e Eva. É condicional.

b. A de Adão (Gn 3.14-19). Inclui a promessa de um Redentor. É incondicional.

c. A de Noé (Gn 8.20 a 9.27). Instituído o governo humano. É incondicional.

d. A de Abraão (Gn 12.1-3; 13.14-17; 15.1-18; At 7.8). É incondicional e perpétua (Gn 17.19). Confirma a promessa do Redentor. Abrange três posteridades: *a de Ismael* — puramente carnal (Gn 17.20), *a de Israel* — carnal e espiritual; *a da Igreja* — puramente espiritual (Rm 4.11,12; Gl 3.14).

e. A de Moisés. É o concerto da Lei (Êx 20.1 a 31.18). É condicional, sendo um concerto de obras (Lv 18.5; Gl 3.12). Desde a Cruz, não estamos mais sob a Lei (Rm 6.14; 10.4).

f. A da Palestina (Dt 19.1 a 30.3). É incondicional. Confirma a possessão da Terra Prometida aos descendentes de Abraão.

g. A de Davi (2 Sm 7.8-17). É incondicional. Assegura três coisas a Israel, como povo e nação: um trono, um reino, e um rei, tudo através de Cristo (Mt 1.1; Lc 1.32,33; Rm 1.3).

h. A Nova Aliança (Jr 31.31-34; Mt 26,28; 2 Co 3.1-11; Hb 8). É incondicional. Baseia-se no sangue de Jesus. É para todos: "Quem quiser"(Ap 22.17). É uma aliança de graça —

não de obras. Ela assegura a bem-aventurança eterna, sob o concerto abraâmico (Gl 3.13-29).

Quanto a maiores detalhes bíblicos das Dispensações e Alianças, este manual não comporta. Um dos benefícios do estudo das Dispensações e Alianças é o fato de através dele vermos o andamento do plano divino da redenção, através dos séculos. Tudo, segundo a presciência divina!

Questionário

1. Que são Doutrinas Fundamentais?
2. Que significa o termo *doutrina*?
3. Qual o plano de Deus para o homem depois de salvo, quanto ao conhecimento da verdade? Cite referências bíblicas.
4. Cite referências salientando o valor ou importância da doutrina.
5. Quais as três formas de doutrina? Citar referências.
6. Mostrar as diferenças básicas entre *doutrina* e *costume*.
7. Dê a classificação das doutrinas da Bíblia.
8. Que compreende a inspiração divina da Bíblia? Dar referências.
9. Que é inspiração plenária?
10. Citar referências mostrando que Deus é uno e ao mesmo tempo triuno.
11. Citar referências concernentes a Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo.
12. Que são os anjos? Dar referências.
13. Dar referências mostrando que Deus criou todas as coisas.
14. Que falsamente ensina a Evolução?
15. Que diz a Bíblia sobre a origem do homem: que foi criado ou evoluído gradativamente de outras espécies? Citar referências.

16. Dar alguns termos bíblicos descritivos do pecado. Citar referências.
17. Mencionar os principais aspectos do pecado.
18. Que é salvação? Dar referências.
19. Citar os passos para a salvação do pecador.
20. Explicar o que é *justificação*, *regeneração*, *santificação*.
21. Em que sentido veio Jesus cumprir a Lei?
22. Qual o múltiplo propósito da Lei?
23. Que é a Igreja? Dar referências.
24. Discorrer sobre o batismo em água, doutrinariamente.
25. Dar a finalidade da ceia do Senhor.
26. É bíblico o emprego de pão asmo na ceia do Senhor?
27. Que é o batismo com o Espírito Santo? Qual a sua evidência física?
28. Que são os dons do Espírito Santo? Qual o seu alvo?
29. Dê algumas diferenças entre os dons e o fruto do Espírito Santo.
30. O que é santificação bíblica? Dê referências.
31. Explicar o que é santificação *posicional* e *subjetiva*.
32. Mencionar os meios divinos de santificação.
33. Mencionar algumas formas de expressão da fé. Dar referências.
34. Que é a cura divina quanto a sua origem?
35. Citar referências mostrando que a alma humana é imortal.
36. Que significa o termo "morte" nas Escrituras?
37. Qual a diferença bíblica entre o arrebatamento da Igreja e a volta de Jesus em glória? Dar referências para os dois casos.

38. Que é o Milênio? Citar aspectos bíblicos do Milênio.
39. Que é o Juízo Final? Quem será julgado aí? Quando ocorrerá? Dar referências.
40. Que é *dispensação?* Que é *aliança?*
41. Mencionar as *alianças* bíblicas estudadas.
42. Mostrar a superioridade da Nova Aliança em relação à Velha.



UNIDADE III
A Escola Dominical

INTRODUÇÃO
A Exata Conceituação de "Escola Dominical" 125

CAPÍTULO I
A História da Escola Dominical 128

CAPÍTULO II
Os Objetivos da Escola Dominical 139

CAPÍTULO III
A Organização e Administração da Escola Dominical 146

CAPÍTULO IV
A Promoção e Possibilidades da Escola Dominical 170

UNIDADE III - A ESCOLA DOMINICAL

INTRODUÇÃO

A Exata Conceituação de "Escola Dominical"

A Escola Dominical é a escola de ensino bíblico da Igreja, que evangeliza enquanto ensina, conjugando assim os dois lados da comissão de Jesus à Igreja, conforme Mateus 28.20 e Marcos 16.15. Ela não é uma parte da Igreja; (1) é a própria Igreja ministrando ensino bíblico metódico. A Escola Dominical (2) é um ministério pessoal para alcançar crianças, jovens, adultos, a família, a comunidade inteira, tal como fazia a Igreja dos dias apostólicos. (3) É ela a única escola de educação religiosa popular que a Igreja dispõe. (4) A Escola Dominical devidamente funcionando, é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor, na casa do Senhor.

A. A Escola Dominical existe para ministrar a pequenos e grandes, ensino religioso segundo a Palavra de Deus, e isto de maneira pedagógica e metódica, como é de se esperar de uma

organização que leva o nome de *escola*. Sendo o ensino na Escola Dominical um ministério pessoal, o verdadeiro professor de classe está sempre mais chegado a seus alunos na igreja, do que qualquer outro obreiro da mesma, inclusive o pastor. Logo, uma Escola Dominical devidamente organizada, cuja direção e professores são espirituais e idôneos, treinados para o ensino bíblico, e equipados com literatura e meios apropriados, é um poderoso e eficiente ministério pessoal para alcançar a todos na igreja, na família e na comunidade.

B. O ensino das doutrinas e verdades eternas da Bíblia, na Escola Dominical, deve ser pedagógico e metódico como numa escola, sem contudo deixar de ser profundamente espiritual.

C. A Escola Dominical também coopera eficazmente com o lar na formação dos hábitos legítimos e cristãos, práticas e deveres sociais e bíblicos, resultando daí a formação do caráter ideal, segundo os princípios do genuíno cristianismo.

D. A escola secular instrui e contribui para a formação de bons hábitos, mas não promove a formação do caráter genuinamente cristão. Ela visa com prioridade o *intelecto* do aluno. Já a Escola Dominical, sendo genuinamente bíblica, educa e instrui, mediante o ensino da Palavra, visando prioritariamente o *coração* do aluno. A ordem divina vista em Hebreus 10.16 não deve ser alterada: *coração* e *mente*, e não ao contrário. A Escola Dominical evangeliza enquanto ensina. Para tanto, toda lição nunca deve ser concluída sem uma aplicação pessoal, específica, evangelística. Quem evangeliza fala ao coração, e quem ensina fala ao raciocínio, à inteligência, dependendo, é evidente, do Espírito Santo.

E. Ora, a Bíblia é a revelação progressiva de Deus; o seu constante estudo sob o influxo do Espírito Santo, conduz-nos a uma crescente revelação dEle e a visões mais gloriosas de sua divina pessoa. É evidente que tal estudo seja gradual, dosado, em classes, de acordo com as diversas idades, respeitando-se assim as grandes divisões da vida humana, para um real aproveitamento. Assim fazem também as escolas seculares para com seu corpo discente.

F. A Escola Dominical, quando devidamente aparelhada, é de fato a agência de formação religiosa popular das igrejas evangélicas. É aí que as crianças desde a mais tenra idade, os adolescentes, e os adultos, ao receberem o ensino sadio e inspirador das Escrituras, são todos beneficiados: (1) as crianças recebem formação moral e espiritual, (2) os adolescentes formam sua personalidade cristã e os (3) adultos renovam suas forças morais e espirituais para uma vida cristã sempre frutífera e abundante.

G. Nesta unidade de ensino procuraremos ressaltar o valor, os objetivos, a necessidade e os resultados da Escola Dominical.

Questionário

1. Defina o que é a Escola Dominical.
2. Como deve ser ministrado o ensino da Palavra na Escola Dominical?
3. Quais os objetivos principais da escola secular e Dominical, para com o aluno? Cite a referência bíblica apresentada.
4. Além da operação divina em si, que é preciso fazer a Escola Dominical, para promover um real aproveitamento do ensino da Palavra?



UNIDADE III - A ESCOLA DOMINICAL

CAPÍTULO I
A História da Escola Dominical

I. Nos dias de Moisés 129
II. Na época dos sacerdotes, reis e profetas de Israel 129
III. Durante o cativeiro babilônico 130
IV. No pós-cativeiro 130
V. Nos dias de Jesus 131
VI. Nos dias da Igreja 132
VII. A fase atual — A Escola Dominical moderna 133
VIII. Alguns fatos históricos 134
IX. A Escola Dominical no Brasil 135

A Escola Dominical tal como a temos hoje é uma instituição moderna, mas tem suas raízes aprofundadas na antiguidade do Antigo Testamento, nas prescrições dadas por Deus aos patriarcas e ao povo de Israel. A Escola, como a temos hoje não havia então, mas havia o princípio fundamental — o do ensino bíblico determinado por Deus aos fiéis e aos estranhos ao seu redor. Sempre pesou sobre o povo de Deus a responsabilidade de ensinar a lei divina.

A Escola Dominical é a fase presente da instrução bíblica milenar que sempre caracterizou o povo de Deus.

Estudemos em resumo, como se desenvolveu a instrução religiosa nos tempos bíblicos e nos tempos modernos, isto é, os primórdios que depois resultaram na origem e desenvolvimento da Escola Dominical em sua forma atual.

I. Nos dias de Moisés

Examinando o Pentateuco, vemos que no princípio, entre o povo de Deus, eram os próprios pais os responsáveis pelo ensino da revelação divina no lar. O lar, então, era de fato uma escola onde os filhos aprendiam a temer e amar a Deus (Dt 6.7; 11.18,19).

Havia também reuniões públicas de que participavam homens, mulheres e crianças, aprendendo a lei divina (Dt 31.12,13).

II. Na época dos sacerdotes, reis e profetas de Israel

Os sacerdotes, além do culto divino, tinham o encargo do ensino da Lei (Dt 24.8; 1 Sm 12.23; 2 Cr 15.3; Jr 18.18).

Os sacerdotes eram intermediários entre o povo e Deus, e assim como os profetas eram intermediários entre Deus e o povo.

Os reis de Judá, quando piedosos, aliavam-se aos sacerdotes na promoção do ensino bíblico. Temos disto um exemplo no bom rei Josafá que enviou líderes levitas e sacerdotes por toda a terra de Judá para ensinarem ao povo a Lei do Senhor (2 Cr 17.7-9).

III. Durante o cativeiro babilônico

Nessa época, os judeus no exílio, privados do seu grandioso templo em Jerusalém, intituíram as sinagogas tão mencionadas no Novo Testamento. A sinagoga era usada como escola bíblica, casa de cultos e escola pública. O filósofo judeu, Philo, de Alexandria, falecido em 50 d.C., com seu testemunho insuspeito, afirma que "as sinagogas eram casas de ensino, tanto para crianças como para adultos". - *Benson.*

Na sinagoga a criança recebia instrução religiosa dos 5 aos 10 anos de idade; dos 10 aos 15 anos, continuava a instrução religiosa, agora com o auxílio dos comentários e tradições dos rabinos. Aos sábados, a principal reunião era a matutina, incluindo jovens e adultos.

IV. No pós-cativeiro

Nos dias de Esdras e Neemias, lemos que quando o povo voltou do cativeiro, um grande avivamento espiritual teve lugar entre os israelitas. Esse despertamento teve origem numa intensa disseminação da Palavra de Deus e incluiu um vigoroso ministério de ensino bíblico. É dessa época que temos o relato do primeiro movimento de ensino bíblico metódico popular similar ao da nossa Escola Dominical de hoje.

O capítulo 8 do livro de Neemias dá um relato de como era a escola bíblica popular de então — ou como chamamos hoje: Escola Dominical. Esdras era o superintendente (Ne 8.2); o livro-texto era a Bíblia (v. 3); os alunos eram homens, mulheres e crianças (v. 3; 12.43). Treze auxiliares ajudavam a Esdras na direção dos trabalhos (v. 4) e outros treze serviam como professores ministrando o ensino (vv.7,8). O horário ia da manhã ao meio-dia (v. 3). Afirma o versículo 8 que os professores liam a Palavra de Deus e explicavam o sentido para que o povo entendesse. É certo que aí há um problema lingüístico envolvido (o povo falando o aramaico ao retornar do exílio), mas o que sobressai mesmo é o *ensino da Palavra*, patente em todo o capítulo. Por certo, o leitor gostaria de ter pertencido a uma escola assim, espiritualmente avivada.

O resultado desse movimento de ensino da Palavra foi a operação do Espírito Santo em profundidade no meio do povo, conforme atesta todo o capítulo 9 e os subseqüêntes do livro de Neemias. É o cumprimento da promessa de Deus em Isaías 55.11.

V. Nos dias de Jesus

A. Jesus foi o Grande Mestre, glorificando assim a missão de ensinar. Das 90 vezes que alguém se dirigiu a Cristo nos Evangelhos, 60 vezes Ele é chamado de "Mestre". Grande parte do ministério de nosso Senhor foi ocupado com o ensino. (Ver Mateus 4.23; 9.35; Lucas 20.1). Sua última comissão à Igreja foi "Ide e ensinai", (Mt 28.19,20). Sua ordem é clara.

A quem e onde Jesus ensinava?

- Nas sinagogas (Mc 6.2).
- Em casas particulares (Mc 2.1; Lc 5.17).
- No templo (Mc 12.35).
- Nas aldeias (Mc 6.6).
- Às multidões (Mc 6.34).
- A pequenos grupos e individualmente (Lc 24.27; Jo caps. 3 e 4).

B. O ministério de Jesus era tríplice: Ele pregava, ensinava e operava milagres. Era, pois, um ministério de poder. Pela pregação Ele anunciava as boas-novas de salvação; pelo ensino, edificava e fé dos que criam, e pelos milagres, manifestava seu poder, sua divindade e glorificava ao Pai. Esse mesmo ministério tríplice foi ordenado e confiado à Igreja (Mt 28.19; Mc 16.15,18).

C. Seus apóstolos também ensinavam (Mc 6.30b; At 5.21).

D. Aplicação. É evidente que se a Igreja de hoje cuidasse devidamente do ensino bíblico junto às crianças e novos convertidos, teríamos uma igreja muito maior. Pecadores aos milhares convertem-se, mas poucos permanecem porque lhes falta o apropriado ensino bíblico que lhes cimente a fé. Faltalhes raiz ou base espiritual sólida e profunda. A planta da parábola morreu, não porque o sol crestou-a, mas, principalmente porque não tinha raiz (Mt 13.6).

VI. Nos dias da Igreja

A. Após a ascensão do Senhor, os apóstolos e discípulos continuaram a ensinar. A igreja dos dias primitivos dava muita importância a esse ministério (At 5.41,42).

B. São Paulo, um grande mestre, foi maravilhosamente usado por Deus nesse mister. Nos seus escritos há alimento, tanto para adultos como para crianças de todas as idades. Ele e Barnabé, por exemplo, passaram um ano todo ensinando na igreja em Antioquia (At 11.26). Em Éfeso, ficou três anos ensinando (At 20.20,31). Em Corinto, ficou um ano e seis meses (At 18.11). Seus últimos dias em Roma foram ocupados com o ensino da Palavra (At 28.31).

C. Mais tarde vemos que a marcha do ensino bíblico na Igreja sofreu solução de continuidade, devido a males que penetraram no seio da mesma. Houve calmaria. A Igreja ficou estacionária. Ganhou fama mas perdeu poder. Abandonou o método prescrito por Jesus: o de pregar e ensinar. Sobrevieram as seguir as densas trevas espirituais da Idade Média.

D. Muitos séculos depois, veio a Reforma Religiosa e com ela a imperiosa necessidade de ensino bíblico para instruir os crentes, consolidar o movimento e garantir sua prossecução. Os líderes da Reforma dedicaram especial atenção ao preparo de livros de instrução religiosa, bem como reuniões destinadas a esse mister. Eles sabiam que o trabalho não consistia somente em pregar, mas também em instruir espiritualmente.

E. Tanto o pregador como o professor usam a Palavra de Deus, mas os ministérios são diferentes. O pregador anuncia ou expõe o Evangelho, a Palavra de Deus. Assim fazendo, ele lança a rede e as almas perdidas são ganhas para Jesus. Já o professor, sua missão é instruir, simplificar as verdades bíblicas, ilustrá-las, dissecar o texto bíblico e repetir os ensinos bíblicos até que todos entendam as verdades que ele deseja transmitir. O professor da Escola Dominical deve lembrar-se que ensinar não é pregar. Diante de sua classe, ele não é orador, e sim professor.

F. A Igreja de hoje nunca deverá esquecer a amarga e desastrosa decorrência do descuido e abandono da instrução religiosa das crianças nos tempos que precederam a tenebrosa Idade Média.

VII. A fase atual — a Escola Dominical moderna

A. O movimento religioso que nos deu a Escola Dominical como a temos hoje, começou em 1780, na cidade de Gloucester, no sul da Inglaterra. O fundador foi o jornalista evangélico (episcopal) Robert Raikes, de 44 anos, redator do *Gloucester Journal*. Raikes foi inspirado a fundar a Escola Dominical ao sentir compaixão pelas crianças de sua cidade, perambulando pelas ruas, entregues à delinqüência, pilhagem, ociosidade e ao vício, sem qualquer orientação espiritual. Ele, que já há quinze anos trabalhava entre os detentos das prisões da cidade, pensou no futuro daquelas crianças e decidiu fazer algo em seu favor, a fim de que mais tarde elas também não fossem para a cadeia. Procurava as crianças em plena rua e em casa dos pais e as conduzia ao local da reunião, fazendo-lhes apelos para que todos os domingos estivessem ali reunidas. O início do trabalho não foi fácil.

Outro grande promotor da Escola Dominical então incipiente foi o batista londrino William Fox, trabalhando harmonicamente com Raikes.

B. De acordo com as diretrizes de Raikes, nas reuniões dominicais, além do ensino das Escrituras, era também ministrado às crianças rudimentos de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica. O ensino das Escrituras consistia quase sempre de leitura e recitação. Em seguida, teve início a prática de comentar os versículos lidos. Muito depois é que surgiu a revista da Escola Dominical, com lições seguidas e apropriadas.

C. Raikes enfrentou oposição. As igrejas da época encararam o surgimento da Escola Dominical como uma inovação e coisa desnecessária. Os mais zelosos (?) acusavam Raikes de "profanador do domingo" (*Anders*). Diziam os seus oponentes que reuniões de crianças mal comportadas, no templo, era

uma profanação. Raikes não tomava conhecimento disso e a obra tomava vulto. O jornal do qual ele era redator foi uma coluna forte na defesa e apoio da novel instituição, publicando extensa série de artigos sob o título *A Escola Dominical*, reproduzidos nos jornais londrinos.

Foi assim o começo da Escola Dominical — o começo de um dos mais poderosos movimentos da história da Igreja.

VIII. Alguns fatos históricos

A. Ao fundar a primeira Escola Dominical em 20-7-1780, Raikes estabeleceu o seguinte: desenvolver inicialmente uma fase experimental de três anos de trabalho. Após isso, conforme os frutos produzidos, ele divulgaria ao mundo tudo sobre o trabalho em andamento.

Mal sabia Raikes que estava lançando os fundamentos de uma obra espiritual que atravessaria os séculos e abarcaria o globo, chegando até nós, a ponto de ter hoje dezenas de milhões de alunos e professores, sendo a maior e mais poderosa agência de ensino da Palavra de Deus de que a Igreja dispõe.

Nessa fase experimental (1780-1783), Raikes fundou 7 Escolas Dominicais somente em Gloucester, tendo cada uma 30 alunos em média. Os abençoados frutos do trabalho logo surgiram entre as crianças, refletindo isso profundamente nos próprios pais. Estava dando certo a experiência com a Palavra de Deus! O que pode fazer a fé em Deus e o amor a Ele e ao próximo!

B. Foi no dia 3 de novembro de 1783 em que Raikes triunfalmente publicou em seu jornal a transformação ocorrida na vida de suas crianças. Até hoje, 3-11-1783 é considerado como o dia natalício da Escola Dominical.

Os benditos e abundantes resultados causaram tal impacto no modo de vida da sociedade, que um ano após (1784), Raikes era o homem mais popular da Inglaterra. No ano seguinte (1785) ele organizou a primeira União de Escolas Dominicais, em Gloucester.

Agora, as igrejas passaram a dar apoio ao trabalho de Raikes. A Escola Dominical passou das casas particulares para os templos, os quais passaram a encher-se de crianças.

C. Antes de Raikes já havia reuniões similares de instrução bíblica, é evidente, mas foi ele quem, usado por Deus, popularizou e dinamizou o movimento. Na linguagem dos comerciantes, *foi ele quem pôs a mercadoria na praça.* Por sua vez, o atual sistema de escolas públicas gratuitas inspirou-se no movimento da Escola Dominical.

D. Após o dealbar do Século XIX, muitos outros países adotaram a Escola Dominical, sempre com excelentes resultados. A própria Inglaterra reconhece que foi preservada de movimentos políticos extremistas e radicais, como o da Revolução Francesa de 1789, graças ao despertamento espiritual através de Wesley e Whitefield, e a educação religiosa provida pela Escola Dominical.

E. Durante muito tempo, só crianças freqüentavam a Escola Dominical. Os adultos ingressaram depois. Hoje, em inúmeros lugares, ocorre o inverso: quase só adultos são beneficiados, ficando as crianças em último plano.

F. Em 1784, isto é, quatro anos após o início do movimento, a Escola Dominical já contava com 250 mil alunos matriculados.

G. A Escola Dominical é hoje um dos fatores de promoção do reino de Deus e dos destinos do mundo, através dos cidadãos nela formados. Atualmente, o número de alunos em todo o mundo é estimado em 145 milhões, e 10 milhões de professores.

Quem diria que um começo tão humilde como aquele de 1780, através do irmão Raikes, chegasse a tão elevado dividendo? Está escrito em Zacarias 4.10 "... Quem desprezará o dia das coisas pequenas?"

IX. A Escola Dominical no Brasil

A Escola Dominical teve seu início entre nós em 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. O fundador foi o missionário Robert Kalley e sua esposa, Dª Sarah Poulton Kalley, da Igreja Congregacional. Eram escoceses. Ele fora um médico ateu. Depois foi salvo sob circunstâncias especiais e, chamado por Deus, entregou-se à obra missionária. Na primeira reunião da Escola Dominical

no Brasil, que teve lugar em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, na data acima, a freqüência foi de cinco crianças... Essa mesma Escola Dominical deu origem à Igreja Congregacional no Brasil. Desde então, o crescimento da Escola Dominical no Brasil tem sido maravilhoso.

Houve, sim, reuniões de Escola Dominical antes de 1855, no Rio de Janeiro, porém, em caráter interno e no idioma inglês, entre os membros da comunidade americana.

A. Remontando ao passado, as primeiras reuniões de instrução bíblica no Brasil, do ponto de vista evangélico, ocorreram durante a permanência aqui, dos crentes calvinistas que desembarcaram na Guanabara em 1557. Nessa ocasião realizaram o primeiro culto evangélico em terras do continente americano, em 10 de março do mesmo ano.

B. A segunda fase de tais reuniões deu-se durante o domínio holandês no Nordeste, a partir de 1630, por crentes da Igreja Reformada Holandesa, quando vários núcleos evangélicos foram estabelecidos naquela região. Na mesma época foram realizados cultos na Bahia, por ocasião da primeira invasão holandesa. Tudo isso cessou com o fim dos mencionados domínios (em 1650) e a feroz campanha de extinção movida pela Igreja Romana de então.

C. Mas em 1855, a Escola Dominical veio para ficar. E ficou! E avançou como fogo em campo aberto, impelida pelo zelo de milhares de seus obreiros, inflamados pelo Espírito Santo!

Sim, desde então, vem a Escola Dominical crescendo sempre entre todas as denominações, e onde quer que estas cheguem, a Escola Dominical é logo implantada, produzindo sem demora seus excelentes resultados na vida dos alunos, na igreja, no lar, na comunidade, e refletindo tudo isso na nação inteira.

Foi assim o começo da Escola Dominical — começo de um dos mais poderosos avivamentos da história da Igreja.

D. Lembremo-nos, a Escola Dominical nasceu como um movimento entre as crianças. Depois é que os adultos ingressaram. Lembremo-nos ainda que a ordem de Jesus "Ide a toda criatura", inclui as crianças, que são pequenas criaturas.

E. A posição de Jesus quanto à criança, Ele deixou-a bem clara: "no meio", isto é, "no meio dos discípulos" (Mc 9.36); *no meio portanto da Igreja.* Noutras palavras: no centro de sua atenção, interesse e cuidado. Enquanto Jesus fez assim, em inúmeras igrejas hoje, a criança é ignorada ou fica por último. Aprendamos com Jesus. O plano divino no Antigo Testamento incluía também a criança (Dt 31.12; Ne 12.43).

F. O Brasil defronta-se hoje com problemas espirituais, sociais e morais idênticos aos que precederam a fundação da Escola Dominical na Inglaterra, mormente no que tange a delinqüência juvenil e desagregação da família. A solução cabal para esses males que tanto preocupam o governo e as autoridades em geral, está na regeneração espiritual preconizada na Palavra de Deus, através da Escola Dominical. A Igreja de Deus precisa, pois, explorar todo o potencial da Escola Dominical, como agência de ensino da Palavra de Deus e evangelização em geral.

Questionário

1. Qual o princípio bíblico fundamental em que se baseia a Escola Dominical?
2. Como se passava e onde era ministrado o ensino bíblico popular:
   - Nos dias mosaicos? Dê referências.
   - Na época dos sacerdotes, reis e profetas de Israel? Dê referências.
   - Durante o desterro de Israel?
   - Nos dias de Jesus? Dê referências.
   - Nos dias da Igreja? Dê referências.
3. Cite três utilidades da sinagoga nos tempos bíblicos.
4. Qual foi o tríplice ministério do Senhor Jesus? Cite referências.
5. Como procedeu a Igreja Primitiva quanto ao ensino das Escrituras por parte dos apóstolos e outros líderes?

6. Qual o resultado do descuido da Igreja quanto ao ensino das Escrituras, nos séculos que precederam a Idade Média?
7. Escreva um parágrafo sobre o fundador, fundação e expansão do movimento de ensino bíblico conhecido por Escola Dominical.
8. Escreva um parágrafo semelhante ao anterior, mas, sobre a Escola Dominical no Brasil — isto é, sua fundação entre nós.
9. Dê alguns dados estatísticos da Escola Dominical atual.
10. Cite as primeiras tentativas ou esforços por parte de evangélicos europeus (oriundos da Reforma Religiosa do Século XVI), quanto à disseminação e ensino do Evangelho no Brasil.
11. Em sua origem, qual o relacionamento entre a Escola Dominical e as crianças?



UNIDADE III - A ESCOLA DOMINICAL

CAPÍTULO II
Os Objetivos da Escola Dominical

I. Ganhar almas para Jesus 140

II. Desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão dos alunos 140

III. Treinar o cristão para o serviço do Mestre 142

A Escola Dominical é a escola de ensino bíblico da Igreja, que evangeliza enquanto ensina a Palavra de Deus. Ela conjuga os dois lados da comissão de Jesus à Igreja.

A Escola Dominical tem objetivos definidos para atingir. Não se trata apenas de uma reunião domingueira comum, ou um culto a mais. Esses objetivos são três, a saber:

I. Ganhar almas para Jesus

A Escola Dominical, como iremos mostrar depois, pode tornar-se num dos mais eficientes meios de evangelização.

A. O primeiro grande dever do professor da Escola Dominical é agir e orar diante de Deus no sentido de que todos seus alunos aceitem Jesus como Salvador e o sigam como seu Senhor e Mestre. Há professores que ensinam a verdade bíblica durante anos sem nunca verem um aluno convertido, talvez porque nunca os levaram a aceitar a Cristo na própria sala de aula. O meio certo de levar almas a Cristo é usar a Palavra e confiar na operação do Espírito Santo (Jo 3.5; 16.8; 1 Pe 1.23). O professor não pode salvar seus alunos, mas pode levá-los a Cristo o Salvador, como fez André (Jo 1.42). A Bíblia não diz: "Ensina a criança no caminho em que ela vai andar, ou quer andar", mas: "no caminho em que ela deve andar" (Pv 22.6 - ARA).

O Salmo 51.13 mostra que o ensino da Palavra conduz à conversão dos pecadores.

B. Aplicação. Temos lido de Escolas Dominicais, cujo relatório nacional registra dezenas de milhares de conversões em um ano, evangelizando enquanto ensina nas classes, bem como noutras atividades programadas pela Escola.

II. Desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão dos alunos

A. O ensino da Palavra é uma obra espiritual. Significa a cultura da alma. Ganhar o aluno para Cristo é apenas o início da obra; é mister cuidar em seguida da formação dos hábitos cristãos, os quais resultarão num caráter ideal modelado pela Palavra de Deus. São os hábitos que formam o caráter e este

influi no destino da pessoa. Afirma a psicologia: o pensamento conduz ao ato, o ato conduz ao hábito, o hábito conduz ao caráter, o caráter conduz ao destino da pessoa. Isso humanamente falando.

B. Em toda parte vê-se um crescente interesse no campo da instrução secular, notadamente no que tange à infância. Com o devido respeito à essa instrução que temos por indispensável para o progresso e sobrevivência de um povo, queremos afirmar que a escola provê apenas instrução, mas não provê educação. Esta tem que vir do lar e da Igreja, se esta for bíblica fundamental. Deixe a criança sem instrução e veja o resultado! O mesmo acontece espiritualmente ao novo convertido, seja criança, jovem, adulto ou idoso.

C. Uma Escola Dominical dotada de obreiros treinados e cheios do Espírito Santo pode contribuir eficazmente para a implantação da santíssima fé cristã entre os homens. Não podemos esperar isso da escola pública. É a Igreja Evangélica que tem de cuidar disso por meio de sua agência de ensino que é a Escola Dominical.

D. O futuro do novo convertido (infante ou adulto) depende do que lhe for ensinado agora. Nesse sentido, o alvo do professor deve ser o de ajudar cada aluno convertido a viver uma vida verdadeiramente cristã, em inteira consagração a Deus, e cheio do Espírito Santo.

E. Um dos intuitos, pois, da Escola Dominical, é o de fazer de seus alunos, homens e mulheres, verdadeiros cristãos, cujas vidas se assemelhem em palavras e obras ao ideal apresentado em Jesus Cristo, conforme lemos em Colossenses 1.28; Ef 4.13. Vê-se, portanto, que a tarefa do professor da Escola Dominical é da máxima importância e do maior alcance, precisando não somente de conhecimentos da matéria (a Bíblia), e da arte de ensinar (Pedagogia) mas também de influenciar e orientar o pensamento do aluno, resultando em contínua moldagem do caráter cristão ideal, no sentido moral e espiritual.

III. Treinar o cristão para o serviço do Mestre

A. Ao prover treinamento espiritual, a Escola Dominical apresenta ao aluno oportunidades ilimitadas de servir ao divino Mestre. Inúmeros obreiros das nossas igrejas saíram da Escola Dominical. Talvez o leitor seja um deles. Grandes frutos tem produzido a Escola Dominical. O famoso e sempre lembrado evangelista D.L. Moody foi um deles. Esse serviço tanto pode ser na igreja local, como em qualquer parte do país, ou do mundo, aonde o Senhor enviar os seus servos.

B. O privilégio de contribuir para a causa de Cristo e o dever de empreender alguma espécie de atividade cristã, são coisas que devem ser trazidas à consciência dos alunos da escola, com oração.

C. O lema da Escola Dominical completa deve ser:

- Cada aluno um crente salvo
- Cada salvo, bem treinado
- Cada aluno treinado, um obreiro ativo, diligente, dinâmico.

Assim, o tríplice objetivo pode ser resumido em três frases: *aceitar a Jesus; crescer em Jesus; servir a Jesus.*

D. O tríplice alvo da Escola Dominical que acabamos de expor, pode ser plenamente atingido, pois trata-se do trabalho do Senhor Jesus. O que se requer é obreiros cheios do Espírito Santo e de fé na Palavra de Deus, e treinados para o desempenho de tão elevado ministério. O mandamento divino é que falemos a Palavra (2 Tm 4.2). Sabemos que ela é poderosa tanto para operar na esfera da mente, como no coração das criancinhas, adultos e encanecidos.

E. O alvo da Escola Dominical é nobre e elevado em todos os pontos de vista. Ela, na Igreja, cuida das vidas em formação, seja no sentido social ou espiritual. Coopera eficazmente com o lar na formação moral de crianças e adolescentes, instilando neles os hábitos, ideiais e princípios cristãos segundo as Santas Escrituras. Nela, também os adultos vão encontrar horas de prazer no estudo bíblico. Mas para que a

Escola Dominical alcance seu objetivo, ela precisa empregar meios e métodos eficazes, sem jamais afastar-se duma esfera genuinamente espiritual.

F. As Assembléias de Deus no Brasil, sendo, como é sabido, o maior movimento pentecostal em todo o mundo, não tem explorado todo o terreno ou potencial da Escola Dominical, nem lançado mão de todos os seus recursos. O descuido nessa parte reflete diretamente nas crianças de hoje e nos jovens de amanhã. A orientação e formação de professores, especialmente no setor infantil é uma premente necessidade. No descuido quanto ao ensino bíblico, os mais prejudicados são as crianças. Conforme 2 Reis 4.38-41, podemos pagar muito caro por uma só ignorância espiritual, se assim aplicarmos aquele incidente. Nossas crianças levam em média 700 horas anuais na escola de instrução secular, preparando-se para uma vida terrena tão curta. Não podem elas passar pelo menos 52 horas na Escola Dominical, preparando-se para a outra vida, que é eterna? Um aluno que sempre freqüentou a Escola Dominical, aos 18 anos terá tido umas 936 horas/aula. No mesmo período, numa escola secular, ele terá cerca de 8.000 horas/aula.

G. Fiquemos certos que o Diabo não dorme quando os trabalhadores cruzam os braços (Mt 13.25). Uma sua atividade predileta é a de roubar a Palavra de Deus. E isto ele faz de muitas maneiras, até nos púlpitos onde muitas vezes o tempo que seria da Palavra de Deus é desperdiçado com coisas vãs, sem qualquer edificação (Lc 8.12). De nossas observações através do vasto Brasil, verificamos que inúmeras escolas são dirigidas sem muita ou nenhuma preocupação de alvo definido, como acabamos de esboçar.

H. Está sua Escola Dominical atingindo em cheio o alvo que lhe está proposto? Se não, ore, aja, coopere! Faça alguma coisa *agora* neste sentido!

É tempo de explorarmos o ilimitado potencial latente no vasto campo da Escola Dominical entre nós!

I. O tríplice alvo da Escola Dominical pode ser plenamente atingido, pois a obra pertence a Deus, pela qual Ele vela com insondável amor. O que se requer é obreiros cheios do Espírito Santo e de fé na Palavra de Deus, e treinados para o desempenho de tão elevado mister, como já dissemos.

J. Pelo testemunho da História, por seus objetivos e pelos frutos alcançados, a Escola Dominical é a melhor escola do mundo. Eis o porque dessa primazia:

- *Seu livro-texto* é o melhor do mundo: a Palavra de Deus, o mapa que nos guia ao céu.
- *Seu supremo dirigente* é o Deus vivo, Todo-Poderoso e amoroso, que criou os mundos.
- *Seu alcance* é o mais vasto do mundo: vai do bebê ao ancião mais idoso.
- *Seus alunos* são o melhor povo do mundo: os que conhecem e amam a Deus e sua Palavra.
- *Seus resultados* são os melhores do mundo, porque são infalíveis, materiais, espirituais e eternos.

Questionário

1. Cite o tríplice alvo da Escola Dominical.
2. Cite o meio certo de levar almas a Cristo.
3. De que depende o desenvolvimento da espiritualidade e do caráter cristão do novo convertido?
4. Em que resulta a correta formação de hábitos cristãos na criança?
5. Cite o lema de uma Escola Dominical completa ou padrão.
6. Cite a colaboração da Escola Dominical para com o lar.
7. Por que o tríplice alvo da Escola Dominical pode ser plenamente atingido?
8. Qual o presente relacionamento do leitor com a Escola Dominical?

9. Que está você fazendo para a promoção da Escola Dominical?
10. Você, pessoalmente ou através de seus filhos, tem sido beneficiado pela Escola Dominical? Se afirmativo, descreva os fatos.
11. Por que a Escola Dominical é a melhor escola do mundo?



UNIDADE III - ESCOLA DOMINICAL

CAPÍTULO III
A Organização e Administração da Escola Dominical

I. A organização na Bíblia 147
II. A organização geral da Escola Dominical 148
III. A diretoria da Escola Dominical 150
IV. O corpo docente da Escola Dominical e a reunião semanal de professores 151
V. O corpo discente da Escola Dominical 152
VI. A matrícula na Escola Dominical 155
VII. A transferência de classe 156
VIII. A secretaria da Escola Dominical 156
IX. A biblioteca da Escola Dominical 157
X. A manutenção da Escola Dominical 158
XI. O programa de trabalho da Escola Dominical 158
XII. Como organizar e instalar uma nova Escola Dominical 158
XIII. A reunião da Escola Dominical 158
XIV. A administração da Escola Dominical 160
XV. A literatura da Escola Dominical 167

Organização é ordem. É método no trabalho, no viver, no agir e em tudo mais. A organização permeia toda a criação de Deus, bem como todas as suas cousas. A desorganização e a desordem destroem a vida de qualquer pessoa, igreja ou organização secular. Por seu turno, o crescimento sem ordem é aparente e infrutífero. Sim, porque toda energia sem controle é prejudicial e perigosa. Pode haver muito esforço e nenhum crescimento real, porque a desorganização aniquila os resultados positivos surgidos.

Uma vez que a ordem permeia o universo de Deus, temos base para crer que o céu é lugar de perfeita ordem. Leis precisas e infalíveis regulam e controlam toda a Natureza, desde o minúsculo átomo até os maiores corpos celestes.

I. Organização na Bíblia

A. Na Igreja. Todos os símbolos bíblicos da Igreja falam de organização, ordem, método. Ela é comparada a:

1. Um templo (1 Co 3.16; Ef 2.21). (Ver o templo de Jerusalém.)

2. Um corpo (1 Co 12.27; Cl 1.24).

3. Uma lavoura (1 Co 3.9).

4. Um edifício (1 Tm 3.15; Hb 3.6; 1 Pe 2.5).

5. Um rebanho (Lc 12.32; 1 Pe 5.2).

6. Um jardim (Ct 4.16).

7. Uma noiva (2 Co 11.2; Ap 22.17).

8. Um castiçal ou candeeiro (Ap 1.20).

Tanto estes, como os demais símbolos da Igreja falam de organização, ordem, método.

B. Em Israel

1. A perfeita ordem das tribos no acampamento, Nm 2.

2. Os detalhes da demarcação de limites das tribos (Js caps. 14-20).

3. O serviço sagrado no templo (1 Cr 15; 16; 23 a 27).

A ordem não impedia a manifestação da glória divina no Santo dos Santos; ao contrário, se as prescrições divinas fos-

sem negligenciadas, o castigo era certo. Lemos em Levítico 1.6,8,12, dos sacrifícios "em ordem" no altar.

C. Quanto ao Senhor Jesus Cristo (Mc cap. 6). Trata-se do milagre da multiplicação dos pães, quando milhares foram alimentados no deserto. Antes de Jesus realizar o milagre, ordenou aos discípulos que fizessem a multidão sentar em grupos de 100 e 50 pessoas. Quando o povo estava em ordem, Jesus então realizou o estupendo milagre, sendo todo o povo alimentado e restando ainda muito alimento. Atualmente, em muitas igrejas o Senhor deixa de operar milagres e alimentar espiritualmente a multidão, devido a irreverência e confusão que derivam da desorganização na reunião. Não é só a desorganização material, mas também a espiritual, transformando o culto num "sacrifício de tolos" (Ec 5.1). Compete aos discípulos cuidar da organização necessária; ver também Lucas 9.14,15.

II. A organização geral da Escola Dominical

Tem forma tríplice. Ela é pessoal, material e funcional.

A. A organização pessoal

1. Dirigentes da Escola Dominical. É a diretoria da Escola, da qual logo falaremos.

2. Professores da Escola Dominical. É o corpo docente da Escola. Têm sobre si a maior responsabilidade, pois lidam diretamente com o aluno e com o ensino.

3. Alunos da Escola Dominical. É o corpo discente da Escola. É a "matéria prima" da mesma. A escola existe para atender as necessidades dos alunos.

B. A organização material

1. O prédio. A Escola Dominical deve funcionar em instalações apropriadas à escola, tendo salas de aula independentes.

Uma das leis do crescimento da Escola Dominical afirma: "A Escola Dominical crescerá enquanto houver espaço para as classes."

2. O mobiliário. Deve ser apropriado aos fins, e, de conformidade com a idade dos alunos.

3. O material didático. Comumente chamado literatura. Abrange as diferentes revistas de aluno e professor, bem como o respectivo material de apoio, obedecendo a um currículo bíblico, de acordo com o agrupamento de idade escolar dos alunos.

Todo o material didático deve ser utilizado de acordo com os métodos de ensino compatíveis a cada agrupamento de idade dos alunos.

C. A organização funcional. Trata do funcionamento da Escola Dominical, visando a consecução de seus objetivos, conforme o exposto no Capítulo II desta Unidade.

Grande responsabilidade têm aqui o pastor da igreja e a diretoria da Escola.

A organização funcional cuida da:

1. Espiritualidade. A vida espiritual compreende o estado da escola quanto à oração, conduta cristã, santificação bíblica, consagração a Deus e predomínio do Espírito Santo.

2. O ensino da Palavra. Estudo e ensino da Palavra, livre de extremismo, modernismo, fanatismo, doutrinas falsas, etc. Aqui, segundo a promessa divina em Isaías 55.11, os frutos com toda certeza surgirão.

3. Eficiência. Aqui, a Escola cuida em prover abundante ensino através de professores idôneos, espirituais, treinados, cheios do Espírito Santo e zelo pela obra de Deus. Não confundir idôneo com idoso.

A eficiência é vista através do crescimento da Escola Dominical, em todos os sentidos.

4. Planejamento. De nada adianta muita organização e preparo, sem a operação do Espírito Santo. Dons naturais, personalidade atraente, eloqüência, boa dicção, cultura erudita e outras boas coisas, podem influenciar temporariamente apenas. Tais coisas jamais serão suficientes em si, mas, podem ser vitalizadas e dinamizadas pela ação poderosa do

Espírito Santo. É aí que está a diferença. É oportuno dizer que o Espírito Santo tem uma afinidade especial com a mente treinada, quando santificada.

III. A diretoria da Escola Dominical

Uma Escola Dominical de grande porte, plenamente desenvolvida, deverá ter uma diretoria assim constituída:

A. Superintendente. Nas escolas filiais é chamado dirigente. Na sede, o superintendente, regra geral, é também o dirigente local.

B. Vice-Superintendente. Nas escolas filiais é chamado vice-dirigente.

C. 1º Secretário. Quando os dois primeiros acima mencionados não comparecem, o 1º secretário assume a direção dos trabalhos, conforme as normas locais.

D. 2º Secretário. Os secretários devem ter auxiliares, dependendo do tamanho e movimento da escola.

E. Tesoureiro. Deve ser pessoa competente e recomendada por todos para tal mister.

F. Bibliotecário. Um bibliotecário competente na sua função é uma bênção para a Escola Dominical. Logo mais falaremos da biblioteca da Escola Dominical.

G. Dirigente Musical. As atividades musicais da escola não são apenas a execução e a regência do canto congregacional, conjunto musical, etc. O dirigente musical trabalha também no setor infantil, no ensino do canto, ressaltando a importância do louvor, ensaiando programas musicais, preparando números especiais a diferentes vozes, ajudando na parte musical do culto infantil, etc.

Uma coisa é certa: havendo holocausto a Deus, haverá também muita música! (2 Cr 29.27).

H. Porteiros e Introdutores. Podem ser os mesmos que já servem à igreja. São muito necessários na Escola Dominical, na orientação geral de alunos e visitantes. Falando de portei-

ros e introdutores ou recepcionistas numa Escola Dominical, lembremo-nos que o povo entra onde é convidado, e fica onde é bem tratado. Ninguém é obrigado a ficar num lugar onde não é bem recebido nem bem tratado. O dirigente da Escola Dominical precisa pensar nisso.

Os membros da diretoria da Escola Dominical são conhecidos como dirigentes da Escola Dominical. Seu número depende do tamanho da escola. Numa escola pequena, um obreiro pode acumular funções. Organização excessiva numa escola pequena é contraproducente; já passa a ser formalidade.

Repetimos: a diretoria da Escola Dominical tem grande responsabilidade. Diz a Palavra: "Não havendo sábia direção o povo cai" (Pv 11.14; Ec 10.16; Rm 12.8).

A diretoria da Escola deve reunir-se uma vez por mês para tratar de assuntos gerais do trabalho e observar o estado geral da Escola. Tal reunião não pode ser casual, nem realizada às pressas, se a Escola Dominical quer de fato ser a escola de instrução bíblica da igreja.

IV. O corpo docente da Escola Dominical e a reunião semanal de professores

A. Outros nomes: Corpo de Professores e Equipe de Professores.

B. Devem atentar solenemente para Provérbios 9.9; Mateus 4.19; 2 Timóteo 2.15; 1 Pedro 3.15. O penúltimo texto deve ser o versículo predileto do professor da Escola Dominical.

C. Em certo sentido, o obreiro de maior responsabilidade e privilégio da Escola Dominical é o professor de classe.

D. Requisitos para o ingresso no Corpo Docente:

1. Ser um crente salvo.

2. Ser membro da igreja.

3. Ter bom testemunho em geral, em toda maneira de viver; tanto diante de Deus, como diante dos homens (At 24.16; 2 Co 8.21; 1 Pe 1.15).

4. Querer servir ao Senhor.

5. Ser aplicado ao estudo da Palavra de Deus, sua história, suas doutrinas e assuntos necessários ao bom desempenho de sua missão de professor da Escola Dominical.

6. É de toda importância que seja batizado com o Espírito Santo e que cultive a vida de plenitude do Espírito.

E. Deve freqüentar as reuniões de estudo para professores.

F. Deve fazer o curso de preparação de professores.

G. A reunião semanal de professores.

1. É uma reunião de todos os professores e dirigentes da Escola Dominical, para estudo em conjunto, da lição e coordenação administrativa da escola em geral. Serve também como meio de estreitar a comunhão fraternal. Essa reunião é vital para a uniformidade do ensino doutrinário.

2. Os melhores dias para a reunião de professores são o sábado à tarde, ou o domingo logo antes da reunião da Escola Dominical.

3. Os professores do setor infantil. Devem ter reunião de estudo da lição à parte, já que os métodos de ensino e condução da aula diferem consideravelmente. Os professores de crianças têm maior responsabilidade. Necessitam de melhor preparo!

V. O corpo discente da Escola Dominical

São os alunos da Escola Dominical organizados em classes e departamentos conforme suas idades, dentro das possibilidades e situações da escola.

A. A importância do aluno. O aluno é o elemento mais importante da Escola Dominical. A Escola existe por causa do aluno. É a escola que adapta-se ao aluno, e não o aluno à escola, como é tão comum. Dentre os alunos, as crianças são o campo mais fértil, mais promissor e de maior responsabilidade.

B. O agrupamento de alunos por idade. O propósito disso é a eficácia do ensino. Numa casa de família, a alimentação varia entre as crianças e os adultos. Na Escola Dominical não pode ser diferente!

Há 8 agrupamentos ou divisões de idades, cujos títulos são:

Até 3 anos de idade	Berçário
4-5 anos de idade	Jardim de Infância
6-8 anos de idade	Primários
9-11 anos de idade	Juniores
12-14 anos de idade	Intermediários
15-17 anos de idade	Secundários
18-24 anos de idade	Jovens
25... anos de idade	Adultos

C. Organização da classe

1. Quanto à direção

a. O Professor. Nas classes até 12 anos, os melhores professores são geralmente moças e senhoras. A fala, o afeto, a expressão facial, os gestos, a dramatização, influem muito aqui. Nas classes de 12 anos para cima, o ideal é que o professor seja do mesmo sexo que os alunos. Há assuntos específicos que somente assim serão convenientemente tratados.

b. Suplente. É o professor substituto da classe.

c. Secretário. Cuida de apontamentos da classe, conforme os formulários ou impressos adotados pela escola.

Mais adiante trataremos desses três cargos com mais vagar.

2. Quanto à matrícula

a. Até a classe de Intermediários: 15 alunos matriculados por classe.

b. Da classe de Secundários em diante: até 30 alunos por classe.

Acima disso deve ser evitado. O ideal é 25 alunos matriculados. Nas escolas públicas há classes grandes, mas ali visa-se mais o intelecto; aqui, o coração.

c. Para efeito de ensino, a classe quanto menor, melhor. Jesus dirigiu seu maior estudo bíblico para apenas dois alunos (Lc 24.27).

d. Carência de professores provoca excesso de matriculados nas classes. Carência de espaço conduz ao mesmo problema.

3. *As classes devem ter números* em vez de nomes. Em escola com elevado número de classes, nomes dificultam o trabalho do secretário, bem como o do tesoureiro.

4. *A Escola deve* ter classes para novos convertidos, recém-casados, e igualmente para obreiros.

5. *Cada classe deve* ter sua própria comissão de visita orientada pelo professor, ou seu substituto.

D. A Organização de Departamentos. Critérios necessários:

1. *Muitas classes* do mesmo grupo de idade.

2. *Instalações apropriadas* para todos os departamentos que forem organizados.

3. *Corpo docente* suficiente para as necessidades.

Lista de departamentos que uma escola pode ter. (9 ao todo):

Departamento do Berço ..... Até 3 anos de idade
Depart. do Jardim de Infância ..... 4-5 anos de idade
Departamento Primário ..... 6-8 anos de idade
Departamento de Juniores ..... 9-11 anos de idade
Departamento Intermediário ..... 12-14 anos de idade
Departamento Secundário ..... 15-17 anos de idade
Departamento de Jovens ..... 18-24 anos de idade
Departamento de Adultos ..... 25 anos para cima
Departamento do Lar e Extensão..... qualquer idade*

No setor de Extensão, o campo é vasto, como: hospitais, prisões, reformatórios, internatos, orfanatos, grupos de estrangeiros, militares sob restrição, etc. Tudo isso pode ser alcançado por visitas, correio ou telefone.

O primeiro departamento a ser organizado deve ser o infantil.

A direção do departamento:

- Um diretor
- Um secretário
- Um ou mais auxiliares, conforme a extensão do departamento.

* *(Alunos de qualquer idade que querem pertencer à Escola Dominical, mas que só podem freqüentar suas reuniões irregularmente, ou então nunca podem, por motivos imperiosos.)*

O quadro abaixo dá o critério básico para a organização da escola em departamentos, havendo condições pessoais e materiais.

Alunos	Departamentos	Idades
Até 25	*Dois* Dep. Infantil Dep. de Jovens e Adultos	 Até 11 anos 12 anos para cima
Até 100	*Três* Dep. Infantil Dep. de Intermediários Dep. de Jovens e Adultos	 Até 11 anos 12 a14 anos 15 anos para cima
Até 200	*Quatro* Dep. Infantil Dep. de Intermediários Dep. de Jovens Dep. de Adultos	 Até 8 anos 9 a 14 anos 15 a 24 anos 25 anos para cima
Acima de 200	Todos os departamentos	

VI. A matrícula na Escola Dominical

A. Encarregado

- Em escolas pequenas: o secretário.
- Em escolas grandes: o secretário dispõe de dois auxiliares; um deles é o encarregado da matrícula.
- O professor ou o secretário da classe; depende do sistema adotado pela escola.

B. Providência inicial da matrícula. O preenchimento do impresso "ED-1" (Ficha de Matrícula, pág. 245).

Finalidade do ED-1

1. Matrícula

2. Transferência de alunos

3. Atualização do rol da classe e da escola

4. Fichário da escola

C. Âmbito da matrícula. Todas as idades; do bebê ao ancião.

D. Candidatos à matrícula. Crentes e descrentes.

Professores não são matriculados na caderneta de chamada. Constam do Livro de Matrícula e Fichário de Dirigentes e Professores.

VII. Transferência de classe

A. Que é. É a passagem do aluno de uma classe para outra até os 25 anos.

B. Quando ocorre. Quando o aluno atinge o limite de permanência em sua classe. Após os 25 anos, transfere-se o aluno a pedido..

C. Época de transferência. Mês de janeiro de cada ano.

D. Impresso usado para efetuar a transferência. A Ficha de Matrícula do aluno existente no fichário da escola (o verso da ficha).

VIII. A secretaria da Escola Dominical

A secretaria devidamente funcionando, mostra através de seus dados o estado da escola. É como um termômetro, mostrando a temperatura do ambiente.

Anotações, registros e lançamentos nesse campo têm base bíblica (Sl 56.8; Ml 3.16; Lc 12.7; 2 Co 5.9,10; Ap 5.8; 20.12).

Os dados estatísticos e relatórios preparados pela secretaria mostram à direção da escola:

- O professor certo na classe certa.
- A condição atual da escola.
- As necessidades e possibilidades futuras.
- Servem de base para uma análise geral.

A. A sala da secretaria. A secretaria deve funcionar em sala a isso destinada.

B. Ocupantes da sala:

- O dirigente da escola. Aqui fica sua mesa de trabalho, facilitando deste modo o contato e coordenação com os demais oficiais da escola.
- 1º e 2º secretários e auxiliares da secretaria.

C. Atribuições da secretaria:

1. Matrícula

2. Fichário e arquivo

3. Relatório

4. Testes, concursos e pesquisas bíblicas para alunos

D. Aparelhamento da secretaria:

1. Móveis e equipamento de escritório.

2. Material de escrituração da Escola Dominical.

3. Livros (quando a escola não dispuser de biblioteca).

• Livros de consulta e referência para professor e aluno.

• Livros para programas festivos, e preparo de culto infantil na escola (hinos musicados, poesias, corinhos, trabalhos).

4. Fichário da Escola Dominical

Mantê-lo atualizado o ano inteiro, o que requer atenção constante. As fichas são os cartões de matrícula. Tem duas seções: ATIVO e INATIVO. A primeira, para todos que freqüentam efetivamente a escola; a segunda, para adultos que deixaram a mesma. A seção do ATIVO leva índice alfabético, e seus cartões entram em ordem alfabética rigorosa. Os do INATIVO também em ordem alfabética.

IX. A biblioteca da Escola Dominical

A. Material. Uma biblioteca pode conter livros, revistas, jornais, folhetos, recortes, artigos, gravuras, slaides, transparências, quadros murais, etc.

B. Todo acervo deve ser catalogado por um sistema eficiente (como o Decimal de Dewey), para pronta consulta e serviço de circulação, sem perigo de extravio de livros.

C. Serviços que pode prestar

• Formação, informação e ampliação cultural de professores e alunos.

• Serviço de circulação de livros.

• Guarda e conservação do material didático da escola.

X. A manutenção da Escola Dominical

É provida pela tesouraria da igreja, uma vez que toda a receita da escola é encaminhada à tesouraria. Em certas igrejas, a escola encaminha à tesouraria apenas o saldo da receita, após a quitação de suas despesas; depende do sistema administrativo local.

XI. O programa de trabalho da Escola Dominical

A Escola Dominical deve, no princípio do ano, elaborar um calendário de atividades para a ano inteiro, contendo o programa de trabalho ou plano de ação, constando nele os alvos ou metas a atingir com a ajuda de Deus. Agir sem plano é agir sem ordem, às cegas.

XII. Como organizar e instalar uma nova Escola Dominical

A. Fixar a data com bastante antecedência para obter o maior ajuntamento possível de pessoas interessadas.

B. Ter à mão o material indispensável: Ficha de Matrícula, Caderneta de Classe, Mapa da Escola, Livro de Relatórios Dominicais, Ficha de Obreiros da Escola Dominical, pastas para os impressos utilizados pela secretaria, lápis, papel, revista da Escola Dominical, etc.

C. Escolha e aprovação dos obreiros da escola.

D. Matrícula geral dos alunos e organização das classes.

E. Instalação da Escola com oração, invocando as bênçãos de Deus.

XIII. A reunião da Escola Dominical

A. É uma reunião de culto para estudo da Palavra de Deus.

B. Horário. O matutino é o melhor. Tudo porém depende do local, conveniências do trabalho e circunstâncias.

C. Preparativos. Arrumação do local, limpeza, iluminação, ventilação, som, material de ensino, escolha de hinos, tudo deve estar pronto antes do início da reunião. Tomada de providências em cima da hora, indica desorganização e falta de planejamento.

D. Pontualidade

• *Pontualidade dos obreiros da escola e alunos.* O obreiro da Escola Dominical que chega sempre atrasado não serve para continuar à frente de sua função. É melhor dar o lugar para outro que possa ser pontual. Para nós, queremos tudo na hora. Pode ser diferente para com o nosso Salvador e Senhor?

• *Pontualidade nos horários.* A reunião da Escola Dominical deve começar e terminar na hora prevista, senão toda a escola sofrerá. Sim, porque as fases da reunião não terão a duração habitual e os professores não terão tempo para apresentar a lição. Desse modo, o ensino da Palavra será prejudicado. Por exemplo, o estudo da lição (que é uma das fases da reunião) deve ter sempre 50 minutos de duração, o normal de uma aula qualquer.

E. Programa de uma reunião da Escola Dominical, supondo-se que a mesma comece às 09:30 horas. Se o horário for outro, basta fazer a adaptação paralela.

09:30 – Início da reunião. Dois hinos de louvor a Deus é o ideal.

09:40 – Leitura da lição. Uma vez que se trata da parte devocional introdutória da reunião, a leitura bíblica deve ser a da revista de adultos. Deve ser leitura alternada, para partipação geral dos que puderem acompanhar, lendo-a na revista ou na Bíblia.

09:50 – Estudo da lição. As classes seguem para seus locais de reunião e, após os necessários apontamentos dos alunos, o professor inicia o estudo da lição. Nas classes infantis, uma combinação de métodos de ensino tomará os 50 minutos sem problemas de cansaço e desinteresse.

10:35 – 1º sinal para o encerramento do estudo da lição em sala.

10:45 – 2º sinal para o encerramento do estudo da lição em sala.

Imediatamente, todas as classes reúnem-se no templo para a fase final de encerramento da reunião.

10:50 – Recitação do assunto da lição e texto áureo, por classes ou departamentos.

11:00 – Leitura do relatório dominical. Início do culto infantil no local a isso destinado. É dirigido cada domingo por

uma professora de crianças, com a cooperação das demais professoras de crianças e de um dos dirigentes da Escola Dominical.

11:05 – Um hino pela Escola ou orgão musical, etc. Em seguida o pastor, o superintendente, ou um irmão convidado, fará o resumo da lição, concluindo com um convite aos pecadores.

11:25 – Encerramento da reunião. Anúncios, agradecimentos e oração final de encerramento. O culto infantil estará terminando nesse mesmo horário.

Nota-se que o estudo da lição toma 55 minutos (09:50 às 10:45.) Os 5 minutos a mais são para compensar o tempo gasto com apontamentos, anúncios à classe, entrega de trabalhos e tarefas aos alunos, etc.

XIV. A administração da Escola Dominical

A. O pastor da igreja

- É o primeiro obreiro da Escola Dominical pela natureza do seu cargo. É ele o real dirigente da Escola Dominical.
- É o principal responsável pela Escola Dominical mediante sua atenção e ação.
- Sua simples presença na Escola Dominical é um prestígio para a mesma.
- Deve, sempre que puder, dirigir o estudo para professores da Escola Dominical.
- Deve, sempre que puder, dirigir classes da escola (não uma classe fixa) a fim de ter contato com os alunos — suas ovelhas.

B. O dirigente da Escola Dominical

1. Deveres gerais

a. Que seja um homem da Bíblia; que conheça bem a Bíblia.

b. Conhecer bem o trabalho em geral da Escola Dominical e todo seu esquema de funcionamento.

c. Orientar sempre os secretários e professores em tudo que for preciso.

d. Zelar pela boa e sadia doutrina segundo a Palavra de Deus.

e. Promover entre os professores a divulgação e leitura de obras de consulta e referência sobre o trabalho deles.

f. Fazer sempre anúncios e comunicações em benefício da escola.

g. Ter sempre em mente que organização e preparo sem a direção e operação do Espírito Santo é fracasso na certa.

h. Providenciar o material necessário a professores e alunos para o funcionamento geral da escola.

i. Procurar manter completa a direção da Escola, a qual é composta conforme já foi exposto.

j. Procurar manter completo o quadro de professores, tendo cada classe professor, suplente e secretário, e ainda bom número de professores de reserva para as emergências e imprevistos.

k. Antes de indicar um irmão para matrícula no Corpo de Professores, verificar primeiro se o mesmo é membro da igreja, se é fiel, dedicado, humilde, obediente, estudioso da Palavra, desejoso de trabalhar para o Senhor, que goste de orar, seja despretencioso, disciplinado, ordeiro, capaz de trabalhar em grupo, e que se tiver que discordar saiba fazê-lo dentro da ética, sem ofender e indispor seus pares.

l. Dirigir as reuniões de estudo bíblico para professores, não significando isso, que tenha que dirigir o próprio estudo bíblico. O pastor pode dirigir o estudo, ou outro obreiro da Igreja, conforme for estabelecido. Depende do que for combinado com o pastor.

m. O dirigente deverá sempre ver quanto a Escola Dominical:

- *Seu rumo:* Para onde está indo a escola?
- *Sua promoção:* Que está sendo feito para promover a escola?
- *Sua avaliação:* Estão os professores nas classes certas e funcionando a contento?
- *Sua motivação:* Que está sendo feito para manter o princípio da variedade, evitando a rotina fixa?

2. Deveres semanais do dirigente da Escola Dominical

Deveres aos domingos:

a. Chegar cedo. Verificar a arrumação da escola. Nada feito na última hora.

b. Dirigir a reunião da Escola Dominical segundo as diretivas traçadas pelo pastor.

c. Divulgar e promover a venda de revistas da Escola Dominical.

d. Providenciar visitas para professores enfermos, etc.

3. Deveres trimestrais do dirigente da Escola Dominical:

a. A matrícula trimestral; lembrar ao secretário no fim do trimestre.

b. Ao iniciar o último trimestre do ano, providenciar o material escolar (formulários e livros) para o funcionamento da escola no ano seguinte.

4. Deveres anuais do dirigente da Escola Dominical:

a. Comemoração de datas festivas

Dependerá de resolução e orientação pastoral.

Algumas datas festivas:

- Dia Nacional da Escola Dominical (3º dom. de setembro)
- Dia Mundial da Escola Dominical (1º dom. de novembro)
- Dia da Bíblia (2º dom. de dezembro)
- Dia de Natal (25 de dezembro)
- Dia Nacional de Missões (2º domingo de agosto.)

Os assuntos apresentados nessas datas, deverão ser de acordo com o tema comemorado no dia.

b. Visita a cada escola filial, no mínimo uma vez por semestre.

c. Ao aproximar-se o fim do ano, cuidar junto ao secretário, do preparo dos relatórios e eventos de fim de ano.

C. O secretário da Escola Dominical

1. Deveres gerais do secretário da Escola Dominical:

a. Conhecer e saber executar todos os trabalhos pertinentes à secretaria da Escola Dominical, bem como orientar seus auxiliares no trabalho que tenham a fazer.

b. Providenciar anúncios a tempo. O dirigente pode esquecer ou estar muito ocupado.

c. Providenciar para que haja sempre na secretaria da escola o material necessário ao bom funcionamento da mesma. Isto inclui formulários, livros e material auxiliar de ensino.

Auxiliares do secretário. Nas escolas grandes, o secretário deve ter auxiliares para cuidarem da matrícula, fichário, transferência de classe, arrumação de salas, venda de revistas, distribuição de material a professores, etc.

2. Deveres semanais do secretário da Escola Dominical:

a. Deveres aos domingos:

(1) Chegar cedo e verificar a arrumação da escola.

(2) Ter prontas para distribuição, as cadernetas de chamada ou outro sistema de frequência adotado.

(3) Preparar o relatório dominical com todo esmero, para lê-lo ao ser convidado. Em escolas com mais de 15 classes, o secretário precisará de auxiliares para poder apresentar o relatório na hora precisa, ou preencher o quadro do relatório.

b. Deveres no restante da semana:

(1) Manter o fichário atualizado.

(2) Matricular os novos alunos cujos cartões de matrícula chegaram à secretaria da escola no último domingo.

Após a matrícula na caderneta, o cartão vai para a seção ATIVO do fichário. Se o aluno tem menos de 18 anos, lançar no verso do cartão, por antecipação, o mês e o ano das futuras transferências de classe, obedecendo aos limites de permanência nas classes, conforme o grupo de idade.

3. Deveres trimestrais do secretário da Escola Dominical. Na primeira semana de cada trimestre, preparar o movimento do trimestre que findou.

4. Deveres anuais do secretário da Escola Dominical. Início do ano.

a. Preparar relatórios do ano inteiro.

b. Transferência de alunos. Primeira semana de janeiro. As idades, para fins de matrícula e limite de permanência na classe, acham-se na primeira parte desta unidade.

c. Auxiliar na promoção da campanha de leitura anual da Bíblia.

d. Arquivar o material usado no ano anterior.

D. O professor da Escola Dominical

1. O ingresso do professor no trabalho da Escola Dominical. Para o ingresso no trabalho da Escola Dominical, o professor deve ser acima de tudo, uma pessoa salva de modo completo, membro da igreja, de vida cristã correta e sã na fé.

2. A posição espiritual do professor:

- É posição de honra (Gl 1.15; 1 Tm 1.12).
- É posição de responsabilidade (Ez 33.8,9).

3. O ministério de ensino do professor

a. Por que ensinas?

- Por amor a Deus
- Por gratidão a Deus
- Porque o Senhor ordenou (Mt 28.19,20).

b. Qual o teu propósito no ensino?

- Ganhar almas para Jesus
- Desenvolver a espiritualidade dos alunos
- Treinar os alunos para o serviço do Mestre

c. O que ensinarás?

- A Bíblia (Mt 28.20)

d. A quem ensinarás?

- Homens, mulheres, crianças (Dt 31,12).

e. Como ensinarás?

- Conhecendo a Cristo como Salvador e Rei.
- Conhecendo a Bíblia (2 Tm 2.15). Ainda não vi um obreiro de destaque, de projeção, de ministério abundante, de frutos permanentes, que não fosse um apaixonado e contínuo estudante da Palavra! Este conhecimento da Bíblia terá que ser sistemático, organizado.
- Conhecendo matérias auxiliares e afins.
- Conhecendo o aluno, isto é, a psicologia de cada grupo de idade.
- Conhecendo pedagogia. O alimento em casa difere com a idade; no ensino bíblico também.

4. Os requisitos do professor

a. Preparo. O professor deve ter preparo.

• Espiritual (Ed 7.10; 1 Pe 3.15). É ser cheio, controlado e movido pelo Espírito Santo (1 Co 2.15; Gl 6.1). Não é ter fogo de labareda, mas do tipo brasa.

• Intelectual (cultura geral)

• Social (apresentação pessoal)

• Físico (estado saudável)

Homens a quem Deus tem usado, passaram todos por uma fase de preparo. Exemplos:

• Moisés preparou-se 40 anos.

• Paulo esteve 3 anos na Arábia.

• Daniel e seus companheiros, mesmo para servirem numa corte secular, tiveram seu preparo. O professor precisa saber o que vai fazer. Jesus sabia "o que ia fazer" (Jo 6.6). Um aluno que quer de fato aprender, não terá desejo de voltar a uma classe para ouvir um professor dizer aquilo que ele já sabe, ou que pode aprender sozinho.

Conclusão. O professor para ter êxito e manter-se eficiente precisa:

• Ser espiritual, isto é, ser cheio do Espírito.

• Ter preparo. Preparo para ensinar.

• Estar equipado com literatura apropriada.

• Dispor de ambiente físico apropriado à condução das aulas.

b. Fidelidade no dever. Ser disciplinado.

• Isto é, cumprimento de seus deveres como professor (Sl 101.6; 1 Co 4.2). Não é somente ser fiel, mas disciplinado.

c. Paciência

• É o mesmo que *longanimidade.*

• É fruto do Espírito Santo (Gl 5.22; 1 Ts 5.14).

• O nosso Deus é o "Deus de paciência" (Rm 15.5).

• É preciso muita paciência, especialmente nas classes infantis, de adolescentes e de irmãos idosos.

d. Amor e dedicação

• É o serviço da melhor maneira (Ec 9.10).

• É o zelo no trabalho; zelo com entendimento (Rm 10.2).
• Há uma maldição nesse sentido (Jr 48.10 - ARA).

e. Pontualidade

• É chegar na hora, começar na hora, terminar na hora.
• Jesus andava sempre na hora (Jo 2.4). Quem não pode ser fiel nesta parte é melhor dar o lugar para outro que possa ser. O professor que chega sempre atrasado à Escola Dominical perde a paz, perde o controle, e perde a autoridade.
• Quanto a terminar na hora, há irmãos que não ligam para isso e ainda acham que todo mundo está gostando quando passam da hora.

5. As responsabilidades do professor

a. Responsabilidade para com Deus. Deus o pôs no seu trabalho! (Lc 19.13,15; 1 Tm 1.12).

b. Responsabilidade para com a igreja. Orientar cada aluno a ser um abnegado colaborador da igreja, em tudo: tempo, talentos, finanças (Ef 4.12).

c. Responsabilidade para com a Escola Dominical. Conhecer a organização e funcionamento da sua escola.

Trabalhar em harmonia e cooperação com os demais obreiros (Rm 12.10; Fp 2.3,25).

d. Responsabilidade para com a classe.

• Promover a edificação e crescimento da classe. Há por aí professor "matador de classe".
• Visitar os alunos. Cada classe deve ter sua própria comissão de visitas.
• Orar pelos alunos individualmente.
• Buscar diante de Deus a conversão e edificação espiritual de cada aluno.

E. O preparo e apresentação da lição. É parte dos deveres semanais do professor.

Este assunto é estudado na Unidade IV (Pedagogia), a saber:

• Material para o preparo da lição
• Etapas no preparo da lição
• A apresentação da lição

1. Durante a semana prepare a lição, estudando-a com oração e dedicação, pedindo a Deus que o guie pelo seu Espírito. O trabalho do Senhor merece a nossa maior abnegação e esforço.

2. Aos domingos procure chegar pelo menos 10 minutos antes do início da escola. Freqüente a reunião semanal de estudo bíblico para professores da Escola Dominical.

3. Sabendo que não vai estar presente certo domingo, avise com antecedência ao seu substituto; avise também ao superintendente da escola.

4. O objetivo da Escola Dominical é o ensino da Palavra de Deus; não gaste pois o tempo com coisas que não edificam. Vá para diante da classe senhor do assunto a ser estudado. O êxito do professor depende mais de consagração e preparo.

5. Mostre interesse por cada aluno da classe. Ore por eles. Visite-os, especialmente quando enfermos ou faltando às reuniões. Dê um bem-vindo aos visitantes, convidando-os a se matricular ou a voltar sempre. Na classe sempre há pessoas não salvas; convide estas para aceitar o Senhor Jesus como seu Salvador.

6. Cada domingo faça os apontamentos com muito cuidado para que os relatórios sejam fidedignos.

XV. A literatura da Escola Dominical

Deve ser apropriada, isto é, revistas, livros e material complementar para cada agrupamento de idade; literatura essa, tanto para o aluno como para o professor. Se nossa missão consiste em evangelizar e ensinar, a literatura como meio de comunicar a verdade divina, é ferramenta de primeira classe.

A literatura infantil requer maior cuidado e melhor preparação. É a mais difícil de elaborar, dada a variedade de métodos e a matéria artística.

A. Literatura do aluno

• *Deve ser graduada*: assuntos bíblicos e material didático específico para cada agrupamento de idade.

• *Requer especialistas* em pedagogia aplicada na igreja. Noutras palavras: em Educação Religiosa. Enquanto houver alunos de diferentes idades em nosso meio (e sempre haverá), haverá necessidade de material apropriado para essas idades.

B. Literatura para o professor

• A específica da Escola Dominical, para o preparo da lição e o exercício do seu ministério.

C. Literatura subsidiária

• É evidente que todo obreiro da Escola Dominical deve ter suas boas fontes de consulta.

• Literatura subsidiária para obreiros e alunos, tanto devocional como para estudo, produzida pela denominação, ou de outra procedência — mas, ortodoxa, biblicamente falando.

(Quanto a currículo da Escola Dominical, ver a Unidade IV — Pedagogia.)

Questionário

1. Cite alguns resultados negativos da desordem e desorganização.
2. A Bíblia trata de organização. Cite exemplos disso — na Igreja de Deus, em Israel como povo de Deus, e referente ao ministério do Senhor Jesus.
3. Dê a tríplice organização da Escola Dominical.
4. Na Escola Dominical, de que consta a organização pessoal, material e funcional?
5. Enumere os componentes da diretoria de uma Escola Dominical devidamente organizada.
6. Dê alguns requisitos para o ingresso de candidatos no corpo docente da Escola Dominical.
7. Dê o agrupamento de alunos, por idade, na Escola Dominical.
8. Mostre o valor de uma biblioteca apropriada, na Escola

Dominical.

9. Cite as providências para organizar e instalar uma nova Escola Dominical.
10. Quanto ao professor da Escola Dominical:
    - Qual sua posição espiritual?
    - Por que deve ensinar?
    - Qual deve ser seu propósito no ensino?
    - Que matéria ensinará?
    - Como estará preparado para ensinar?
11. Além do preparo da lição, cite outros deveres semanais do professor.
12. Por que deve ser levada tão a sério a pontualidade nos horários da Escola Dominical?
13. Tendo em vista o aluno e o professor, como deve ser a literatura da Escola Dominical.
14. Dê certas particularidades da literatura do aluno e do professor.
15. Como deve ser a literatura subsidiária para obreiros e alunos?



UNIDADE III - A ESCOLA DOMINICAL

CAPÍTULO IV

A Promoção e Possibilidades da Escola Dominical

I. Como melhorar sua Escola Dominical 171
II. A Escola Dominical e o Lar 174
III. A Escola Dominical padrão 174
IV. O desafio que cabe à Escola Dominical 176

I. Como melhorar sua Escola Dominical

- Querer melhorar. Decididamente.
- Poder melhorar. Ter possibilidades.
- Saber melhorar. Saber como proceder.
- Nós mesmos melhorarmos individualmente. A escola somos nós!

A. Obreiros Espirituais e Preparados. Isto é, obreiros que de fato:

1. Conheçam a Deus como Salvador e Senhor (Os 6.3; 2 Pe 3.18).

2. Conheçam a Bíblia (o livro-texto da matéria da Escola Dominical).

3. Conheçam pedagogia (métodos, princípios e leis do ensino e da aprendizagem).

4. Conheçam o aluno

a. Conheçam o aluno pessoalmente.

b. Conheçam o aluno psicologicamente. Isto é, conhecer o aluno interiormente, sua natureza. Jesus conhecia seus alunos (Jo 1.48; 21.15).

B. Currículo devidamente dosado. Tal currículo incluirá:

1. A Bíblia (sua história, estrutura e mensagem).

2. Doutrinas fundamentais (inclusive as da salvação).

3. A vida de Cristo.

4. A vida cristã.

5. A Igreja (fundação, missão e futuro).

6. O lar.

7. Homens e mulheres da Bíblia

C. Literatura bíblica ortodoxa

1. *Lições bíblicas graduadas* (para todos os níveis — professor e aluno).

2. *Publicações de apoio* ao programa de ensino da Escola Dominical (boletins, periódicos, livros).

D. Instalações e equipamentos apropriados

- Prédio
- Salas de aula
- Equipamento escolar

Uma das leis do crescimento da Escola Dominical diz, "A Escola Dominical crescerá enquanto houver espaço para isso."

E. Campanha vigorosa de promoção e expansão

Mediante:

1. Oração contínua, intercessória.

2. Divulgação diversa.

3. Convites. Contatos. Uso do correio. Há na Inglaterra uma Escola Dominical que funciona pelo correio.

4. Visitas pessoais. Jesus visitava os alunos faltosos (Jo 9.35).

5. Reuniões especiais.

6. Atividades e aconselhamento pró-Escola Dominical em cultos ao ar livre e campanhas evangelísticas. Classes para novos convertidos.

7. Escola Bíblica de Férias

F. Atualização e melhoramento dos professores e demais obreiros

1. Cursos específicos de curta duração (de atualização e aperfeiçoamento)

2. Congressos (assembléia de delegados representantes)

3. Confraternizações, encontros (oração, comunhão, estudos).

4. Seminários (promoção cultural e científica).

G. Classe de treinamento e atualização de professores.

Manter sempre uma classe de treinamento e atualização de professores. Não confundir com a habitual reunião semanal de professores para estudo da lição dominical.

Assuntos para essa classe:

- Teologia Sistemática
- Introdução Bíblica
- História Eclesiástica

- Português Prático
- Pedagogia Bíblica
- Evidências Cristãs
- Geografia Bíblica
- Usos e Costumes dos Povos Bíblicos
- Missões

H. Apoio do pastor, diretoria, e ministério da igreja. Inclusive a Escola Dominical deve ter uma classe dominical somente para obreiros. Isso é possível em igrejas grandes.

I. Reuniões periódicas de obreiros da escola

1. Finalidade

a. Oração e confraternização

b. Estudos bíblicos e afins

c. Assuntos administrativos da escola. Base bíblica para reuniões de negócios, planejamento e similares (Pv 11.14; 15.22; 24.6).

2. Ocasião

Pode ser:

a. Semanal (para professores)

b. Mensal (para a diretoria da escola)

c. Trimestral (geral – para todos os obreiros do campo)

J. Concursos, testes, competições, exposições e comemoração de datas.

- *Concursos* periódicos e trabalhos para a promoção da cultura bíblica, bem como excursões educacionais para contato com a natureza, ou a locais de coleções de objetos das terras bíblicas.
- *Testes* (periódicos, semanais, etc.)
- *Exposições* (periódicas)
- *Comemoração* de datas (cívicas e religiosas, locais e gerais). Na comemoração de datas, os assuntos do programa deverão ser alusivos à respectiva data. Comemorar uma data com um programa divergente é uma inutilidade.

Aí estão dez meios a serem considerados para o melhoramento da Escola Dominical, que pode ser a sua Escola Dominical!

II. A Escola Dominical e o Lar

A Escola Dominical não é um substituto do lar, nem pode o professor substituir os pais, quer no ensino das verdades bíblicas, quer na formação geral dos filhos.

Deixar a instrução religiosa dos filhos somente a cargo da igreja, seria comprometedor para eles. São os pais os primeiros e os últimos professores no lar (Êx 12.26,27; Dt 11.18,19; Js 4.6,7,21,22).

O lar deve prestar à Escola Dominical a mais leal cooperação. Para isso, os pais devem:

- Falar sempre da Escola Dominical em casa.
- Ser assíduos e pontuais na escola.
- Tudo fazer para que os filhos assistam à escola com regularidade.
- Ajudar os filhos no preparo dos trabalhos escolares.
- Orar pela Escola Dominical.

III. A Escola Dominical Padrão (Fp 3.13,14)

Toda igreja evangélica necessita de uma Escola Dominical para difundir o ensino da Palavra de Deus, de modo contínuo e sistemático, ao alcance de toda a comunidade evangélica local, desde a criança da mais tenra idade até o ancião.

Esse ensino, é claro, visa de modo especial os novos convertidos e seus familiares. As crianças e adolescentes formam também na frente.

Enquanto ensina, essa escola também prepara crentes maduros para o trabalho do Senhor, bem como quanto a prática da mordomia cristã do tempo, talentos e finanças.

Exerce ainda essa escola papel preponderante no estabelecimento e firmeza do lar cristão. Assim, os crentes em todas as esferas da igreja, ombreados ao pastor, trabalham para dar cumprimento à sua sublime missão e vocação de promover o reino de Deus entre os homens. Deste modo, a todos é facultada a oportunidade de servir ao Senhor com seus talentos.

O estudo que se segue aborda 10 requisitos básicos ou essenciais, de uma Escola Dominical padrão. Todos os aspectos

da Escola Dominical estão compreendidos nesses dez requisitos, os quais, por sua vez, podem ser subdivididos num estudo mais minucioso.

A cada requisito é atribuído um certo número de pontos, que somados, perfazem 100 pontos — total requerido de uma Escola Dominical padrão.

Uma Escola Dominical Padrão

(Os números à direita indicam os pontos atribuídos a cada requisito.)

1. Dirigentes e professores fixos 20

2. Obreiros espirituais, preparados e assíduos 10
- Há reuniões mensais para obreiros?
- Há reuniões periódicas de negócios da escola?
- Os obreiros fazem cursos específicos?

3. Classes e departamentos 10
- O primeiro departamento a ser organizado deve ser o Infantil.

4. Literatura graduada e equipamento escolar 10
- Tem currículo?
- Biblioteca?
- Orientação pedagógica?

5. Secretaria organizada 5
- Sala apropriada
- Pessoal
- Material.

6. Crescimento real da escola 10
- Confronto com o ano anterior
- Novas matrículas
- Novas escolas

7. Mordomia cristã 5
- Do tempo, talentos, finanças
- Manutenção da escola
- Missões

8. Assistência aos cultos 5

• O aluno que freqüenta a Escola Dominical deve frequentar também os outros cultos da igreja.

• O culto enseja comunhão fraternal e serviço.

• A porção da Palavra nos sermões e na música.

9. Programa ativo da escola, de expansão e extensão .. 15

• Departamento do Berço

• Departamento do Lar

• Escolas Filiais

• Escola Bíblica de Férias

10. Evangelização 10

• Prática do apelo

• Campanhas evangelísticas (colaboração, promoção)

• Visitação

• Literatura

• Evangelismo pessoal

Sua Escola Dominical está no enquadramento certo? (100 pontos)

• Está subindo?

• Está descendo?

• Está parada?

IV. O desafio que cabe à Escola Dominical

O desafio e a responsabilidade:

A. Quanto ao lar: pais, crianças, jovens, adultos.

B. Quanto a igreja: o crescimento espiritual de todos. A Escola Dominical precisa crescer. Para isso é preciso que haja visão espiritual e condições em geral.

C. Quanto à nação: cidadãos salvos e de caráter moldado na Palavra de Deus.

D. Quanto ao mundo: os campos brancos das missões no momento atual!

Questionário

1. Como melhorar a Escola Dominical local? Conheça os fatores.
2. Que sabe o leitor do relacionamento entre a Escola Dominical e o lar, e vice-versa?
3. Cite alguns deveres do lar, isto é, dos pais para com a Escola Dominical.
4. Conhece o leitor os requisitos da Escola Dominical padrão, "Nota 10"?
5. Considerando as perguntas 1 a 4 acima, como está a sua Escola Dominical?
6. Cite os quatro desafios afetos à Escola Dominical.



UNIDADE IV
Pedagogia

CAPÍTULO I
O Ensino 181

CAPÍTULO II
O Professor da Escola Dominical 192

CAPÍTULO III
Métodos e Acessórios de Ensino 200

CAPÍTULO IV
O Currículo e o Aproveitamento Escolar 207

UNIDADE IV - PEDAGOGIA

CAPÍTULO I
O Ensino

I. Que é o ensino 182
II. O ensino deve ter objetivos definidos 183
III. Leis do ensino e da aprendizagem 184

Pedagogia é o conjunto sistemático de conhecimentos sobre o processo educativo do indivíduo. É na prática, a ciência e a arte de ensinar e educar. É ciência porque a Pedagogia obedece a leis e princípios técnicos e experimentais. É arte porque suas regras são práticas e exequíveis na execução do processo educacional. A Pedagogia abrange todos os processos e técnicas de ensino e aprendizagem para alcançar o educando, partindo das leis psicológicas que regem o desenvolvimento mental e o comportamento do ser humano desde a infância.

As técnicas que promovem o ensino e a aprendizagem modernizam-se constantemente para atingir o maior número de alunos em menos tempo e do melhor modo possível, pedagogicamente. Essas técnicas atreladas a apropriados recursos educacionais na Pedagogia, podem ser altamente eficazes, sem afetar a vida espiritual do aluno cristão, quando empregadas com sabedoria, adequação, bom-senso, e em seu devido lugar.

I. Que é ensino

No seu exato conceito, ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas, primeiro promover aprendizagem por parte do aluno. Portanto, ensinar não é apenas ler ou falar diante de uma classe, mas primeiro despertar, motivar e interessar a mente do aluno e em seguida dirigi-la no processo do aprendizado. Não pode haver real ensino sem aprendizagem por parte do aluno. O termo "educar" deriva de um outro que significa literalmente "conduzir para fora". É pois privilégio e responsabilidade do professor da Escola Dominical conduzir seus alunos ao encontro das experiências da vida, de tal forma que eles possam viver vitoriosa e sabiamente, diante de Deus, da Igreja e de seus semelhantes.

Se o ensino secular é o meio de que o Governo dispõe para eliminar o analfabetismo, a insipiência e o obscurantismo, a Escola Dominical deve ser o desafio da Igreja contra o nanismo espiritual em seu meio, bem como à incredulidade à sua volta.

II. O ensino deve ter objetivos definidos

Se o caçador atirar a esmo, sem pontaria, nuncar abaterá a caça. De igual modo, se na guerra, o soldado dispara sem direção, estará atraindo o inimigo a si. O objetivo do ensino gira em torno do aluno e suas relações quanto a tudo que é de capital importância na sua vida. Abaixo damos 7 pontos que o ensino bíblico deve visar de modo definido.

A. O aluno e suas relações com Deus (Is 64.8). Deus é nosso Pai celestial (com Quem devemos ter comunhão ininterrupta). É Criador e Preservador (digno de toda adoração). É Sustentador (digno da nossa fé). É Rei e Senhor (digno do nosso melhor serviço).

B. O aluno e suas relações com o Salvador Jesus (Jo 14.6). Jesus é o caminho para Deus, o Pai. É também o nosso Salvador pessoal, e Senhor e centro da nossa vida em geral.

C. O aluno e suas relações com o Espírito Santo (Ef 5.18). O Espírito Santo *convence* (Jo 16.8); *regenera* (Tt 3.5); *santifica* (Rm 8.2); *ensina* (Jo 14.26); *capacita* para vencer (At 1.8); *e guia* (Jo 16.13; Rm 8.14).

D. O aluno e suas relações com a Bíblia (Sl 119.105). Aceitar a Bíblia como a Palavra divinamente inspirada (2 Tm 3.16). É preciso conhecê-la, manejá-la bem, e isso não vem por acaso (Jr 15.16). É preciso amá-la e tê-la como guia prático da vida diária.

E. O aluno e suas relações com a igreja (At 2.44; Ef 4.16). Conhecer o propósito e missão da igreja local. Nossas responsabilidades e deveres para com a obra do Senhor. Trabalhar de coração, em suas atividades. Fomos salvos para servir (1 Pe 2.9). Devemos dar, e não apenas esperar receber da igreja. Compreensão da importância de ser membro da igreja.

F. O aluno e suas relações consigo mesmo (Fp 1.21; 3.13,14). O crente deve avançar para a maturidade espiritual. Compreender que somente submissos a Cristo, podemos vencer nossa natureza pecaminosa, e vivermos a vida vitoriosa. Usar os talentos e habilidades a serviço do Mestre. A responsabilidade que tem um crente (Mt 5.13,14).

G. O aluno e suas relações com os demais alunos e demais pessoas (Mc 12.31). Apreciar a contribuição dos outros e respeitar seus direitos. Cuidar da salvação dos perdidos por todos os meios possíveis. Familiarização e participação na obra missionária nacional e estrangeira. Ser bom e justo. Bom, não significa apenas ter bom coração e concordar com tudo (Sl 25.8). *Nossas responsabilidades como cidadãos.*

Para isso, o currículo deve ter objetivos definidos e de igual modo cada lição dele.

III. Leis do ensino e da aprendizagem

A. Definições e conceitos educacionais

1. Definição de "Leis". Leis são princípios imanentes e imutáveis que regem os atos e comportamento de todas as coisas, inclusive o ser humano. Incluídos aqui, estão o ensino e o aprendizado.

2. Leis do ensino. São leis da teoria e da prática educacional, utilizadas pelo professor, para suscitar no aluno condições ideais para que o mesmo aprenda o que se ensina.

3. Leis da aprendizagem. São os princípios da assimilação e retenção do ensino por parte do aluno. Essas leis funcionam através dos sentidos físicos do ser humano, culminando na mente.

4. O processo da aprendizagem

Aprendizagem, estritamente falando, é a mudança de conduta do educando, pelo conhecimento adquirido, pela prática, e pela experiência resultante do seu aprendizado. Não havendo mudança de comportamento de quem está a aprender, não houve real aprendizagem.

a. Nos sentidos sensoriais. Seqüência do processo da aprendizagem nos sentidos corporais.

- O órgão de determinado sentido é o receptor dos estímulos vindos de fora.
- O nervo desse sentido é o transmissor dos estímulos recebidos.
- O cérebro é o receptor e intérprete dos estímulos.

b. Na mente. Seqüência do processo da aprendizagem na mente.

• Percepção é a identificação de sensações semelhantes, resultando no que se chama *idéia geral.*

• Juízo ou conceito é uma comparação de idéias.

• Raciocínio é uma comparação de juízos, geralmente chamada *conclusão.*

5. O conhecimento das leis do ensino e aprendizagem. Permite ao professor sua utilização a fim de conduzir o aluno através do desconhecido.

6. Que é ensinar. Não é simplesmente transmitir conhecimentos. É despertar e orientar a mente do aluno, promovendo a aprendizagem por parte do mesmo. Jesus fez assim ao tratar com Nicodemos e a Samaritana. O professor trabalha com a mente do aluno, dirigindo-a no processo da aprendizagem. Que privilégio e que responsabilidade!

7. Que é aprender. É o aluno pensar e agir por si próprio, sob orientação inicial. (Espiritualmente, há outros meios de aprendizagem.)

8. Conceitos básicos da educação secular e religiosa.

a. Toda criança normal é:

• Fisicamente imatura — precisa crescer;

• Mentalmente ignorante — precisa aprender.

b. Aplicação espiritual. Todo cristão novamente nascido (Jo 3.5) é:

• Espiritualmente imaturo — precisa crescer (2 Pe 3.18).

• Espiritualmente ignorante — precisa aprender (Mt 11.29).

B. Leis do ensino e da aprendizagem. O aluno normal:

1. Aprende quando motivado, estimulado psicologicamente. Exemplos:

a. Despertando para a realidade, pelas suas aspirações.

b. Consciência do despreparo, considerando o contexto comunitário do aluno.

c. Retrogradação de grupo. Consumação e consciência disso.

2. Aprende quando gosta.

a. Gosta por escolha experimental (objetivamente).

b. Gosta por efeito (subjetivamente). Ver Marcos 12.37; Jo 6.67-69.

3. Aprende quando necessita.

4. Aprende quando vê fazer. É o ensino pela demonstração, pelo exemplo (At 1.1). Aí o aluno aprende:

a. Observando

b. Motivando sua potencialidade e capacidade adormecidas ou latentes. (Isto é, se outros podem fazer, ele pode também.)

5. Aprende quando faz. É a aplicação prática, experimental.

a. Fazendo — aprende-se.

b. Repetindo — aprimora-se. (A ferramenta sem uso normal, enferruja.)

6. Aprende quando há métodos certos de ensino. Subentendidos também:

a. Idade e conhecimentos prévios do aluno. O professor deve ministrar o ensino partindo do nível de conhecimento do aluno, e não do seu próprio. Do que depende o emprego de métodos de ensino:

b. Instalações escolares

c. Meios auxiliares de ensino

d. Material didático

e. Objetivos definidos da lição, do curso, do estudo.

Toda aula deve sempre reunir dois ou mais métodos de ensino. Os métodos atingem os sentidos do aluno.

7. Aprende quando investiga e pesquisa independentemente. Sendo previamente orientado, dirigido.

8. Aprende quando está interessado.

• *Atenção* tem a ver com a pessoa do professor; *interesse* tem a ver com a matéria que o professor ensina.

• *Interesse* conduz à *participação*, a qual pode ser espontânea ou provocada.

9. Aprende quando crê, confia.

a. Confia em si mesmo

b. Confia na escola (sua idoneidade, competência, probidade, etc.).

c. Confia no professor; preparado, idealista, idôneo.

10. Aprende quando ora. Através da oração Deus pode abençoar o corpo, a mente e todo o nosso ser. Note o sentido literal de Mateus 8.17.

O professor deve orar muito por seus alunos; estes, por sua vez, devem orar muito por seus professores.

11. Aprende quando recebe atenção pessoal.

- Sendo conhecido. Há muitos meios de conhecer o aluno.
- Sendo reconhecido. Há muitos meios de reconhecimento pelo professor.

C. A aprendizagem e os sentidos físicos.

Leis da aprendizagem são os princípios de assimilação e retenção do ensino por parte do aluno, os quais funcionam através dos sentidos físicos. São leis imanentes no próprio aluno. Elas precisam ser identificadas e despertadas no aluno. Elas mostram como o aluno aprende. O ensino chega à mente por meio desses sentidos, a saber:

1. Visão — os olhos.

2. Audição — os ouvidos. O ouvido compreende dois mecanismos sensoriais: a audição e o equilíbrio.

3. Olfato — o nariz. Nele estão os terminais do nervo olfativo.

4. Paladar — a língua. Nela estão as papilas gustativas.

5. Tato — está em todo o corpo. São as terminações periféricas dos nervos sensitivos. Essas terminações são responsáveis pelas sensações tácteis, térmicas e álgicas.

6. Cenestesia — sentido muscular. Por esse sentido sabemos se um objeto é pesado ou leve. Esse sentido é tão experimental como os demais.

Esses sentidos são as portas da alma para seu contato com o mundo exterior. É por meio deles que recebemos os

estímulos vindos de fora, os quais, após várias fases evolutivas, resultam na aquisição do conhecimento.

Cada sentido dispõe de um órgão do corpo, receptor de estímulo. O órgão receptor dispõe de um nervo que transmite ao cérebro o estímulo recebido. *Resumo: o órgão recebe, o nervo transmite e o cérebro interpreta o estímulo.*

Todo estímulo assim recebido, provoca na alma uma reação ou reflexo, resultando daí o nosso comportamento diário. Exemplos de reações e estímulos, recebidos pelo cérebro: movimentos, pensamentos, impulsos, atitudes, emoções, etc.

O ensino chega à mente:

- Pelos sentidos físicos.
- Pela inspiração divina.
- Pela revelação divina.

Não confundir os dois últimos com *intuição*, a qual é a percepção direta e imediata do conhecimento, independente de observação, prévia experiência e processos do raciocínio.

Para termos uma idéia do papel e do valor dos sentidos no ensino, saiba-se que:

a. Aprende-se 20% do que se ouve. A voz do professor tem grande influência aqui. Deve ter a intensidade ideal e ser agradável.

b. Aprende-se 30% do que se vê. Aqui tem grande importância a iluminação. A arrumação da sala também influi muito.

c. Aprende-se 70% do que se examina.

d. Aprende-se 90% do que se faz ou participa em grupo. Exemplo: cânticos com gestos, marchas, provas, testes, procura e leitura de versículos, trabalhos manuais, desenhos, pesquisas, redações, mapas, etc. A criança, por exemplo, aprende de fato quando "faz" a lição.

e. Aprende-se 90% do que se fala. Exemplo: leitura, recitativo de memória, perguntas, reconstituição da lição, temas desenvolvidos, discussão orientada, mesa redonda, exposição ou preleção. Um antigo provérbio chinês, diz: "O que ouço, esqueço; o que vejo, lembro; e o que faço, aprendo".

D. Como o ensino chega à mente. Veremos agora o processamento do ensino desde os sentidos até à mente do aluno.

1. Percepção. É a identificação de uma sensação ou estímulo recebido. Exemplo: ouço um som, o qual a mente identifica como sendo de violino. Tenho então a percepção de um violino. Se eu usar outros sentidos como vista e tato, a percepção do violino será muito mais real. Tem grande influência aqui, a *fala*, a *voz, tom, palavras,* e *gestos* do professor. Tudo isso afeta o ouvido e a compreensão do aluno. A percepção é um fenômeno complexo da alma em que se reúnem num só ato várias operações psicológicas, como estímulo, memória, associação e atenção.

Jesus quando quis explicar a palavra "próximo" para um inquiridor, contou primeiro uma história que esclarecia a idéia, passando em seguida a definí-la (Lc 10.29-37).

2. Idéia. É uma combinação de percepções semelhantes. Exemplo: Se por meio de estímulos recebidos eu percebo a um só tempo sons de piano, violino e flauta, tal combinação de percepção dá-me a idéia ou *conceito* de *música.* Conceito, pois, é uma idéia geral.

3. Juízo. É uma comparação de idéias ou conceitos. Exemplo: escuto várias músicas e faço um juízo de que são boas ou más, agradáveis ou desagradáveis, para deleite da alma ou não.

4. Raciocínio. É uma comparação de juízos. Noutras palavras, é uma conclusão. Exemplo: Se Jesus deu vista a cegos, curou paralíticos e leprosos e ressuscitou o filho da viúva de Naim, chego a conclusão que Jesus socorre o homem na tristeza, no abandono e no sofrimento. (Ver os sentidos espirituais da alma, Hb 5.14 - ARC.)

E. Fatores condicionantes do aprendizado. Três principais fatores afetam o processo da aprendizagem: a potencialidade inata do educando para aprender, isto é, os fatores hereditários, congênitos, do indivíduo; o ambiente onde se processa a aprendizagem; e o propósito da aprendizagem.

F. As três leis básicas da aprendizagem

1. A lei da disposição mental. Isto é, a mente "pronta" para aprender. É o interesse e a atenção do aluno para receber ou praticar o ensino. Para se aprender ou fazer algo é preciso disposição, desejo sincero e interesse por parte do aluno. Uns têm maior ou menor interesse. É preciso interesse total. O aluno só presta atenção ao professor quando o assunto lhe interessa. Sem atenção *concentrada* não pode haver aprendizagem.

Que fazer para por esta lei em ação? Despertar ou motivar o aluno, usando as fontes de motivação apropriadas para o momento. Lembremo-nos que a alegria e a satisfação do aluno motivado, facilitam cem por cento a sua aprendizagem.

2. A lei do efeito. O aluno aprende mais facilmente o que lhe causa prazer e satisfação. Um aluno insatisfeito agirá contrariado. O aluno não somente aprende, mas repete aquilo que lhe causa prazer. Quando o efeito de uma coisa é agradável, a pessoa quer repetir a experiência, mas quando é ao contrário, ninguém quer repeti-la. Portanto, aprende-se mais facilmente o que é agradável, e dificilmente o que é desagradável.

3. A lei do exercício ou da repetição. Esta lei prova que a repetição ajuda a gravar. É a repetição de um ato que forma o hábito. Uma ferramenta sem uso torna-se enferrujada. Um músculo ou membro do corpo imobilizado, torna-se atrofiado e enfraquecido, mas em uso normal, torna-se forte. A prática faz a perfeição. Uma verdade bíblica aprendida deve ser praticada, aproveitada ou aplicada, senão será esquecida (Mt 7.24). Essa repetição deve ser freqüente. Aí está o campo das perguntas, lições repetidas, questionários, sumários, etc.

G. O ensino de adultos.

É um erro pensar que um adulto não pode mudar concernente a orientação religiosa dantes recebida. O adulto não é um eterno escravo da educação recebida na infância e adolescência, porém sua real educação religiosa é das mais difíceis, porque não se trata de *educação* simplesmente, mas *reeducação*.

Questionário

1. Que é Pedagogia?
2. Que é o ensino em seu exato conceito?
3. Quanto a objetivos, como deve ser o ensino?
4. Mencione alguns pontos ou relações que o ensino bíblico deve visar quanto ao aluno.
5. Que são Leis do Ensino?
6. Que são Leis da Aprendizagem?
7. Que é ensinar?
8. Dê exemplos de como aprende o aluno.
9. Como o ensino chega à mente?
10. Em se tratando de como o ensino chega à mente:
    - que é percepção?
    - que é idéia?
    - que é juízo?
    - que é raciocínio?
11. Dê as três leis básicas da aprendizagem.



UNIDADE IV - PEDAGOGIA

CAPÍTULO II
O Professor da Escola Dominical

I. O professor e o ensino 193
II. O professor e o preparo da lição 194
III. O professor e a apresentação da lição 195
IV. Jesus como exemplo do professor 198

I. O Professor e o Ensino

A. Que é ensinar?

• É despertar a mente do aluno e guiá-la no processo da aprendizagem. Aprendemos através da mente!

• Ensinar é mostrar – explicar – guiar – comunicar.

• É ajudar a aprender.

• É moldar vidas.

• É motivar a mudança de uma conduta anterior.

B. O professor espiritual e preparado

• É a nossa maior necessidade.

• O êxito de nossas Escolas Dominicais depende disso.

• O professor espiritual e preparado completa o trabalho do evangelista ou pregador. O ensino da Palavra deve ser em toda igreja uma seqüência da pregação.

É melhor um professor com pouco preparo, mas espiritual, do que o contrário. Somente o preparo não realiza.

O professor da Escola Dominical precisa ensinar tão bem a lição bíblica do dia, quanto o professor de matemática ensina sua matéria.

C. O ensino do ponto de vista do professor

1. Por que ensino? — Por amor e gratidão a Deus, e também em obediência à ordem divina (Mt 28.19-20).

2. Qual o meu propósito no ensino? — Há um propósito tríplice: salvar pecadores, edificar os crentes e treinar futuros obreiros.

3. Que ensinarei? — A Bíblia, por excelência (Mt 28.20).

4. A quem ensinarei? — A grupos de alunos de diferentes idades (Dt 31.12), o que implica conhecimento de suas características psicológicas.

5. Como ensinarei? — Capacitado por Deus e preparado no que depender de mim (2 Tm 2.2,15 - ARA; 1 Pe 3.15).

II. O professor e o preparo da lição

Esse preparo é parte dos deveres semanais do professor.

A. Material para o preparo da lição.

• *A Bíblia*. Para o estudo do texto da lição, contexto, referências. Adquira as versões correntes em português.

• *A revista do Aluno*. É este o material de estudo de que o aluno dispõe.

• *A revista do Professor.*

• *Livros de consulta e referência*, como dicionários bíblicos, concordâncias, comentários. Cuidado para não tornar-se um simples eco ou reflexo dos livros!

• *O estudo* apresentado na reunião semanal de professores da Escola Dominical.

• *Lições* anteriormente estudadas.

• *Apontamentos pessoais* do professor.

• *Ilustrações*. Fatos pessoais. Observações. O professor deve ser um bom observador.

• *Oração*. Tudo acima, deve ser regado com oração.

O preparo da lição como acabamos de apresentar, deve ser feito tendo em vista a *necessidade do aluno* e não a do professor. O que interessa a um adulto, não interessa a um jovem ou a uma criança.

Preparar a lição sem pensar nisso é ficar diante da classe "pregando no deserto". O professor deve preparar a lição tendo em mira três propósitos para com o aluno:

• Que desejo que meus alunos *aprendam*? Isto visa *a mente* do aluno. É o plano objetivo da lição.

• Que desejo que meus alunos *sintam*? Isto visa *a afetividade* do aluno. É o plano subjetivo da lição.

• Que desejo que meus alunos *façam*? Isto visa *a vontade* do aluno, aliada à prática. É o plano objetivo-subjetivo da lição.

B. Etapas no preparo da lição

1. Estudo pessoal, usando:

• A revista da Escola Dominical.

• Apontamentos feitos na hora do estudo individual.

2. Estudo em fontes de consulta. O material necessário deve ser extraído e ordenado. Veja que fontes tem! Não se trata de ter muitos livros, mas de tê-los bons.

3. Preparo do esboço da lição

- Este é um necessário recurso mnemônico.
- Deve ter no máximo quatro pontos ou subtópicos.
- Deve apresentar unidade e coerência.
- Quando mais bem detalhado e completo é chamado Plano de Aula.

4. Escolher os métodos e o material de ensino que será adotado durante a lição.

5. Preparo de trabalhos para a classe

- Questionários (5 a 10 perguntas).
- Testes de vários tipos.
- Tarefas orais ou escritas para o domingo seguinte. Pode ser pesquisa, trabalho manual, ou mini-preleção de um ponto da lição ou versículo.
- Anúncios e comunicações de interesse da classe.

Quanto tempo você gasta no preparo da lição? Convém atentar para Jeremias 48.10. O preparo da lição deve começar na segunda-feira e prosseguir diariamente a semana inteira. O preparo de uma aula bíblica de 50 minutos não pode ser coisa de fim de semana!

III. O professor e a apresentação da lição

A. Chegue cedo! Pelo menos 10 minutos antes da hora de começar a reunião da Escola Dominical.

B. Antes do estudo da lição, o secretário da classe cuidará das seguintes providências preliminares:

- Arrumação da sala.
- Apontamentos da classe, conforme o sistema de registro adotado.
- Boas-vindas aos visitantes.
- Cumprimentos aos aniversariantes.
- Matrícula dos novos alunos (usando o Cartão de Matrícula).

C. Etapas da lição diante da classe (50 minutos)

1. Introdução da lição ..... 3 minutos

• É o ponto de contato com a classe. O fato utilizado para introduzir a lição deve ser bem apropriado.

• Oração. Ore ou convide um aluno a fazer oração.

• Boas-vindas.

• Prender a atenção dos alunos.

• Introduzir o assunto da lição e seu relacionamento com as demais lições da série em estudo.

2. Explanação da lição ..... 30 minutos

É o corpo da lição ou aula, segundo o esboço preparado.

3. Verificação da lição ..... 5 minutos

É a recapitulação dos pontos e verdades básicas da lição, seguida de perguntas e respostas.

4. Aplicação da lição ..... 7 minutos

Uma das partes mais importantes da lição. O conhecimento pessoal adquirido pelo aluno não será eficaz se não for aplicado. Seu valor vem da sua utilidade imediata ou remota, quando aplicado pela pessoa que o obteve.

É a aplicação das verdades bíblicas ensinadas, à vida e necessidades dos alunos, bem como aos tempos atuais.

A aplicação da lição, corresponde, digamos, ao *apelo* na pregação.

5. Encerramento da lição ..... 5 minutos

É a entrega das tarefas e atividades, avisos sobre trabalhos especiais da igreja, etc.

Controle seu tempo! O professor dispõe de apenas 50 minutos para tudo isso, mas se ele souber dosar o tempo, este será suficiente.

A apresentação da lição como exposta acima, aplica-se às classes acima de 12 anos. Abaixo dessa idade a apresentação é diferente, havendo constantemente, mudança de atividade escolar, com mudança de métodos de ensino, é óbvio, para ganhar-se ATENÇÃO e manter vivo o INTERESSE do aluno. É da maior importância aqui o emprego de meios auxiliares de ensino, dando colorido, dimensão e sentido às lições.

D. A linguagem do Professor

Grande número de pessoas têm falhado em suas carreiras, inclusive no ensino, devido a dificuldades no falar, em exprimir-se de forma adequada.

A arte de falar torna a palavra, entre outras coisas, correta e expressiva.

• *Correta*. Pronúncia perfeita, com a articulação completa de todos os sons que compõem a palavra. Evitar e corrigir defeitos de pronúncia.

• *Expressiva*. Tradução perfeita da idéia que queremos exprimir. A expressão implica em entonação, pontuação e escolha das palavras. A entonação torna a voz agradável e elegante, mesmo vigorosa. A pontuação aclara o sentido, facilitando a compreensão. A escolha das palavras exatas faz com que o ouvinte compreenda claramente o que queremos dizer-lhe.

O professor deve então cuidar de tornar as suas palavras CORRETAS e EXPRESSIVAS. A linguagem revela muito da personalidade do indivíduo.

Uma fala perfeita dá prazer ao ouvido, mas o falar errado, seja na entonação, na pronúncia, na pontuação, ou na escolha das palavras, cansa os ouvintes, e o auditório todo só acerta dizer: "amém", não em sinal de satisfação, mas ansioso que o preletor pare.

A expressão oral perfeita, impõe-se e dá destaque, mesmo que o orador seja modesto e humilde. É um prazer ouvir alguém falar corretamente, com expressão e graça. Em Juízes 12.2-7, temos um caso em que 42.000 homens morreram por causa de má pronúncia. Hoje em dia muitos "matam" seus ouvintes da mesma maneira... O professor tem que cuidar da linguagem, porque ele se utiliza dela quase todo o tempo da aula. (Ver os seguintes textos: Pv 15.1; 16.24; Ct 5.16; 1 Co 14.8,9.)

A linguagem do professor, quanto ao vocabulário, deve ser comum a ele e a seus alunos.

IV. Jesus como exemplo de professor

O Mestre do professor é o Senhor Jesus — o Mestre dos mestres. Para o professor ser eficaz no ensino, precisa seguir de perto os passos do seu Mestre. Vejamos alguns pontos sobre Jesus como Mestre.

A. Jesus conhecia a matéria que ensinava. A passagem de Lucas 24.27 faz menção ao maior estudo bíblico da história: abarcou o período de Moisés a Cristo. (E, tão grande estudo foi dirigido para uma classe de 2 alunos!) Através dos Evangelhos vemos, por suas citações das Escrituras, como Jesus conhecia o Livro Sagrado.

B. Jesus conhecia os seus alunos. Tanto eles andavam com Jesus, como Jesus os visitava. Os ensinos objetivos e ilustrados do Mestre, bem como seu modo de proceder para com eles, demonstram que Jesus os conhecia bem. (Ver Mateus capítulo 13; Lucas 15.8-10; João capítulo 21, etc.)

C. Jesus reconhecia o que havia de bom em seus alunos (Ver João 1.47). O professor jamais deve apresentar-se à sua classe com ares de superioridade, com aspecto dominante. Paulo, com toda a sua grandeza, reconhece as qualidades dos seus irmãos na fé e cooperadores (Rm cap. 16; Fp 2.20-25).

D. Jesus ensinava as verdades bíblicas de modo simples e claro. Exemplos: Lucas 5.17-26; 13.3; João 14.6. Ele tomava as ocorrências comuns da vida, conhecidas de todos, para ensinar as verdades eternas de Deus. (Ver Mateus 9.16; 11.16.)

E. Jesus variava o método de ensino conforme a ocasião e o tipo de ouvintes. Às vezes ele usava o método de perguntas, o ilustrativo, o de discussão, preleção, tarefas, leitura, etc. Com a mulher samaritana, usou o método de perguntas; com os discípulos a caminho do Jardim das Oliveiras, usou o de preleção.

F. Jesus ensinava através do seu exemplo, isto é, sua vida de obediência. (Lede João 13.15; Atos 1.1; 1 Pedro 2.21).

G. Jesus sabia o que ia fazer (Jo 6.6). O professor da Esco-

la Dominical deve saber o que vai ensinar a seus alunos, quando diante de sua classe.

H. Jesus ensinava com graça (Lc 4.22). É a graça divina na vida do professor que torna a sua aula realmente eficaz e de efeito duradouro para a glória de Deus.

I. Jesus ensinava com autoridade e poder divinos (Lc 4.36). Só aos pés do Senhor em oração e comunhão com Ele é que o professor obtém autoridade e poder divinos renovados em sua vida, para ensinar na casa de Deus.

Questionário

1. Cite alguns conceitos sobre o que é ensinar.
2. Fale sobre o professor preparado.
3. Que materiais o professor utiliza no preparo da lição?
4. Qual o papel da oração no preparo da lição?
5. Dê as diferentes etapas no preparo da lição.
6. Dê as diferentes etapas na apresentação da lição diante da classe.
7. Quanto à apresentação da lição, que é.
   - Introdução?
   - Explicação?
   - Verificação?
   - Aplicação?
   - Encerramento?



UNIDADE IV - PEDAGOGIA

CAPÍTULO III
Métodos e Acessórios de Ensino

I. Finalidade dos métodos de ensino 201
II. O uso dos métodos de ensino 201
III. A escolha e combinação dos métodos de ensino 201
IV. Os métodos de ensino 202
V. Acessórios de ensino 205

Métodos de ensino são modos de conduzir ou ministrar a aula e o ensino que se tem em mira. Método é um caminho na ministração do ensino pelo professor, para este atingir um determinado alvo na aprendizagem do aluno. Portanto, o método não é um fim em si mesmo.

O professor deve conhecer a fundo não só aquilo que vai ensinar, mas também *como* ensiná-lo. É aqui que os métodos e os acessórios de ensino são de grande utilidade.

I. Finalidades dos métodos de ensino

É adaptar a lição ao aluno. Nunca o contrário.

Os métodos de ensino atuam nos sentidos físicos do aluno.

II. O uso dos métodos de ensino

Uma aula apresenta normalmente uma combinação de dois ou mais métodos. Nunca um só. Jesus ensinou usando métodos. Seguiremos seus passos no estudo dos métodos. Métodos somente, não resolvem. É preciso que o professor (ou o obreiro cristão em geral) tenha também duas outras coisas — a *mensagem* dada por Deus, e a *vida* vibrante pelo Espírito Santo. O Mestre Jesus tinha as três coisas: MÉTODO (que comunica), MENSAGEM (que ensina) e VIDA (que conserva). Você pode preparar um trabalho, um sermão, um estudo bíblico, a lição bíblica, etc., com todo carinho, esforço e boa vontade, mas somente Deus pode dar a mensagem cheia de vida espiritual.

III. A escolha e combinação dos métodos de ensino

Depende de vários fatores, como:

- *O grupo de idade*, o qual tem suas características próprias, físicas, mentais, sociais e espirituais.
- *O material que vai ser utilizado.*
- *O tempo de duração da aula.* O preparo da aula é calcado no espaço de tempo que se terá e de conformidade com a idade dos alunos.
- *As instalações de ensino da escola.* Não se pode aplicar um determinado método sem haver condições para isso.

• *O conhecimento do professor.* O conhecimento que ele já tem do assunto em mira, bem como o das leis do ensino e da aprendizagem.

• *Os objetivos da lição do dia.* Isso deve muito influir na escolha dos métodos de ensino da lição, pelo professor.

IV. Os métodos de ensino

Os métodos de ensino afetam os sentidos físicos, os quais são meios de comunicação da alma com o mundo exterior. É por meio deles que ela explora o mundo em volta de si, bem como recebe suas impressões.

A. O Método de Preleção. Também chamado *Expositivo.* (Mt 5.1,2 - ARC; Lc 4.22). Nunca deve ser usado só. Em combinação com outros métodos, como Jesus usou, é de grande valor no ensino. Sozinho, tem mais desvantagens do que vantagens. Nem sempre *falar* quer dizer *ensinar*! É praticamente nulo com os infantis. (Não confundi-lo com o método da *Narração*, que veremos logo mais.)

B. O Método de Perguntas e Respostas. Também conhecido por Método Socrático, por ter sido largamente usado por Sócrates. Por exemplo: Mateus 22.42-45, encerra quatro perguntas de Jesus. Vantagens deste método:

• Serve como ponto de contato entre o professor e o aluno.

• Ajuda a medir o conhecimento do aluno. Como o professor pode saber se o aluno entendeu a verdade ensinada? (Ver Mateus 13.51; 16.9-12; 22.20; Marcos 13.2.)

• Desperta o interesse. É portanto um método utilíssimo para início e fim de aula. Jesus iniciou uma palestra com um doutor, perguntando: "Como interpretas a lei?" (Lc 10.26). Filipe, o evangelista, iniciou sua fala com o alto funcionário de Candace, perguntando: "Compreendes o que vens lendo?"

• Estimula e orienta o pensamento. Uma pergunta bem feita leva de fato o aluno a pensar (ver Mateus 9.28).

É preciso técnica na formulação de perguntas. Observe isto:

• Faça perguntas resumidas e claras.

• Evite perguntas cujas respostas serão sim ou não.

Exemplo de pergunta errada: "Jesus mudou água em vinho, em Caná da Galiléia?" A pergunta correta seria: "Que milagre fez Jesus em Caná da Galiléia?"

• Ao lançar uma pergunta, você como professor:

1. Dirija-se à classe toda.

2. Faça uma pausa de 5 a 6 segundos para que todos pensem na resposta.

3. Em seguida, chame um aluno pelo nome para respondê-la. Evite seguir uma ordem exata na chamada dos alunos.

4. Dê importância à resposta certa.

O método de perguntas e respostas leva o aluno a participar ativamente da aula. Pode ser usado em todos os grupos de idade.

Aos alunos de mais idade, o professor deve mostrar a diferença entre *perguntar* para querer saber, e simplesmente *especular*.

C. Método de Discussão. É também chamado *Debate Orientado*. A seqüência na condução do Método da Discussão, é: PERGUNTA, seguida de ARGUMENTAÇÃO, seguida de ANÁLISE, seguida de RESPOSTA (Lc 24.15-27,32; At 17.3,17; 18.4; 19.9). Para discutir um assunto, subentende-se que os alunos já têm informação sobre o mesmo. O professor precisa manter o equilíbrio da argumentação e não permitir que o tema seja desviado, ou que um aluno fale mais tempo que o estritamente necessário. Se o método não for habilmente conduzido pelo professor resultará em desorganização, confusão, e até aborrecimentos.

D. Método Audiovisual. Os registros mais antigos das primeiras civilizações trazidos à luz pela arqueologia estão em forma visual, principalmente desenhos e esculturas.

No método audiovisual, a mensagem que se quer transmitir é ouvida e vista, combinando assim dois poderosos canais de comunicação na aprendizagem. Ela atrai e domina a atenção, aumentando portanto a retenção. Os psicólogos ensinam que as impressões que entram pelos olhos são as mais duradouras.

Exemplos de Jesus utilizando este método: Mateus 6.26 (Olhai para as aves do céu); Mateus 6.28 (Olhai para os lírios do campo); João 10.9 (Eu sou a porta); João 15.5 (Eu sou a videira, vós as varas); Marcos 12.15,16 ("Trazei-me um

denário. De quem é esta efígie?"); Lucas 9.47 (Tomou uma criança, colocou-a junto a si); Ezequiel 4.1 (Deus mandando Ezequiel gravar o perfil de Jerusalém num tijolo).

Portanto este método utiliza material o mais variado. Seu emprego é de grande valor no setor infantil, mas também nos demais. Depende do emprego dosado.

E. O Método de Narração. São as histórias. E nesse campo, nada suplanta a Bíblia. Jesus usou muito este método, apresentando histórias em forma de parábolas, como em Mateus capítulo 13 (todo). A história é qual janela deixando a luz entrar. Na Bíblia, a maior fonte de história é o Antigo Testamento. Pode ser aplicado a todas as idades. A história, depois de narrada, precisa ser aplicada. Veja o caso de Natã ensinando a Davi, em 2 Samuel 12.1-4 e, em seguida, aplicando o ensino no versículo 7 do mesmo capítulo. O Novo Testamento também contém muitas histórias.

A história é para a criança o que o sermão é para o adulto.

Exemplos de Jesus usando o método de narração:

- O Bom Samaritano (Lc 10).
- A Ovelha Perdida (Lc 15).
- As Dez Virgens (Mt 25).
- O Filho Pródigo (Lc 15).

Há muitas outras fontes de histórias além da Bíblia, como a natureza, as biografias, os fatos do momento, etc.

1. Três distintas finalidades de uma história

- Usada como lição em si.
- Usada como ilustração em apoio a um tema.
- Usada como introdução de uma lição ou tema.

2. Duas regras básicas para o êxito ao contar histórias

- Conheça de fato a história.
- Mentalize a história, mesmo conhecendo-a.
- Viva a história; isto é, "sinta-a" ao contá-la e dramatizá-la.

F. O Método de Leitura (Lc 4.16; Jo 8.6). O professor pode mandar os alunos procurar textos em suas Bíblias e ler. Isto tem um valor maior do que se pensa. A leitura pode ser de outra fonte além da Bíblia.

G. O Método de Tarefas. Esse é um grande método — *aprender fazendo.* Método ideal para crianças desde a mais tenra idade. A criança aprende de fato quando *faz* a lição, devidamente instruída pelo professor. Jesus, para ensinar certa lição a Pedro, usou este método (Mt 17.24-27). Outros exemplos: Mateus 17.16-21; Marcos 6.45-52; Lucas 9.14-17; João 9.6,7; 21 (o capítulo todo); At 17.11.

Aqui estão incluídos:

- Trabalhos de pesquisa.
- Trabalhos de redação.
- Trabalhos manuais (desenhos, esboços, mapas, montagens de lições ilustradas, figuras, labirintos, enigmas, palavras cruzadas).

O professor ao aplicar este método, deve dar instruções as mais claras possíveis se quiser ver resultados satisfatórios.

H. O Método Demonstrativo. É o método do exemplo, altamente influente e convincente. É ensinar fazendo. Jesus usou-o. Ele fazia antes de ensinar (Jo 13.15; At 1.1; 1 Pe 2.21). É o método "faça como eu faço". É o método do exemplo (Ed 7.10; Mt 4.19; 6.9; 11.2-5; Jo 13.15; 1 Co 11.1). Os alunos precisam não somente *aprender de Cristo*, mas "aprender a Cristo" (Ef 4.20). Só é possível "aprender a Cristo" quando Ele tem expressão por meio da vida de alguém.

As marchas e cânticos com gestos para os pequeninos têm grande valor aqui, assim como as dramatizações.

Todos os métodos de ensino conduzem às duas coisas quanto ao aluno: *impressão* e *expressão.* Isto é, os métodos visam *impressionar* a mente e o coração do aluno, para levá-lo a *expressar-se* educativamente.

V. Acessórios de ensino

Alguns deles são:

- Quadros, gravuras (especialmente os coloridos).
- Flanelógrafos (de diferentes tipos).
- Projetores de variados tipos (dependendo de custo e finalidades).
- Retroprojetor.

• Episcópio.
• Transparências, eslaides educativos e de boa fonte, quanto à qualidade e conteúdo.
• Mapas bíblicos para aula.
• Livros de trabalhos manuais.
• Lápis em cores, cartolina, etc.
• Modelos (do tabernáculo, do templo de Salomão, de casas orientais, etc.).

Questionário

1. Que são métodos de ensino?
2. Dê a finalidade dos métodos de ensino.
3. De que depende a escolha e combinação dos métodos de ensino?
4. Cite alguns métodos de ensino. Dê referências bíblicas.
5. Dê exemplos de acessórios de ensino.
6. Que método não deve ser utilizado só, especialmente com os pequeninos?
7. Qual a grande vantagem do método audiovisual?
8. Segundo os psicólogos, quais as impressões que mais perduram?
9. Depois da história narrada, qual deve ser o passo seguinte?
10. Qual a diferença entre aprender *de* Cristo, e aprender *a* Cristo? (Ef 4.20).



UNIDADE IV - PEDAGOGIA

CAPÍTULO IV
O Currículo e o Aproveitamento Escolar

I. O currículo 208
II. A avaliação do aproveitamento escolar 210
III. Sistemas de verificação do aproveitamento escolar 213

I. O currículo

A. Definição de currículo. É um grupo de assuntos constituindo um curso de estudos, planejado e adaptado às idades e necessidades dos alunos. Em outras palavras, são os meios educacionais adotados, visando os objetivos do ensino. Um currículo de Escola Dominical deve preencher os seguintes requisitos:

- Apresentar Cristo como o centro da nossa vida.
- Visar a edificação da igreja como um todo.
- Visar o crescimento espiritual individual.

B. Considerações sobre o currículo da Escola Dominical

1. Deve abranger os principais assuntos bíblicos necessários ao conhecimento e à experiência do crente. Isso, de maneira adequada e graduada, de conformidade com cada grupo de idade dos alunos da Escola Dominical.

Cada grupo de idade tem características próprias *físicas, mentais, sociais* e *espirituais*. Esses grupos compreendem as seguintes faixas de idade:

- 1 a 3 anos
- 4 a 5 anos
- 6 a 8 anos
- 9 a 11 anos
- 12 a 14 anos
- 15 a 17 anos
- 18 a 24 anos
- 25 anos para cima

2. Tal currículo deve ser devidamente dosado, visando o desenvolvimento de uma vida cristã ideal e uma personalidade cristã que em tudo honre a Cristo, perante a Igreja e o mundo.

3. Como já dissemos no nº 1, deve ser um currículo graduado, mas também, ao mesmo tempo inter-relacionado, por ser a vida cristã um todo indivisível. *Graduado* quer dizer, apropriado para cada grupo de idade.

4. Um simples conjunto de lições bíblicas sem seqüência continuada, sem relacionamento entre si e sem levar em conta

os agrupamentos de idade, não pode ser chamado currículo, e também, não atingirá o alvo desejado no ensino da Palavra.

• Exemplos de material audiovisual: figuras soltas, lições em forma de cartazes, em forma de caderno, uso de cores, flanelógrafo, retroprojetor, mapas, esboços com palavras e gráficos, gravuras, quadro-negro, objetos, pessoas, etc.

Isso requer preparo meticuloso por parte do professor. Se a lição for preparada em cima da hora, é melhor não apresentá-la.

• Lições ilustradas. Há de diferentes tipos e formatos. Depende da idade.

5. O currículo deve abranger um determinado número de anos conforme a conveniência, alvo e necessidades peculiares dos alunos e da denominação.

C. Temas bíblicos para currículos. Cada unidade ou tema adotado conterá um número de lições igual ao de domingos do trimestre.

Listamos abaixo, 28 temas ou *Unidades de Ensino* para currículos da Escola Dominical.

1. Doutrinas Básicas da Fé Cristã
2. A Vida Cristã
3. Verdades Pentecostais
4. A Bíblia
5. A Igreja
6. O Povo de Israel
7. A Família/O Lar
8. O Tabernáculo e suas instituições
9. Doutrinas Falsas/Falsos Profetas
10. Eventos Futuros (O Futuro do Mundo, de Israel e da Igreja)
11. O Ministério Local e Geral
12. O Crente e o Estado/a Nação
13. A Criação de Todas as Coisas
14. Deus e o Homem
15. Missões e Obras Sociais
16. O Crente e o Mundo

17. Biografias Bíblicas
18. A Vida de Cristo
19. O Espírito Santo
20. A Mocidade Cristã
21. Reis e Profetas de Israel
22. A Bíblia e a Ciência
23. Ética Cristã
24. As Parábolas dos Evangelhos
25. Os Milagres de Jesus
26. A Igreja Local
27. A Mordomia Cristã
28. Os Apóstolos e suas epístolas

II. Avaliação do aproveitamento escolar

Avaliar é um meio de verificar. Para avaliar é preciso medir o aproveitamento escolar segundo os padrões estabelecidos pela escola. A avaliação pode ser do aluno individualmente, da classe como um todo, da escola inteira e do professor. A avaliação é um recurso educacional essencial a dirigentes e professores para verificarem o estado real de suas escolas, suas classes e seus alunos, quando comparados aos padrões estabelecidos pela igreja.

Uma avaliação periódica permite aos que ensinam e dirigem, aferir o estado real da escola; o que foi feito e o que deixou de ser feito, ou necessita ser introduzido ou suprimido. Sim, a avaliação revela as novas tomadas de providências que *devem ser levadas a efeito.*

Para avaliar é preciso a escola ter objetivos traçados e bem definidos.

Uma avaliação bem feita fornece dados que apontam sempre possibilidades de melhoramento.

• *Instrumentos de avaliação.* Fichas, cartões, e testes para alunos, professores, e a escola em si. Também concursos, trabalhos, competições.

• *Épocas de avaliação.* Trimestral, semestral, anual. A avaliação dominical costumeira, chamada de relatório, tem valor mais estatístico.

• *Âmbito da avaliação.* Alunos, classes, escolas.

• *Finalidade da avaliação.* Além das finalidades acima, a avaliação é utilíssima em se tratando de prêmios, menção, estímulo e reconhecimento.

Avalia-se, pois, para saber-se com precisão:

1. *O estado da escola*
2. *O que foi feito*
3. *O que deixou de ser feito*
4. *O que deve ser feito*
5. *O que deve ser suprimido ou substituído*
6. *Para a concessão de prêmios*

Apresentamos a seguir um dos testes de avaliação do professor.

Teste de auto-avaliação do professor

Funcionários, empregados, profissionais e outros mais fazem testes vez por outra para verificar sua competência no trabalho, isso na vida secular. Apresentamos aqui um teste de avaliação para professores da Escola Dominical — um setor do trabalho do Senhor. As respostas só podem ser "SIM" ou "NÃO" e devem ser escritas no espaço que está antes de cada pergunta. No final do teste há um pequeno guia para verificação dos resultados obtidos no teste. Mas não se preocupe com isso agora. Faça o teste primeiro.

1._____ Você tem procurado levar a Cristo seus alunos não-crentes um por um?

2._____ Você tem procurado desenvolver a espiritualidade de seus alunos, e tem sentido a realidade disto?

3._____ Você tem orientado e treinado seus alunos quanto aos trabalhos da igreja, incentivando-os a fazer o máximo no serviço do Mestre?

4._____ Você ora diariamente pelos alunos de sua classe?

5._____ Você quando não está doente é pontual na Escola Dominical, quer chova, faça calor ou frio?

6._____ Você varia seus métodos de ensino durante a aula, usando assim uma combinação deles?

7._____ Você começa a preparar a lição no princípio da semana, nem que seja por um quarto de hora diariamente, concentrando-se no objetivo da mesma?

8._____ Você sabe controlar um aluno conversador, sem que ele se ofenda?

9._____ Você conhece seus alunos pessoalmente?

10._____ Você tem em seu poder uma lista dos seus alunos com os respectivos endereços?

11._____ Você visita cada aluno pelo menos uma vez por ano, e visita imediatamente cada um, quando o mesmo falta a partir de duas aulas?

12._____ Você localiza a lição nos mapas bíblicos durante o preparo da mesma?

13._____ Você trabalha em harmonia com os demais professores e dirigentes da Escola Dominical sem intransigência e individualismo?

14._____ Você lê sempre livros, artigos e periódicos sobre pedagogia e educação cristã? Também freqüenta cursos sobre esses assuntos?

15._____ Você tem uma vida cristã exemplar, de modo que você gostaria que seus alunos fossem como você?

16._____ Você analisa suas aulas, seus trabalhos, depois de realizados, notando a reação dos alunos e falhas que você porventura tenha cometido? (Autocrítica e auto-avaliação.)

17._____ Ninguém é infalível. Precisamos sempre aprender mais com os que sabem ensinar, porque não sabemos tudo. Os que não concordam com os meus pontos de vista não estão necessariamente errados. Você concorda com tudo isto que foi dito aqui?

18._____ Você sente-se bem quando seus dirigentes, de modo cortês e cristão lhe observam, orientam e lhe fazem solicitações?

19._____ Você cuida sempre de sua vida espiritual, orando regularmente, lendo a Bíblia, buscando ser cheio do Espírito Santo, e servindo com dedicação ao Senhor?

20._____ Você planeja e prepara trabalhos para a sua classe e os distribui no fim das aulas?

Verificação do resultado

Cada resposta SIM, vale 5 pontos. Se você conseguiu de

80 a 100 pontos — Parabéns! Você é um EXCELENTE professor!

60 a 80 pontos — Você é um *Bom* professor, mas tem que melhorar.

50 a 60 pontos — Você é um professor *Regular*. Verifique os pontos falhos e decida melhorar rapidamente, isso diante do Senhor.

Abaixo de 50 — Você é um professor *Insuficiente*. Examine-se diante do Senhor. Você tem que aprender, não ensinar. Decida o que você quer!

III. Sistemas de verificação do aproveitamento escolar

Os mais usados são os dois abaixo:

A. O sistema de seis pontos ou requisitos. É dominical.

• *Meios utilizados*. Cartões; que podem ser do aluno, da classe, do departamento e de toda a escola.

• *Base.* A nota dominical individual de 100 pontos. Por meio dessa nota individual obtém-se a nota da classe, do departamento e da escola.

Os seis requisitos desse sistema e seus pontos:

Freqüência à Escola Dominical	30 pontos
Pontualidade	10 pontos
Bíblia	10 pontos
Oferta	10 pontos
Lição estudada	20 pontos
Freqüência aos cultos	20 pontos
Total	*100 pontos*

B. O sistema de quatro pontos ou requisitos. É dominical.

• *Meios utilizados.* Formulários impressos e caderneta de chamada da classe, computação gráfica, etc.

• *Base.* A nota dominical do aluno. Por meio desta nota obtém-se a nota da classe, do departamento, e da escola.

Os quatro requisitos desse sistema e seus pontos:

Freqüência	30 pontos
Conhecimento da Bíblia	40 pontos
Pontualidade	15 pontos
Comportamento	15 pontos
Total	*100 pontos*

Campo de aplicação dos dois sistemas. Qualquer idade, uma vez que o aluno satisfaça os requisitos. O segundo é mais próprio para crianças.

Observação.

Muitas escolas só adotam a divisão dos alunos até a idade de 14 anos. Daí para cima adotam apenas a divisão em departamentos. Nesse caso, a avaliação do aproveitamento adaptar-se-á à modalidade de administração da escola.

Questionário

1. Que é currículo escolar?
2. Como deve ser um currículo de Escola Dominical?
3. Dê exemplos de temas ou assuntos bíblicos para currículos de Escola Dominical.
4. Cite as vantagens da avaliação do aproveitamento escolar.
5. Fale da avaliação quanto a instrumentos, épocas e âmbito.
6. Faça o teste da avaliação do professor, constante na pág. 211
7. Cite dois sistemas de verificação e seus campos de aplicação.



UNIDADE V
Psicologia Educacional

INTRODUÇÃO
Introdução à Psicologia Educacional 219

CAPÍTULO I
O Aluno 220

CAPÍTULO II
A Personalidade 222

CAPÍTULO III
Características dos Grupos de Idade 227

UNIDADE V - PSICOLOGIA EDUCACIONAL

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Psicologia. Ciência que estuda a natureza ou personalidade humana. É atualmente um ramo autônomo do conhecimento humano. Faz parte das Ciências Sociais. Era antigamente um simples ramo da Filosofia.

A Psicologia analisa o comportamento externo do homem (sua ação motora), bem como a natureza dos elementos, fenômenos e processos da atividade mental, verificando ainda sua importância na formação da personalidade.

Ramos da Psicologia. São muitos os ramos. Um deles é o da Psicologia Aplicada ou Psicotécnica, tendo este várias subdivisões. Uma delas é a Psicologia Educacional.

Psicologia Educacional. Ocupa-se do estudo das características e do comportamento:

- do educando, e
- dos processos educativos. Noutras palavras: é o estudo psíquico do educando, das matérias do seu ensino, e dos meios educacionais.

Tudo, visando melhores resultados na educação, especialmente a escolar.

UNIDADE V - PSICOLOGIA EDUCACIONAL

CAPÍTULO I
O Aluno

Estudaremos agora o aluno e os assuntos com ele relacionados. Para o professor é coisa indispensável conhecer não somente a sua matéria, mas também seu campo de aplicação, que é o aluno. O semeador deve conhecer o terreno onde vai semear, e também como lançar a semente. O aluno é a matéria prima da Escola Dominical. *O professor, se quiser ter êxito no ensino, deve estudar* não só a lição, mas também o aluno.

Os alunos são diferentes. Essa diferença é dupla. São diferentes dependendo do grupo de idade, e também dentro do próprio grupo de idade. É a Psicologia Evolutiva. As características gerais do aluno variam conforme seu desenvolvimento *físico, mental, social* e *espiritual*. Daí, cada idade requerer tratamento diferente. Jesus como criança crescia nesses quatro aspectos. Segundo Lucas 2.52, Ele crescia.

- "em estatura" (crescimento *físico*)
- "em sabedoria (crescimento *mental*)
- "em graça diante dos homens" (crescimento *social*)
- "em graça diante de Deus" (crescimento *espiritual*)

Como dissemos, há diferenças entre alunos de uma mesma idade. Não há dois alunos exatamente iguais.

O professor conhecendo o aluno isoladamente e no grupo, planejará e aplicará o ensino adequadamente: aulas, testes, trabalhos, atividades, etc.

O professor pode estudar o aluno.

- Observando-o
- Visitando-o, para conhecer o seu meio ambiente.
- Conhecendo seus companheiros, seu trabalho, seus gostos, seus planos de vida. Seus problemas também. Auxilia muito aqui uma ficha de informações do aluno.
- Recordando o seu passado como criança (isto é, o professor).
- Pesquisando em obras especializadas, ou estudando a fundo psicologia da criança.

Questionário

1. Que é psicologia?
2. A Psicologia Educacional situa-se em que ramo da Psicologia?
3. De que ocupa-se a Psicologia Educacional?
4. Além de conhecer bem a lição que vai ensinar, que deve o professor estudar mais, se quiser ter êxito?
5. Por que cada agrupamento de idade requer tratamento diferente quanto ao ensino?



UNIDADE V - PSICOLOGIA EDUCACIONAL

CAPÍTULO II
A Personalidade

Personalidade é o conjunto de atributos e qualidades físicas, intelectuais e morais que caracterizam o indivíduo. Os principais elementos formadores da personalidade são a *hereditariedade* e o *meio ambiente*. Hereditariedade são os fatores herdados, isto é, a natureza humana transmitida pelos pais. Esses fatores hereditários nascem com o indivíduo e afetam e agem no mesmo através:

- Do sistema nervoso;
- Do sistema endócrino (as glândulas de secreção interna);
- Dos demais orgãos internos.

Esses fatores influem no psiquismo da pessoa, determinando o seu biótipo, isto é, sua constituição física, seu temperamento e influindo no, seu caráter. Eles passam de geração a geração e afetam o aprendizado de várias maneiras.

A. Componentes da Personalidade

1. Biótipo ou constituição. É o aspecto físico-morfológico do indivíduo.

2. Temperamento. É o aspecto fisiológico- endócrino do indivíduo. Noutras palavras, é a característica *dinâmica* da

personalidade. Fazem parte dele os impulsos ou instintos, que são as forças motrizes da personalidade. Os instintos são congênitos; implantados na criatura para capacitá-la a fazer *instintivamente* o que for necessário, independente de reflexão e para manter e preservar a vida natural. "Se no início de sua vida, o bebê não tivesse certos instintos, não poderia sobreviver, mesmo com o melhor cuidado paterno e médico." *Dr. Leander Keyser.*

Esses instintos saíram perfeitos das mãos do Criador, mas o pecado que veio pela queda os perverteu e os transtornou.

Os afetos agem sobre o temperamento. É do temperamento que depende a maneira de reagirmos face aos fatos e circunstâncias da vida e ambientais.

3. Caráter. É o aspecto subjetivo da personalidade. O caráter é a característica responsável pela ação, reação e expressão da personalidade. É a maneira própria de cada pessoa agir e expressar-se. Tem a ver com a vontade própria e conduta. É a "marca" da pessoa subjetivamente.

4. O "eu". É a pessoa consciente de si mesma. É o aspecto espiritual da personalidade. É ele o centro de gravitação, estrutura e equilíbrio de toda a vida psicológica.

Dois dos mais importantes aspectos ou componentes da personalidade são o caráter e o temperamento, os quais passamos a destacar.

Caráter

- É um componente da personalidade.
- É adquirido, não herdado.
- A criança herda tendências, não caráter.
- Resulta da adaptação progressiva do temperamento às condições do meio ambiente: o lar, a escola, a igreja, a comunidade, e o estado sócio-econômico.
- Pode ser mudado, mas... não é fácil!
- Jesus pode mudar milagrosamente o caráter (2 Co 5.17) e continuar mudando-o, à medida que nos rendemos a Ele (Rm 12.2; Fp 1.6). Jesus pode salvar (Hb 7.25), e esta salvação abrange espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23).

Temperamento

- É um estado orgânico neuropsíquico.
- É inato, e capaz de desenvolver-se.
- É influenciado pelo sistema nervoso, glândulas de secreção interna, hereditariedade, e constituição física.
- Pode ser controlado. O Espírito Santo pode e quer controlar o temperamento do crente (Rm 8.6,13; Gl 5.22).
- Não pode ser mudado.

Quanto à reação aos estímulos recebidos, inclusive no ensino, há duas grandes classes de alunos, de acordo com a dupla função do sistema nervoso central, isto é, nervos que transmitem mensagens ao cérebro, e nervos que recebem mensagens do cérebro, sendo tudo isso funções da alma humana. Chamam-se *sensoriais* os nervos que transmitem mensagens dos sentidos ao cérebro, e *motores* os nervos que recebem mensagens do cérebro para os músculos e órgãos.

a. Alunos que obedecem aos centros motores. São fáceis de pô-los em movimento mesmo que façam grande barulho no início, como faz um motor de automóvel. Correm com rapidez, deixam todos para trás e fascinam as demais pessoas; entretanto, são capazes de parar com a mesma facilidade do arranque. São impulsivos, eletrizantes, céleres na compreensão de qualquer coisa, mas também mudam num instante. Agem antes de uma real decisão. Aprendem com rapidez, mas esquecem tudo ou quase tudo com a mesma facilidade com que aprendem. Você deve ter alunos desse tipo.

b. Alunos que obedecem aos centros sensoriais. São sossegados, meditativos e observadores. Respondem aos estímulos com mais vagar e aprendem lentamente, mas aprendem de fato e para a vida. Chamam menos atenção, mas são pessoas firmes que aprendem de fato e que sabem o que querem. Entram em movimento lentamente mas podemos contar com elas. Adquirem conhecimento devagar, mas conservam-no. Agem com certa lentidão mas fazem o serviço direito. Você deve ter alunos desse tipo, ou um misto dos dois acima descritos.

B. Meio ambiente. É o meio em que o indivíduo vive e foi criado. É um poderoso fator influente na personalidade. O meio ambiente abrange:

- O lar (a família)
- A comunidade
- O trabalho
- A escola
- A igreja (religião)
- A literatura (boa ou má, construtiva ou destrutiva)
- O estado social (saúde, físico, economia, alimentação, higiene, emprego ou ocupação, a sociedade, o ambiente freqüentado, regime de vida, as "rodas", os "grupinhos", especialmente seus líderes).

O meio ambiente influi na personalidade, mas o homem não deve ser escravo do meio; ele pode reagir, vencer e transformar-se, passando daí a influir no meio. "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). Deus criou o homem para ser livre e não escravo. Sem a ajuda divina o homem é vencido pelo meio ambiente de uma maneira ou de outra. A salvação através do evangelho redentor atinge o homem em sua plenitude: espírito, alma e corpo, permitindo-lhe viver uma vida vitoriosa.

C. O controle e aprimoramento da personalidade. Isto não pode ser plenamente realizado apenas através de credos, princípios e práticas religiosas. A fé em Cristo e a comunhão vital com Ele é o segredo. A verdadeira vida cristã consiste primeiramente num relacionamento vital com Cristo (Jo 15.5). Tal fé e tal religião não destroem a personalidade, antes desenvolvem-na, pois todo esforço é feito para agradar e promover a vontade dAquele que passou a dominar e controlar nossa personalidade, agora participante da natureza divina (Rm 11.17; Hb 12.10; 2 Pe 1.4). Sim, a religião exerce uma grande influência na personalidade.

Questionário

1. Que é personalidade?
2. Quais os elementos formadores da personalidade?

3. O que determinam os fatores hereditários, ao influírem no psiquismo da pessoa?
4. Mencione os aspectos ou componentes da personalidade.
5. Defina sumariamente o caráter e cite algumas de suas características.
6. Defina sumariamente o temperamento e cite algumas de suas características.
7. Quanto à possibilidade de mutação, qual a diferença entre caráter e temperamento?
8. Dê a função dos nervos sensoriais e dos motores.
9. Que é meio ambiente?
10. Que abrange o meio ambiente?
11. Dê o relacionamento positivo entre o crente e o meio ambiente.



UNIDADE V - PSICOLOGIA EDUCACIONAL

CAPÍTULO III
Características dos Grupos de Idade

Para ensinar crianças com eficiência e sucesso, o professor precisa conhecer as *características, necessidades,* e *interesses* peculiares a cada faixa etária. O profeta Eliseu para ressuscitar um rapazinho, desceu ao seu nível adaptando-se às suas medidas e dimensões, por certo menores: boca, olhos, mãos e corpo. Vejo aí uma grande lição espiritual no que tange a ganharmos infantes para Jesus (Ver 2 Reis 4.33,34).

A Psicologia Educacional estuda as leis que governam o crescimento, desenvolvimento e comportamento do indivíduo. Estuda o aluno quanto aos aspectos já mencionados: *físico, mental, social* e *espiritual*. Estudaremos agora, portanto, as características, as tendências, aspirações, predileções e interesses de cada grupo de idade e com isso também as necessidades de cada um deles, no seu relacionamento com o aprendizado. Isso, em forma resumida. A divisão em grupo, que se segue, não significa precisamente a divisão psicológica, uma vez que inúmeros educandos têm disparidade psíquica. Além disso, todos nós, sem exceção, somos imperfeitos. Todos nascemos com alguma deficiência física ou mental, ou ambas, de uma forma ou de outra, em decorrência dos efeitos do pecado na raça humana.

-I. Berçário e Jardim de Infância (1-5 anos)

Palavras descritivas da idade: *Receptividade* e *Plasticidade.*

A. Físico

Rápido crescimento, inquietação, movimento, sentimento, dependência.

As quatro principais atividades da criança nessa idade são: *comer, dormir, brincar, perguntar.* Os sentidos físicos funcionam com toda carga. Eles são nessa época de suprema importância na aprendizagem. O ensino ilustrado é de toda importância nessa fase. Crianças gostam de todo tipo de barulho, especialmente aqueles que resultam em ritmo. Por essa razão, rimas e movimentos ritmados nos hinos, poesias e exercícios de expressão agradam, impressionam o sistema nervoso e este transforma as sensações em movimento. Uma criança vive pelo sentimento, por isso fica quieta apenas alguns instantes.

B. Mental

Aprendizagem pelos sentidos. Curiosidade. Imaginação. Credulidade. A alma da criança é como massa de modelagem: a forma que se der essa fica; o que for ensinado é aceito e crido sem discussão, o que não se dá com jovens e adultos, que tendo a faculdade da razão em pleno funcionamento, concordam ou discordam, conforme seu senso de valores, julgamento e conhecimento. A visão é por demais ativa e a criança aprende mais pela visão do que por qualquer outro sentido. Há muita curiosidade. Muita criança tem adoecido pela curiosidade em experimentar coisas desconhecidas. Animais pequenos correm perigo perto de mãos infantis, vítimas de sua curiosidade... A imaginação é por demais fértil. Nessa idade a criança não distingue entre o real e o imaginário. É tanto, que flores, animais e figuras falam como se fossem gente. Devido a essa forte imaginação, elas inventam histórias as mais incríveis, sendo por isso tidas por mentirosas. Quanto à curiosidade, a criança normal parece mais um ponto de imaginação! Seu período de atenção não vai além de 3 minutos.

C. Social

A criança até aos 5 anos é notadamente egoísta, vindo com isso a imitação. Ela é o centro do seu próprio mundo. Só pensa em termos de "eu". Tudo é "meu". Se vai a uma loja de brinquedos quer tudo. Se vê outras crianças brincando quer tomar seus brinquedos. Se come e sobra alimento, ela não come mas também não dá... É teimosa e quer fazer aquilo que lhe vem à mente. São afetuosas. Gostam de música e canto. Sua tendência para imitar os outros influi no caráter, assim como a curiosidade influi no conhecimento. Essa é a época áurea da formação dos hábitos como oração, obediência, freqüência aos cultos, contribuição, assistência caritativa e filantrópica, etc. A vida é uma série de hábitos bons ou maus. Os que moldarão a vida são formados na primeira infância, precisamente até os 4 anos. Toda construção começa pelo alicerce, e aqui temos o alicerce da vida — 1ª infância. Passada esta fase, não volta mais.

D. Espiritual

Credulidade e confiança tranqüila. A vida cristã no lar, num ambiente de oração e fé em Deus, fará a criança compreender a Deus como o Pai amoroso. A atividade dos sentidos ajudá-la-á a aprender as lições da natureza. A criança crê em tudo que lhe é dito. Deus deve ser apresentado como o Papai do céu.

II. Os Primários (6-8 anos)

Palavra descritiva da idade: *Atividade*.

A. Físico

Ativo e irrequieto, mas, melhor controlado. As características são as mesmas da idade 4-5 anos, com ligeiras diferenças. O crescimento é mais lento. O ingresso na escola pública põe a criança sob disciplina e a expõe a alguns perigos. Começa a brincar em grupo; o egoísmo está diminuindo. As avalanches de energia precisam ser dispendidas sob orientação. Se seu tempo não for ocupado, encontrará muito o que fazer.

B. Mental

Nessa idade, o aluno é observador e curioso. Prefere mais fazer do que prestar atenção. Tem memória sem igual. Apren-

de com facilidade sem entender o que memoriza. É preciso cuidado quanto ao ensino nesse particular. São impacientes: o que querem, querem *agora*! Começam a distinguir entre o real e o imaginário, entre fato e fantasia. Lembre-se disto professor! As histórias e fatos contados ficam gravados. Dessas histórias, a criança obtém preciosas noções de honra, justiça, bondade, compaixão. Na Bíblia, a maior fonte de histórias é o Antigo Testamento; mas em o Novo Testamento encontramos muitas também, especialmente nos Evangelhos e Atos dos Apóstolos. O egoísmo dá lugar ao instinto de coleção. Bolsas e pastas escolares passam a andar cheias de objetos, os mais diversos. Não há dinheiro que chegue para compra de figurinhas para os álbuns de animais e outras figuras. Os professores não esqueçam: as crianças nessa idade aprendem com facilidade, mas é preciso explicação do conteúdo memorizado. Se isto não for feito, elas guardam a história na memória, mas esquecem a lição nela contida. É oportuno encher-lhes a memória com a Palavra de Deus, tanto com versículos apropriados como com ilustrações ou verdades bíblicas ilustradas, das quais tanto Jesus se serviu quando ensinava.

C. Social

A imitação continua forte, bem como a tendência para dramatização. A criança nessa idade gosta do grupo, mas, do mesmo sexo. O menino aborrece qualquer associação com as meninas, quer nos brinquedos, quer nas ruas. Eles implicam com elas e as expulsam do seu meio. Elas se desforram usando apelidos e títulos de desprezo. Pode haver intimidade quando há perversão dos costumes e má influência do meio. É preciso vigilância, por isso. Na imitação, o menino brinca de médico, de motorista, de vendedor, e... enche os ouvidos dos pais em casa. As meninas brincam de professora, de dona de casa, com bonecas, cozinhando, etc. Os hábitos estão se formando, para o bem ou para o mal. Que responsabilidade tem o professor aqui!

Nessa idade a criança é muito sensível. Qualquer coisa que lhe digamos em tom áspero a magoará e não esquecerá com facilidade. Entretanto, não guarda rancor. Perdoa com facilidade e logo mais está em seu normal.

D. Espiritual

Confia sem duvidar, a menos que sofra decepções. Uma criança facilmente confia em Deus. Nessa idade ela começa a comparar o certo e o errado, e é ágil, viva em descobrir as falhas nos adultos. Cuidado, pois, com o exemplo. Se o professor não estiver devidamente preparado para a aula, a criança notará facilmente seus apertos. Deus deve ser apresentado como o Grande Amigo.

III. Os Juniores (9-11 anos)

Palavra descritiva da idade: *Energia*.

A. Físico

Saúde e energia em excesso. Espírito de competição e investigação. Não há fadiga. As classes devem ser separadas, porque o que interessa a meninos, não interessa a meninas. Gostam do ar livre e excursões. Adoram coisas arriscadas, como subir em árvores, rochedos e equilibrismo. O instinto de coleção aumenta mais. Agora é selos, moedas, figuras, revistas infantis, etc. O espírito de competição muitas vezes termina em lutas. Dois garotos começam a argumentar e logo chegam a conclusão que a única maneira de decidir as coisas é à base de luta e lá se vão. (Há adultos assim também.) Costumam gabar-se dos pais dizendo que são os homens mais fortes do mundo. Deus deve ser apresentado como o Deus forte e amoroso.

B. Mental

Sede pelo saber. Começo das dúvidas. A criança passa a investigar o porquê das coisas. A memória continua ativa. O que for agora memorizado, ficará retido e acompanhará o aluno pelo resto da vida. A criança lê muito nessa idade. É a época de pôr em suas mãos a literatura ideal, porém, graduada. A criança memoriza sem compreender o conteúdo do material. O professor deve estar ciente disso. Quase todas as crianças dessa idade acham tolas as idéias dos adultos. Esta é a época ideal para fixar hábitos e costumes corretos como: leitura da Bíblia, localização de passagens, freqüência aos

cultos, estudo da lição da Escola Dominical, contribuição financeira, graças pelo alimento, oração em geral, etc.

C. Social

Interesse no grupo, associações, organizações. O menino quer "pertencer". Irmãos vez por outra "brigam" nessa época. Não se trata de crueldade. Isso surge mesmo nessa idade. O sentimento de lealdade é muito forte. *Necessitam grandemente de tratamento simpático.* O espírito de grupo deve ser orientado e guiado em vez de sufocado ou criticado. Há plena consciência do sexo mas toda atividade dele está adormecida, de modo que repelem-se como na idade anterior. Esta é a idade ideal para orientação sexual, que deve ser ministrada pelos pais.

D. Espiritual

Sendo crente, nessa idade a criança gosta muito de adorar a Deus. Ama a Jesus como Salvador, Amigo e Herói. É a época da plasticidade espiritual.

Características e fatos comuns a todas as crianças (1ª, 2ª e 3ª infância — 1 a 11 anos)

1. Todas têm almas imortais, e provavelmente terão uma longa vida à sua frente.
2. Todas são pecadoras e precisam ser salvas.
3. Todas têm disposição para aprender algo.
4. Querem sempre ser boazinhas, a menos que estejam desvirtuadas pelos adultos
5. Correspondem ao carinho.
6. Gostam de histórias, sejam orais, ilustradas ou visualizadas.
7. Amam o canto e gostam de recitar e representar.
8. Gostam de dinamismo, movimento, especialmente ritmado. O descanso para elas é um castigo.
9. Vacilam facilmente.
10. Gostam de perguntas; de fazer e de ouvir. Querem sempre saber.
11. Respeitam a oração.

12. Desejam superar, competir.
13. Gostam de imitar. Cuidado...
14. Têm resultado lento no ensino.
15. Sua atenção e interesse têm diminuta duração.
16. Aprendem vendo, ouvindo, pegando, fazendo. Aprendem mais pelos sentidos do que pelo raciocínio. Aqui está o vasto campo audiovisual. Ele dá amplitude, cor e vida às lições. Sem esse recurso a lição não tem sentido para a criança.
17. A criança sendo demais protegida, geralmente não desenvolve sua personalidade a contento, uma vez que certas situações desenvolvem aptidões poderosas e qualidades latentes.
18. As crianças não devem ficar todo o tempo dissociadas da participação no culto com seus pais ou responsáveis.

Reflexões sobre o lar, a criança e a Igreja

• Apesar da realidade de Cristo ter sido mais mestre do que pregador, e da igreja primitiva considerar a instrução bíblica uma seqüência da pregação, só há pouco tempo é que as escolas bíblicas incluíram em seus cursos matérias de Educação Cristã. É lamentável notar tanta ênfase dada à preparação de pregadores e quase nenhuma ao preparo de ensinadores.

• As igrejas em geral, sustentam seus pastores para cuidarem do rebanho, da evangelização e da administração do trabalho, mas não se sabe de igrejas sustentando obreiros cujo ministério seja principalmente o do ensino da Palavra, de tempo integral, local ou itinerante, conforme 1 Coríntios 12.28 e Efésios 4.11,12.

• Uma nação nada mais é do que o conjunto de muitos lares. A fraqueza de uma nação não começa na escola, no trabalho, nem na política, mas no lar. O mesmo ocorre na Igreja. Cuidemos do lar.

• Aqueles que corretamente educam crianças merecem mais honra do que os que as trouxeram ao mundo, porque estes apenas lhes deram vida, mas aqueles lhes imprimiram a arte do bem viver *(Aristóteles)*.

• Se queres um pomar com boas frutas, planta as árvores enquanto estão pequeninas. Se o caso é semente, então usa-a da melhor qualidade. Essas plantinhas terão que ser cuidadas, para crescerem e produzirem fruto. Não podemos, nem devemos esperar nem exigir bons frutos de plantas das quais não cuidamos. E plantas só dão frutos quando crescem! Cuidemos das crianças! (Pv 28.19).

• Nossos filhos são as únicas dádivas deste mundo que poderemos ter conosco lá na glória. Que cada família cristã viva, trabalhe e ore para manter um dia um encontro junto ao trono de Deus, o qual estabeleceu a família como sua primeira instituição na terra.

• Afirmam os pensadores que o Século XVIII descobriu o homem; o Século XIX descobriu a mulher; e o século XX descobriu a criança. Agora, que a criança está no enfoque, e todo mundo fala nisso, vamos ensiná-la da maneira certa — conduzindo-a ao temor de Deus, servindo-lhe de exemplo e formando nela o caráter ideal. Nenhum pai ou mãe quer seu filho analfabeto, e quanto ao conhecimento de Deus, pode ser diferente?

IV. Os Intermediários (12-14 anos)

São também chamados adolescentes, o que de fato são. ("Adolescente" deriva do latim *adolesco* = crescer, desenvolver-se para a idade varonil. Nossa palavra "adulto" é o particípio de *adolesco* = crescido.)

Palavra descritiva da idade: *Transição.*

A. Físico

Crescimento rápido outra vez. Mudanças profundas, físicas e mentais, isto devido a ação de certas glândulas até então inativas, mas, agora, em obediência às leis do Criador, são ativadas e respondem pelas transformações físicas e psíquicas da criança. Há agora muito vigor e muita atividade. O coração do adolescente cresce e palpita com mais rapidez, o que dá ao menino energia, tornando-o barulhento. Bate a porta com força, assobia e grita com força total, que a pobre mãe cansada e nervosa pergunta porque é que o Joãozinho não

pode ser mais cavalheiro e delicado. Esses jovens furacões também dão vazão facilmente a tais explosões de energia e logo ficam cansados. Meninos e meninas começam a demorar-se diante do espelho e do perfume. As meninas crescem mais rápido, mas param mais cedo; os meninos demoram um pouco mais e continuam crescendo. Devido as novas forças desenvolvidas e o desassossego do físico, grandes perigos rondam esta idade.

Os adolescentes são desajeitados; esbarram em tudo e como quebram as coisas em casa!!! Isso porque mãos, pernas e pés estão em rápido crescimento, juntamente com forças até então inativas, e o cálculo e a firmeza sofrem prejuízos. Também costumam aprender e inventar cacoetes os mais diversos, mas sendo observados com simpatia, os abandonam pouco depois automaticamente. (Cacoetes na idade adulta têm sempre origem no sistema nervoso, como pressa, preocupação, estado emocional, etc., etc.)

Deus deve ser apresentado aos adolescentes como o nosso verdadeiro alvo.

B. Mental

Expansão. Abandono das coisas de criança. Surge a razão, a mais alta das faculdades humanas, e o rapaz está sempre a perguntar o *porquê* e o *como* das coisas. (Falamos de *razão* no sentido de *raciocínio*, e não noutro). É a idade das dúvidas, inclusive as de ordem teológica. O adolescente é pesquisador e lógico. Lê muito, se tiver formado esse hábito. Concentra-se no que faz. *Surgem as emoções*. Perguntas bíblicas. Impera o reino da fantasia. Há constante sonhos quiméricos de coisas irrealizáveis, que costumamos chamar de "castelos de areia". As emoções oscilam de um extremo ao outro. Hoje a mocinha está alegre, irrequieta, sonhadora. Amanhã estará muda, triste e não gosta mais de ninguém. O rapazinho adquire ares de teimosia, rebeldia, argumentação. Tudo isso faz parte dessa idade. Tudo deve ser canalizado e orientado para o bem.

A oração constante a Deus e a confiança em suas promessas segundo a sua Palavra, por parte dos pais, é fator de primeira ordem para o equilíbrio, controle e vitória, tanto no lar como na vida dos adolescentes.

É ainda nessa idade que a mente atinge o mais elevado período intelectual, na fronteira dos 15 anos.

C. Social

Desejo de companhia. Aumenta o sentimento de grupo. Os pais enfrentam o problema de companheiros apropriados para os filhos. Impulsos de independência. Detestam a rotina; querem variedade. Emoções intensas. A disposição e a força devem ser corretamente orientados. O amor profundo que surge nessa época deve ter seu verdadeiro alvo em Deus e no próximo, com o qual convivemos aqui na terra até à morte. O estudo de relações humanas por parte dos pais é muito útil nessa fase.

O sentimento de justiça é muito forte, o que exige cuidado dos pais quanto a aplicação de disciplina.

D. Espiritual

É época ideal para serem conduzidos a Cristo. Precisam de apoio constante e orientação, isso num ambiente apropriado de espiritualidade profunda, atividades cristãs e programas próprios para a juventude.

V. Os Secundários (15-17anos)

Palavra descritiva da idade: *Aspiração.*

As características físicas, mentais, sociais e espirituais, são praticamente as mesmas da idade anterior, porém, mais acentuadas.

A vida sentimental continua em desenvolvimento. Muitas vezes, há romances nesse ponto, os quais exigem tato, controle, paciência, ação, confiança e observação por parte dos pais. Prossegue o espírito de competição.

VI. Os Jovens (18-24 anos)

Palavra descritiva da idade: *Independência.*

A. Físico

Vitalidade ilimitada. O físico atinge o máximo. As energias físicas e mentais devem ser dirigidas de modo a fazer do jovem (rapaz ou moça) um cooperador na obra de Deus.

B. Mental

Os sentimentos estão desenvolvidos ao máximo. Patriotismo. Paixão por ideais. O jovem gosta de aparecer. Tem prazer em exibir uniformes, distintivos, etc. Gloria-se no sacrifício e na prática do bem ao próximo, fazendo para isso seus maiores esforços. Tem forte imaginação construtiva. Jovens nessa idade têm planejado e inventado muitas máquinas e aparelhos.

C. Social

Nessa idade o jovem escolhe o seu modo de vida definido. Essa idade repele a monotomia. *É a idade de ouro da juventude*. Antes disso o jovem aspira alguma coisa, agora ele parte para a independência. A Escola Dominical pode influir grandemente na solução dos problemas do moço e da moça, como: conversão, dedicação a Cristo, vida espiritual profunda, namoro, casamento, etc. Os professores precisam ser bons conselheiros nessa fase. A escola deve procurar ter professores à altura e para isso tomar todas as providências, inclusive diante de Deus em oração e súplicas.

D. Espiritual

Nessa idade os jovens têm convicções firmes, definidas. Uma vez tendo requisitos, servem muito bem nas atividades da Escola Dominical, campanhas diversas, projetos e trabalhos em geral da igreja local. Com a assistência e orientação necessárias, o trabalho da Mocidade produz abundantemente. A liderança desenvolvida através dos anos tem agora o seu auge.

VII. Idades de 25 a 60 anos

Daremos apenas um resumo, com as palavras descritivas de cada idade e ligeiras observações. Não é que essas faixas de idade tenham pouca importância para o professor. Não! É devido às estreitas limitações do espaço e tempo deste curso.

A. 25-34 anos. Palavra descritiva da idade: *Aplicação*. A prudência entra em ação.

B. 35-60 anos. Palavra descritiva da idade: *Realização*. A constância é uma realidade nessa idade. É o meio dia da vida. É como se alguém subisse a uma montanha e chegasse ao topo.

C. 60 anos para cima. Palavra descritiva da idade: *Reflexão.* Aqui começa a descida da montanha da vida... É o inverso da subida na infância. Nessa idade, o homem e a mulher necessitam de apoio, simpatia, compreensão e paciência. É o início da velhice. São muito observadores. Se não tiverem o Espírito de Cristo e uma sólida formação, tenderão:

- Ao pessimismo
- À crítica
- À murmuração
- A ressentimentos
- À maledicência
- A maus hábitos

Conclusão. O ensino para ser eficiente deve ser graduado, de modo a atender às necessidades dessas diferentes idades, segundo suas *características*, *necessidades* e *interesses* que acabamos de ver. Fica, pois, bem claro que o professor para ser eficiente precisa não somente conhecer a matéria que vai ensinar (a Palavra de Deus) e ser espiritual; mas também conhecer o aluno, não apenas no sentido pessoal, mas sua psicologia. Oremos e busquemos o Senhor para que Ele levante um poderoso ministério de ensino entre nós.

Questionário

1. Quais os quatro aspectos em que a Psicologia, no campo da educação cristã, estuda o aluno?
   - 1-5 anos
   - 6-8 anos
   - 9-11 anos
   - 12-14 anos
   - 15-17 anos
   - 18-24 anos
   - 25-34 anos
   - 35-60 anos
   - 60... anos
2. Cite as principais características das faixas etárias acima, dentro de cada aspecto: físico, mental, social e espiritual.
3. Cite algumas características comuns a todas as crianças da 1ª, 2ª e 3ª infância.

Bibliografia

Para estudo subsidiário das matérias contidas neste manual.

UNIDADE I — BIBLIOLOGIA

ADAMS, J. Mackee. *A Bíblia e as Civilizações Antigas.*
ALMEIDA, Antonio. *Manual de Hermenêutica Sagrada.*
CARLSON, G. Raymond. *How to Study the Bible.*
GILBERTO, Antonio. *Introdução Bíblica.* (Apostila de curso).
HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico.*
LUCE, Alice. *Introduccion Bíblica.*
MARSH, F. E. *Five Hundred Bible Readings.*
MEIN, John. *A Bíblia, Como Chegou Até Nós.*
MONEY, Netta Kemp. *La Geografia Histórica del Mundo Bíblico.*
RONIS Oswaldo. *Geografia Bíblica.*
THOMPSON, Frank Charles. *The New Chain Reference Bible.*

UNIDADE II — DOUTRINAS BÍBLICAS FUNDAMENTAIS

DAKE F. J. *The Annotated Reference Bible.*
DAY, Millard F. *Basic Bible Doctrines.*
PARDINGTON, George P. *Outlines Studies in Christian Doctrine.*
PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.*
SCOFIELD, C. I. *Scofield Reference Bible.*
WELCH, Charles H. *Dispensational Truth.*

Unidade III — Escola Dominical

Anders, Rodolfo. *A Escola Dominical.*
Gilberto, Antonio. *A Escola Dominical.* (Apostila de curso)
Lawrence, Marion. *My Message to Sunday-School Teachers.*
Lay, Wesley. *A Escola Bíblica de Férias.*
Riggs, Ralph M. *A Sucessful Sunday School.*
Williams, Ralph & Beth. *La Escuela Dominical.*

Unidade IV — Pedagogia

Araújo, João Dias. *O Ensino na Escola Dominical.*
Bazan, D. *Preparando Maestros Para la Escuela Dominical.*
Gilberto, Antonio. *Pedagogia Bíblica*. (Apostila de curso)
Gregory, John Milton. *As Sete Leis do Ensino.*
Hurst, D. V. *And He Gave Teachers.*
Oliver, Charles. *A Preparação de Professores.*
Walker, Louise. *Métodos de Ensino.*

Unidade V - Psicologia Educacional

Bixler, Lawrence. *How to Teach.* (*)
Derville, L. *Psicologia Prática no Ensino.* (*)
Ciaw, Escola de Instrutores. *Fundamentos do Ensino.*
Guillaume, Paul. *Manual de Psicologia.*
Hurst, D.V. *And He Gave Teachers,* (*)
Oliveira, Samuel T. *Psicologia da Adolescência.* (*)
Oliver, Charles. *A Preparação de Professores.* (*)
Pearlman, Myer. *Studying the Pupil.* (*)
Santos, Theobaldo Miranda. *Noções de Psicologia.*
Thornton, E. W. *How to Teach.* (*)

(*) Autores Evangélicos

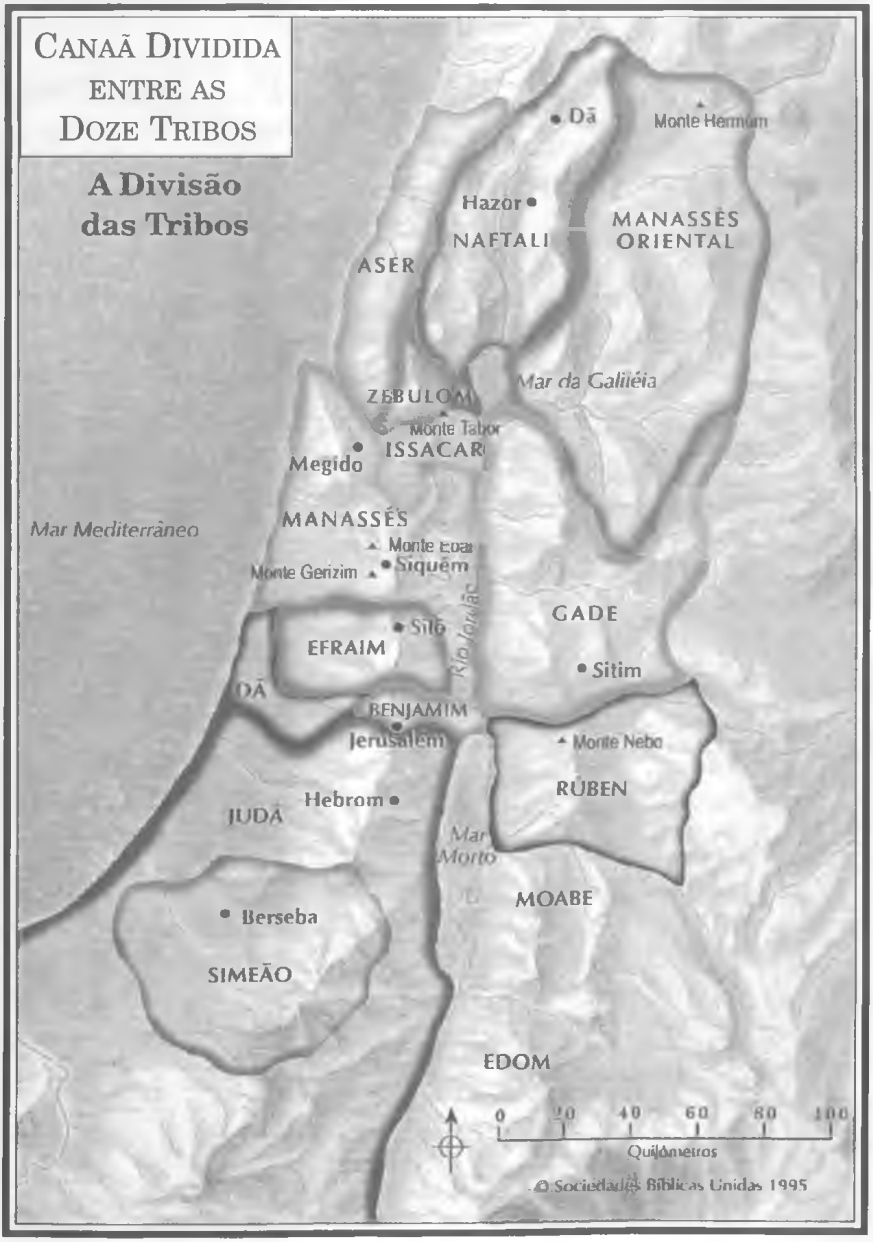
O Mundo Bíblico do Antigo Testamento

O Mundo Antigo
IMPÉRIO HITITA
SÍRIA
ASSÍRIA
MESOPOTÂMIA
BABILÔNIA
SUMÉRIA
DESERTO ARÁBICO
EGITO
MOABE
Ur
Babilônia
Mari
Ebla
Hamate
Ugarite
Alepo
Qatna
Emar
Tadmor
Qatna
Ebla
Hamate
Ugarite
Alepo

O Mundo Bíblico do Novo Testamento



A Palestina do Antigo Testamento



A Palestina do Novo Testamento



Ficha de Matrícula de Aluno da Escola Dominical

ESCOLA DOMINICAL

FICHA DE MATRÍCULA DE ALUNO

Nº:

Nome: _____

Endereço: _____

_____

_____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ É crente? _____

É membro da igreja? _____ Os pais são crentes? _____

CLASSE: _____ DATA: ____ / ____ / ____

(Verso da ficha)

Transferência de Classe

Para a classe: _____ Em ____ / ____ / ____

Para a classe: _____ Em ____ / ____ / ____

Para a classe: _____ Em ____ / ____ / ____

Para a classe: _____ Em ____ / ____ / ____

Deixou a Escola Dominical em: ____ / ____ / ____

Motivos: _____
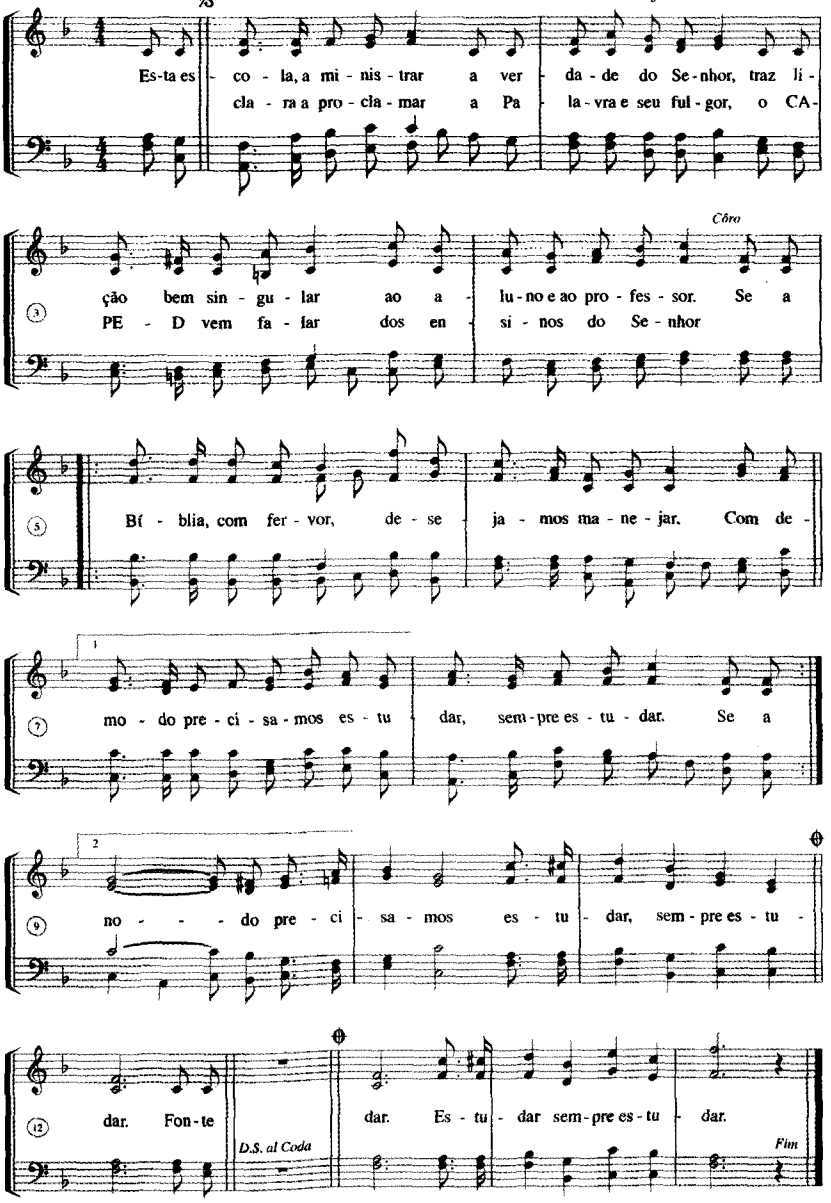
_____

Observações: _____

_____

HINO OFICIAL DO CAPED

Letra de JOANYR DE OLIVEIRA
Música e arranjo de JESSE MOTA



Índice Analítico Remissivo

A

Acessórios de Ensino, 205
Administração da Escola Dominical, 160
Adultos, Psicologia dos, 237
Agrupamentos de idades, 153, 154, 208
Alianças da Bíblia, 119
Almeida, 35
Aluno da E/D, 140-142, 148, 183
Alvo da Escola Dominical, 139, 140
Anjos, 97
Anticristo, 114, 115
Antigo Testamento, 46-49
Aplicação da mensagem da Bíblia, 57
Apócrifos, os livros, 37,38
Apontamentos, como fazer, 23
Aprender, como, 184-190
Aprendizagem, leis da, 184, 187, 190
Apresentação da lição, 195, 196
Arqueologia e a Bíblia, 72
Arrebatamento da Igreja, 114
Atenção e interesse do aluno, 186, 190
Atualização de professores, curso de, 172

Audiovisuais, 203, 204, 233
Aula, duração da, 159,196
Autoria da Bíblia, 52, 54
Avaliação do aproveitamento escolar, 210

B

Batismo com o Espírito Santo, 106
Batismo em água, 104
Berçário, 153, 154
Bíblia, 19-59
Bíblia católica-Romana, 37, 38
Bíblia em português, 35
Bíblia hebraica, 39
Bíblia "Novo Mundo", 37
Bíblia, o que é a, 32
Bíblia, sua revelação progressiva, 85
Bibliologia, 19-85
Biblioteca da Escola Dominical, 157
Biótipo, 222

C

Capitais da Palestina, 79
Caráter, 223
Características comuns das crianças, 232
Características dos grupos, 227-238
Cartografia, 72
Ceia do Senhor, 105
Classe de treinamento de professores, 172
Classes da Escola Dominical, 153
Classificação das doutrinas, 93
Como devemos estudar a Bíblia, 20
Como melhorar sua Escola Dominical, 171
Como organizar uma nova Escola Dominical, 158
Como podemos entender a Bíblia, 21
Conceituação de "Escola Dominical", 125-127
Concursos bíblicos, 173

Conhecimentos do prof. da E/D, 164
Contexto, 24
Corpo discente da E/D, 152
Corpo docente da E/D, 151
Costumes e doutrinas, 92
Costumes e vida dos povos bíblicos, 61
Crente e o Estado, 112
Criação de todas as coisas, 98
Crianças, 152, 227-233
Cristo, 95-97
Critérios de avaliação, 210-214
Cronologia Bíblica, 66
Cruzadas, 81
Culto infantil da E/D, 159, 208
Cura divina, 110
Currículo, 184, 208
Curso de atualização de professores, 172
Curso de formação de professores, 172

D

Datas para comemorar, 162, 173
Demônios, 98
Departamentos da Escola Dominical, 154, 155
Destino eterno do homem, 112
Deus, o Espírito Santo, 95-97
Deus, o Filho, 95,96
Deus, o Pai, 95,96
Deus Trino, 95
Dificuldades bíblicas, 84
Diretoria da Escola Dominical, 150
Dirigente da Escola Dominical, 150, 160
Dispensações, 118
Dízimos e ofertas, 111
Dons e Fruto do Espírito Santo, 107
Doutrinas e costumes, 92
Doutrinas falsas, 92
Doutrinas fundamentais, 89,93

E

Ensinar, ensino, 189, 183, 193
Ensino da Palavra através dos tempos, 129, 131, 133
Ensino, leis do, 184, 185
Esboço da lição, 195, 196
Escola Bíblica de Férias, 172, 176
Escola Dominical, 125
Escola Dominical no Brasil, A, 135
Escola Dominical, o que é, 125
Escola Dominical padrão, 172
Escrita primitiva da Bíblia, 30
Escritores da Bíblia, 31
Estado e o crente, 112
Estado eterno, 118
Estrutura da Bíblia, 43
Estudo da Bíblia, métodos de, 81
Etapas da lição, 194
"Eu" (Psicologia), 223
Evangelismo pessoal, 101
Evidências da origem divina da Bíblia, 53
Evolução, 99
Examinar, 188
Exegese, 59
Exposições bíblicas, 173

F

Fatos da Bíblia, 48
Fatores de progresso no conhecimento da Bíblia, 56
Faixas etárias, 153, 208, 227
Fé, 110
Ficha de Matrícula na E/D, 155, 156, 245
Fichário da Escola Dominical, 155, 156
Figura de retórica, 58, 61
Fontes de consulta, 26
Formas de doutrina, 92
Fruto e dons do Espírito Santo, 107
Fundador da Escola Dominical, 133

G

Geografia Bíblica, 70
Graça e Lei contrastadas, 102
Grande Tribulação, 114
Grupos de idades, 153, 208, 227

H

Hereditariedade, 222, 224
Hermenêutica Sagrada, 59
História Bíblica, 70
História da Escola Dominical, 128
História Geral, 72
Homem, 99
Homilética, 62

I

Idade Média, 132, 133
Idades na Escola Dominical, 153, 208
Igreja, 103
Igreja, o lar, a criança, 233
Importância da doutrina, 91
Inferência, 24
Inspiração divina da Bíblia, 53, 94
Instintos, 223
Interesse e atenção, 189, 190
Intermediários, 234
Intuição, 186
Israel, geografia de, 75

J

Jardim de Infância, 228
Jerusalém, 79
Jesus Cristo, 95, 96
Jovens, 236
Juízo final, 117
Juniores, 231

K

Kalley, Robert, 135

L

Lar, a criança e a Igreja, 233
Lar e Escola Dominical, 174, 233
Lei e Graça contrastadas, 102
Leis básicas da aprendizagem, 184-190
Leis do Ensino e da Aprendizagem, 184-190
Linguagem, 197
Linguagem figurada da Escritura, 58, 61
Línguas originais da Bíblia, 31
Literatura da E/D, 167,171
Livros, 26
Livros apócrifos, 37, 38

M

Manuscritos bíblicos, 25, 30, 32, 33
Manuseio e estudo da Bíblia, 23, 81
Manutenção da Escola Dominical, 158
Mapas Bíblicos, 72, 241-244
Mares bíblicos, 72, 78
Material de ensino, 149, 167, 171, 208
Matérias de curso de treinamento de professores, 172
Materiais em que a Bíblia foi escrita, 30
Matrícula na Escola Dominical, 155
Meio ambiente, 222, 223
Meios auxiliares de ensino, 205
Melhor escola do mundo, 144
Melhoramento do professor, 172
Melhoramento da Escola Dominical, 171
Métodos de ensino, 202-205
Métodos de estudo da Bíblia, 81
Milênio, 116
Missões, 173, 175

Montes da Palestina, 78
Moody, 84, 85, 142
Morte, 112
Mundo Bíblico, 72, 73, 241, 244

N

Nação e o crente, 112
Nome "Bíblia", 31
Nomes da Bíblia, 52
Nova terra, 118
"Novo Mundo", tradução da Bíblia, 37
Novo Testamento, 46
Novos céus, 118

O

Objetivos da Escola Dominical, 139
Objetivos do ensino, 183
Ofertas e dízimos, 111
Ordem nas coisas, 147, 148
Organização da E/D, 148
Organização de uma nova E/D, 158
Organização na Bíblia, 147, 148
Origem do nome "Bíblia", 31
Originais da Bíblia, 25, 30, 32, 33
Ouvir, 187, 188

P

Palestina, geografia da, 75-81
Papiro, 30
Pecado, 99
Pedagogia, 182
Percentuais no aprendizado, 188
Perfeito Estado Eterno, 118
Pergaminho, 30
Pensamento, 141

Peréia, 77
Perguntas, 202
Personalidade, 222-225
Plano de aula, 195
Porque devemos estudar a Bíblia, 20
Potencial da E/D, 131,137, 143
Pregação, 62
Preparação da lição, 194,195
Preparação do pregador, 62
Primários, 229
Profecias da Bíblia, 62
Professor da E/D, 151, 161, 164, 172, 192
Programa de trabalho da E/D, 158
Promoção da Escola Dominical, 170
Províncias da Palestina, 77
Psicologia Educacional, 219

Q

Que é a Bíblia, 20, 32

R

Recursos audiovisuais, 203, 206
Referências bíblicas, 23, 24, 60
Reino milenial de Cristo, 116
Relacionamento do aluno, 183
Requisitos da E/D padrão, 174, 175
Requisitos do professor da Escola Dominical, 151, 152, 161, 164
Ressurreição, 112
Reunião semanal de professores, 152
Revelação progressiva da verdade, 86
Revisões da Bíblia, 41
Rios da Palestina, 78
Robert Kalley, 135
Robert Raikes, 133

S

Salvação, 101
Santa Ceia, 105
Santidade, 109
Santificação, 109, 110
Secretaria da E/D, 156
Séculos, 69
Secundários, 236
Segunda vinda de Jesus, 114
Sermão, 63
Siglas de versões bíblicas, 25
Sinagogas, 130
Sistemas de verificação de aproveitamento escolar, 213
Sociedades Bíblicas, 39

T

Tema central da Bíblia, 47
Temas para currículos, 209
Temperamento, 222, 223
Teste de auto-avaliação do professor, 211
Texto e contexto, 24
Tipologia, 58, 61
Tipos de alunos, 224
Títulos da Bíblia, 32, 52
Tradução da Bíblia, 34-37
Transferência de classe, 156
Treinamento de professores, curso de, 172
Trino Deus, 95

U

Unidade da Bíblia, 44

V

Velhice, 238
Ver (a visão), 187, 188

Verificação do aproveitamento escolar, 210-214
Vernáculo, 57, 60, 197
Versões da Bíblia, 40
Vida e costumes dos povos bíblicos, 61
Vida cristã e a Salvação, 101
Vinda de Jesus, 114
Visitação na E/D, 162, 166, 167, 198, 221
Visuais, 203, 209, 228



Se você gostou deste Manual da Escola Dominical, presenteie um amigo com um exemplar.

ANTONIO GILBERTO

Manual da Escola Dominical

Edição Atualizada e Ampliada

Um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização para professores veteranos da Escola Bíblica Dominical

- Proporcionar conhecimentos básicos aos professores iniciantes.
- Reforçar a bagagem cultural dos veteranos.
- Aumentar a capacidade de ensino dos que se dedicam ao ministério da Palavra.

Eis os objetivos principais deste livro, que proporciona ainda ricos subsídios nas áreas do pastorado, pregação, didática, história, geografia e usos e costumes dos tempos bíblicos.

Este compêndio, fruto de 35 anos de observações e experiências do autor, obedece a um plano previamente elaborado, cujo propósito maior é facilitar a consulta e o estudo sistemático da Palavra de Deus.

O autor

Ministro do Evangelho, licenciado em Teologia, Letras e Pedagogia e autor dos livros Daniel e Apocalipse, Prática do Evangelismo Pessoal, Crescimento em Cristo e A Bíblia através dos Séculos.

ISBN 85-263-0207-8

9798526 302074